



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**TATIANE SANTOS DE SOUZA**

**“UM PASSO PARA FRENTE”: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES NA  
CIDADE DE REMÍGIO – PB (1948-1980)**

**CAMPINA GRANDE**

**2018**

**TATIANE SANTOS DE SOUZA**

**“UM PASSO PARA FRENTE”: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES NA CIDADE DE  
REMÍGIO – PB (1948-1980)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito à obtenção do título de Mestre em História na área de Cultura e Cidade.

**Orientador:** Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza.

**CAMPINA GRANDE**

**2018**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S237p Souza, Tatiane Santos de.  
"Um passo para frente": espaços de sociabilidades na cidade de Remígio-  
PB (1948-1980) / Tatiane Santos de Souza. – Campina Grande, 2018.  
148 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina  
Grande, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação: Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza".  
Referências.

1. Cidade – Memória. 2. Cultura. 3. Sociabilidades – Remígio-PB. I.  
Souza, Antonio Clarindo Barbosa de. II. Título.

CDU 930.85(043)

**TATIANE SANTOS DE SOUZA**

**“UM PASSO PARA FRENTE”: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES NA CIDADE DE  
REMÍGIO – PB (1948-1980)**

Dissertação de Mestrado aprovada em: 28/02/2018

Conceito: Aprovado

**BANCA EXAMINADORA**

Antonio Clarindo Barbosa de Souza

Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza- PPGH/UFCG  
(Orientador)

Regina Coelli Gomes Nascimento

Prof.ª Dr.ª Regina Coelli Gomes Nascimento – PPGH/UFCG  
(Examinador Interno)

Waldecir Ferreira Chagas

Prof.º Dr.º Waldecir Ferreira Chagas- UEPB/ CAMPUS III  
(Examinador Externo)

CAMPINA GRANDE  
MARÇO - 2018

*Aos meus pais Aderilzo e Elizete, por todo o amor compartilhado, por ser luz no meu caminho e exemplo de vida, por me ensinarem os valores, pela presença no diálogo e pela união.*

*Dedico.*

## AGRADECIMENTOS

Meu primeiro e maior agradecimento a Deus, por me abençoar com saúde, amor, fé, sabedoria, força e perseverança, e também por me guiar pelo melhor caminho nessa trajetória de dois anos do mestrado. Me deu forças e equilíbrio necessário para chegar até aqui. Obrigada meu Deus por vivenciar um momento de alegria e de grande conquista.

A minha família: aos meus pais Aderilzo e Elizete por ser o pilar da minha vida, meu alicerce, meu porto seguro, fonte de todo amor. A minha irmã Thaís, que sempre me acompanhou nos bons e maus momentos, acreditando sempre em mim. Não tenho palavras para descrever o tamanho de minha gratidão por minha família que sempre me incentivaram e deram prioridade aos meus estudos, nunca deixaram me faltar nada.

Agradeço muito ao meu amado Breno, meu companheiro e grande amigo. Esteve ao meu lado desde o processo da seleção, me incentivou, me ajudou e acreditou em mim. Comemorou cada conquista como também enfrentou as dificuldades ao meu lado, estando sempre presente. Obrigada meu amor por todo apoio!

Agradeço especialmente ao professor e orientador Antonio Clarindo, pela competência, dedicação, atenção, ética, respeito e amizade, tornando-se exemplo de pessoa e profissional ao qual eu admiro muito. Orientou-me como também acreditou em mim e na minha pesquisa, me mostrou caminhos e me incentivou para que a escrita pudesse acontecer. Absorvi conhecimentos, informações e motivações suficientes para a realização desse trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, Iranilson Buriti, Luciano Mendonça, Marinalva Vilar, Alarcon Agra, Gervácio Batista, Keila Queiróz, sou grata por todos os conhecimentos adquiridos, com seus ensinamentos, indicações de leitura e debates que levarei por toda vida. Agradeço também ao professor Benjamim Montenegro por compartilhar conhecimentos e adquirir experiência no estágio docência.

A banca examinadora composta pela professora Regina Coelli e pelo professor Waldeci Ferreira, que me acompanharam no exame de qualificação oferecendo à pesquisa seus conhecimentos e me fazendo enxergar novos caminhos para a conclusão da escrita. Agradeço pela leitura atenciosa, contribuindo com suas análises, sugestões e com as críticas construtivas. Agradeço por seguirem comigo nesse percurso até a defesa da dissertação.

Aos colaboradores dessa pesquisa, moradores da cidade de Remígio, que abriram as portas de suas casas para uma pesquisadora e se disponibilizaram a serem entrevistados (as), contando suas histórias e experiências de vida, contribuindo com minha pesquisa. Agradeço ao Sr. Leonardo Félix, ao Sr. Juvenal Dias Pereira e seu filho José Valdery, a Maria do Carmo (Querida), a atenciosa Sra. Rita de Cássia, aos senhores Antônio José, Francisco da Silva e Heronides Dias, as senhoras Maria do Carmo Henriques (Carmoniza) e Maria Eliza, meu muito obrigada.

A Socorro Duarte eu agradeço por disponibilizar os jornais que pertenciam a sua tia, acrescentando nova fonte a pesquisa e escrita da dissertação.

Agradeço também aos meus colegas do mestrado da turma 2016. Conheci pessoas iluminadas que compartilharam alegrias, tristezas, aprendizagens e experiências, tornando o percurso mais dinâmico. Obrigada pela oportunidade de fazer novas amizades, pelas risadas, pelos cafés nos intervalos das aulas, pelos novos conhecimentos adquiridos nos eventos acadêmicos.

A CAPES pela contribuição financeira concedida, para que esta dissertação fosse realizada.

Estou muito radiante de felicidade e muito realizada por chegar até aqui. Enfrentei caminhos árduos, venci obstáculos, superei as dificuldades e nada me impediu de realizar esse sonho, fechando mais um ciclo da minha vida como pessoa e como profissional.

Sou grata por tudo!

## RESUMO

Pensar e estudar a cidade no contexto histórico implica em escrever uma história a partir da espacialidade e temporalidades. Neste contexto a cidade pensada é Remígio, localizada no interior do estado da Paraíba e a elaboração desse estudo destaca o surgimento de espaços de sociabilidades, as instituições clubistas, na formação e busca do desenvolvimento da cidade. O texto tem a inquietude de tornar possível um olhar sobre o processo da inserção desses espaços do clubismo, ao qual, destacamos o Clube 13 de Maio e a Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (Clube S.A.E.R.). A presente dissertação analisa a história deste local a partir das mudanças que ocorreram no espaço urbano, enfatizando as novas práticas urbanas, a vida cotidiana, as redefinições do espaço urbano e as transformações culturais, políticas e sociais que ocorreram na sociedade, refletindo a respeito das práticas culturais e sócio-educativas, a fim de verificar o nível de correlações no modo de vida dos associados e frequentadores com a produção e/ou reprodução de representações sociais. Na elaboração desse estudo, nos servimos de diferentes fontes, historiográficas, documentais, relatos orais de memória (História Oral), jornais, e acervos fotográficos. Para melhores resultados desta pesquisa, buscamos dialogar com o campo temático da História Cultural nos estudos inerentes as cidades e discutimos com alguns teóricos os seus conceitos no tocante à memória, cotidiano, práticas e representações.

**Palavras-Chave:** Cidade. Memória. Cultura. Sociabilidades. Remígio.



## ABSTRACT

Thinking and studying the city in the historical context implies writing a story from the spatiality and temporalities. In this context, a city thought of is Remigio, located in the State of Paraíba interior, and the study draws attention to the emergence of sociability spaces, the club institutions, in the formation and pursuit of the city development. The text has the concern to make possible a look at the process of insertion of these club spaces, to which we highlight *13 de Maio* Club, and the Society of Support to the Remigio Student (*S.A.E.R. Club*). The present dissertation analyzes this place history from the changes that occurred in the urban space, emphasizing the new urban practices, the daily life, the redefinitions of the urban space and the cultural, political and social transformations that occurred in the society, reflecting on the cultural and socio-educational practices in order to verify the level of correlations in the way of life of associates and regulars with the production and/or reproduction of social representations. In this study elaboration, we use different sources, historiographical, documentary, oral memory reports (Oral History), newspapers, and photographic collections. For the best results of this research, we sought to dialogue with the thematic field in the Cultural History in the studies inherent in cities and we discuss with some theorists their concepts regarding memory, daily life, practices and representations.

**Keywords:** City. Memory. Culture. Sociabilities. Remigio.

## LISTA DE IMAGENS

<b>IMAGEM 1:</b> Mapa de localização da cidade de Remígio- PB .....	28
<b>IMAGEM 2:</b> Construção da praça em frente à igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, em 1925.....	34
<b>IMAGEM 3:</b> Prédio do Cine São José .....	47
<b>IMAGEM 4:</b> Time de futebol “Remigense Futebol Clube”, em 1942.....	51
<b>IMAGEM 5:</b> Recorte do Jornal “A Voz de Remígio” sobre o balancete da receita e despesas do Clube 13 de Maio.....	74
<b>IMAGEM 6:</b> Abertura da Avenida Primeiro de Novembro .....	84
<b>IMAGEM 7:</b> Sede da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.), na Avenida Primeiro de novembro.....	88
<b>IMAGEM 8:</b> Ficha da estudante Maria Rodrigues de Souza .....	93
<b>IMAGEM 9:</b> Alunas do Colégio Santa Rita, Areia-PB .....	97
<b>IMAGEM 10:</b> Alunos do Ginásio Coelho Lisboa, Areia-PB.....	98
<b>IMAGEM 11:</b> Estudante fardado com as iniciais da S.A.E.R bordado do lado esquerdo.....	99
<b>IMAGEM 12:</b> Ônibus da S.A.E.R. abandonado.....	107
<b>IMAGEM 13:</b> Desfile sete de setembro com estudantes da S.A.E.R., em 1969 em frente à igreja de Nossa Senhora do Patrocínio- Remígio-PB .....	109
<b>IMAGEM 14:</b> Turma de jovens estudantes da S.A.E.R., na década de 1960 .....	114
<b>IMAGEM 15:</b> Prédio da S.A.E.R. na década de 1970 .....	127
<b>IMAGEM 16:</b> Prédio da S.A.E.R., destruído e abandonado em 2017.....	130

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 – UM PASSEIO POR REMÍGIO: A HISTÓRIA E O COTIDIANO DOS MORADORES</b> .....	27
1.1. NOS LABIRINTOS DAS VIVÊNCIAS: O COTIDIANO E AS FESTIVIDADES DA VILA DE REMÍGIO .....	39
1.1.1 UM PERCURSO PELOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS .....	43
1.1.2 A SÉTIMA ARTE PRESENTE NA VILA: A CHEGADA DO CINE SÃO JOSÉ .....	46
<b>CAPÍTULO 2 – ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES, LAZER, DIVERSÃO E EDUCAÇÃO: OS CLUBES SOCIAIS EM REMÍGIO</b> .....	54
2.1 OS CLUBES SOCIAIS E SUA RELAÇÃO COM A CIDADE. ....	54
2.2 REMÍGIO E SEUS CLUBES .....	58
2.2.1 A PRESENÇA DO CLUBE 13 DE MAIO NA VILA DE REMÍGIO .....	60
2.2.2 FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMÍGIO (S.A.E.R.) NA CIDADE DE REMÍGIO .....	80
<b>CAPÍTULO 3 - AS SOCIABILIDADES NA SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMÍGIO (S.A.E.R.): A EDUCAÇÃO E O LAZER</b> .....	90
3.1 . A NOVA EXPERIÊNCIA NO SETOR EDUCACIONAL EM REMÍGIO COM A CHEGADA DA S.A.E.R. ....	92
3.2. MOMENTOS DE LAZER E DIVERSÃO: A SOCIEDADE EXERCENDO A FUNÇÃO DE CLUBE SOCIAL DA CIDADE. ....	110
3.2.1. A RÁDIO GUARANY .....	124
3.3. “ATÉ ELA SE ACABAR EU FREQUENTEI MUITO”: O DECLÍNIO DA S.A.E.R. ....	126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	131
<b>FONTES</b> .....	134
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	136
<b>ANEXOS</b> .....	141

## INTRODUÇÃO

Diante de múltiplas dimensões que permeiam os estudos sobre cidades, escolhemos percorrer no caminho da história da cidade de Remígio, localizada no interior do estado da Paraíba, que conserva muitas histórias e guarda diversas lembranças com a presença de instituições, caracterizadas como clubes sociais. Pensando a partir das transformações urbanas e a inserção desses espaços específicos destinados à boa formação do indivíduo e ao lazer, destacamos a influência que este teve na construção da história da cidade e nas sociabilidades de seus moradores.

As discussões presentes neste trabalho propõem construir uma história da cidade a partir das mudanças que ocorreram no espaço urbano, enfatizando as novas práticas culturais, a vida cotidiana, as transformações urbanas, com ênfase no surgimento de duas instituições clubistas, o Clube 13 de Maio (1948) e a Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.- 1958), este último com uma maior abordagem. A escrita dessa história é uma construção do lugar enquanto espaço habitado, compreendendo o período de estudo, que vai de 1948, com a chegada do primeiro clube, até o ano de 1980, período de enfraquecimento das diversas atividades socioculturais promovidas pelo último espaço clubista, a Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio.

Escolhemos a chegada do primeiro clube social, o clube 13 de Maio, no ano de 1948, por se caracterizar como algo novo para a sociedade, no período em que Remígio ainda era uma vila, pois a urbanização se faria presente e a sociedade adquiria novos hábitos sociais e culturais, redefinindo o cotidiano e transformando as sociabilidades, bem como o estabelecimento de relações de convívio social, trocando experiências individuais e coletivas, hábitos, costumes e práticas sociais. Embora as transformações ocorressem em um processo lento, consideramos destacar esse período de funcionamento dos clubes, entre os anos de 1948 a 1980, como importante para a história de Remígio, pois as reformas motivadas por ideias de desenvolvimento do lugar e evolução acabaram por modificar a paisagem urbana e proporcionar em seus moradores a sensação de mudança, de avanço, ganhando outro ritmo de vida.

O interesse em pesquisar e estudar sobre cidade, volta-se pelo desejo de buscar conhecimento sobre algo que está no passado, que fez parte do desenvolvimento sociocultural de determinado lugar habitado, percorrendo caminhos que vão além do tempo, auxiliando na interpretação do que já foi vivido. Desse modo, a cidade é um campo amplo e complexo de

reflexão que possibilita a realização de muitos estudos nas mais diversas áreas. Ela abriga histórias, lembranças, sociabilidades, experiências, vivências e permite que o pesquisador adentre a esse espaço de diversidade na maneira de se abordar os estudos referentes à história das cidades.

A materialidade, a ação humana, as práticas e representações, as transformações são esses quesitos que formam a cidade e que ganha destaque nesse trabalho. A cidade que permite inúmeras interpretações e significados, possibilitando aos seus pesquisadores um campo que congrega múltiplos interesses. De acordo com a historiadora Sandra Jatahy Pesavento, considera que a cidade:

[...] é, sobretudo, uma materialidade erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza. A cidade é, nesse sentido, um outro da natureza: é algo criado pelo homem, como uma obra ou artefato. Aliás, é pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica preferencial, seja pela verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espaço construído, seja ainda pela malha de artérias e vias a entrecruzar-se em uma planta ou mapa. Pela materialidade visível, reconhecemos, imediatamente, estar em presença do fenômeno urbano, visualizado de forma bem distinta da realidade rural. (PESAVENTO, 2007, p.13)

Desse modo a historiadora Pesavento nos ajuda a pensar que a cidade possui sua história através do que é criado e transformado pelo homem. É nesse sentido, que dialogamos sobre a história da cidade de Remígio, que possui raras escritas históricas <sup>1</sup>, refletindo e analisando os espaços de sociabilidade construídos, verificando seu modo de vida, pesquisando as atividades culturais e educacionais realizadas e a maneira como as pessoas usufruíam o tempo livre para frequentar esses espaços. O interesse em escrever sobre essa cidade é poder contribuir com uma história escrita do lugar, sempre buscando conhecimentos sobre os espaços que serviam para diversões e auxiliavam os jovens estudantes, estabelecendo as relações de sociabilidades, além de resgatar a cidade através das representações.

Pensar sobre o conceito de cidade envolve muitos estudiosos interessados nesse campo de pesquisa, sejam eles historiadores, geógrafos, antropólogos, cientistas sociais e urbanistas. A importância do estudo sobre as cidades se dá pelo fato de tecer reflexões acerca do fenômeno urbano e da vida cotidiana, que ajuda a compreender as formas e as representações do mundo

---

<sup>1</sup> CUNHA, Elizabeth Cristina do Nascimento. **Remígio em cena: lazer, prazer e diversão com a chegada do cinema em Remígio – PB a partir de 1949**. Monografia. História. UFCG, 2013; MELO, Francisco de Assis. **Moleques do Palma**. – João Pessoa: Editora Imprell, 2009. 128 p.; SERAFIM, Péricles Vitório. **Remígio: Brejos e Carrascais**. João Pessoa. Editora Universitária. 1992.

social e cultural. O estudo do historiador José D’Assunção Barros sobre “Cidade e História” possibilita pensar a cidade a partir de diversos quesitos que a compõem

[...] é possível compor um quadro geral da cidade a partir da consideração de algumas dimensões fundamentais, para além da dimensão organizativa ou institucional. A cidade teria, assim, outras dimensões a serem compreendidas: populacional, econômica, morfológica, política, cultural, imaginária. (BARROS, 2012, p.49)

Alguns pontos do livro de Barros chamam mais atenção pelo fato da relação que a escrita do autor possui com o interesse em estudar Cidade. O fato de pensar a cidade como a etapa mais avançada do desenvolvimento urbano, nos remete a imaginar os fatores, as etapas e os personagens que contribuíram para esse processo. Pensar também a importância da relação da cidade com o homem, pois a cidade é construída a partir do seu olhar, e as interferências que são realizadas de acordo com as suas necessidades, haja vista, que a cidade torna-se objeto de análise e tema de reflexão.

Articulamos trabalhos sobre a historiografia local do estado da Paraíba, com temáticas sobre cidades, sociabilidades, modernização<sup>2</sup>, entre outros, para entender o processo de criação de espaços socioculturais, buscando compreender como Remígio estava situada nesse contexto. Desse modo, reportando-nos a alguns pesquisadores que escreveram sobre a história das cidades paraibanas, percebemos que vários estudos e abordagens são realizados há muito tempo e essas escritas nos auxiliam na elaboração deste trabalho.

Contamos com a escrita do historiador Antonio Clarindo Barbosa de Souza com seu trabalho intitulado “Lazeres permitidos, prazeres proibidos: Sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)”, buscando compreender as formas de sociabilidades e divertimento na cidade de Campina Grande –PB, destacando o lazer em espaços abertos e fechados, principalmente das pessoas pobres, em um momento que a cidade passava pelo processo de reformas urbanas.

Estabelecemos o diálogo com pesquisadores que pensaram a cidade através da lógica da modernização e da assimilação dos signos modernos ao cotidiano da sociedade, mesmo que

---

<sup>2</sup> A modernização relacionada ao processo de urbanização pela qual Remígio foi passando, nos diversos setores onde os sujeitos sociais atuavam, construindo uma nova paisagem urbanística para o lugar a partir da introdução de lugares destinados a sociabilidades, equipamentos que proporcionavam novos hábitos e costumes. Para maiores considerações sobre modernização consultar: REZENDE, Antonio Paulo. **(Des) encantos modernos**. Histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: Fundarpe, 1997. BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. – São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Remígio não estivesse inserido nesse grupo de cidades que adotaram práticas de modernização. O historiador Waldeci Ferreira Chagas em seu trabalho “As singularidades da modernização na cidade da Parahyba nas décadas de 1910-1930”, faz um exercício de reflexão sobre como os parahybanos incorporaram no seu cotidiano novos hábitos que lhes inseriam no mundo moderno, como o ato de ir ao cinema, à praça, aos salões, aos cafés e aos clubes sociais, evidenciando o alargamento das possibilidades de socialização para os cidadãos. Essa Análise nos possibilita aproximação com a temática sobre cidades e sociabilidades que existia na Parahyba, compreendendo como a Parahyba possibilitou a difusão da cultura de sociabilidades entre as pessoas e as cidades.

Outras contribuições de estudos sobre as cidades paraibanas apresentam-se nos trabalhos dos historiadores Gervácio Batista Aranha, com seu trabalho intitulado “Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político- econômicas e práticas culturais (1880-1925)” e Severino Cabral Filho com o trabalho sobre “A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)”. São escritas sobre cidades que percorrem caminhos que nos ajudam a pensar a cidade no conjunto de práticas socioculturais, entre elas questões sobre modernização e o uso de imagens fotográficas.

Dialogamos com o campo temático dos estudos culturais inerente às cidades. Portanto, o presente trabalho parte de uma base teórica voltada para o campo da História Cultural, especificamente da cidade, destacando os elementos culturais, econômicos, sociais e políticos, presente na sociedade em estudo. Nessa perspectiva utilizamos conceitos e definições de alguns teóricos para atingir os objetivos aqui pretendidos, por meio do diálogo, dos métodos, dos objetos de pesquisa, das fontes e seus conceitos, ao qual vamos traçar um quadro referencial teórico para sustentar o desenvolvimento da pesquisa.

Refletindo sobre o início deste campo historiográfico cultural, que ocorreu entre os anos de 1950 e 1960<sup>3</sup>, os historiadores buscavam uma forma de saber controlado, baseado em dados e conceitos teóricos, etc. Assim surge, a partir dos anos 1970, uma mudança de perspectiva para o campo da história com o surgimento dos historiadores do movimento chamado Escola dos Annales, especificamente os da terceira geração, marcado por uma crescente veemência dos historiadores franceses e ingleses neomarxistas por temas

---

<sup>3</sup> Esse período também foi de produção máxima da chamada “Era Braudeliana”, mais conhecida como a Segunda Geração dos Annales. Ver: BARROS, José D’Assunção. Teoria da História. Conteúdo V: A Escola dos Annales e a Nova História. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

relacionados à cultura, passando a terem um interesse maior pela história da cultura. (REIS, 2000)

Essa geração de historiadores defendeu renovações nas formas de ler e de fazer a história, tomando para esta, novos objetos e objetivos, novas abordagens e novos métodos. Fruto desse pensamento surge uma tendência historiográfica chamada de Nova História Cultural, propondo uma nova forma de interrogar a realidade, tomando como base temas do domínio da cultura, entendendo a cultura como fruto da construção humana, a partir do que o homem foi produzindo na sociedade e tornando uma forma simbólica de explicar e traduzir a realidade de suas vivências, partilhada pela sociedade ao longo do tempo. Essa nova história que se caracteriza por novas abordagens relacionadas ao fenômeno urbano, ao inserir a vida cotidiana nos seus estudos, destacando as manifestações da cultura de determinada sociedade, ou seja, dos moradores da cidade e dos frequentadores dos dois clubes sociais.

Produzimos uma história cultural da sociedade e entre os aspectos e fatores que a compõem, o fator cultura é bastante interessante, pois abrange relações com os próprios habitantes e a cidade torna um lugar de trocas culturais. Com base nisso, alguns teóricos nos ajudam a pensar em torno do termo/conceito sobre cultura e a observar a multiplicidade desse termo presente em cada sociedade, analisando as variadas formas de estudar sobre a cultura, sobre o que é construído socialmente, requer estudos e interpretações sociais e histórica.

A história cultural é um campo historiográfico que provocou um enriquecimento na área dos estudos históricos a partir de novos objetos e novas perspectivas de interpretação, entendida como uma nova abordagem. Um campo que vem crescendo consideravelmente, pelo fato de interessar-se pelos sujeitos produtores e receptores da cultura e sobre o conceito de cultura, existe um conjunto de variedades que norteiam os estudos culturais<sup>4</sup>. Os elementos da história cultural e sua sobrevalorização vêm predominando no campo historiográfico e a partir da nova história cultural algumas noções de cultura possibilitaram um melhor diálogo em relação ao tema aqui apresentado.

Nesse trabalho destacamos a variedade referente às práticas culturais, que são os comportamentos, atitudes, visões de mundo, entre outras, da sociedade; e as representações, entre elas o estudo sobre o cotidiano, práticas de modernização, as reformas urbanas, as

---

<sup>4</sup> Sobre os conceitos de Cultura no campo teórico historiográfico com contribuição antropológica, ver: Burke, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008; GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**; Tradução de Vera Mello Joscelyne. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.



mudanças de hábitos e costumes a partir da chegada dos clubes sociais. Tomamos como conhecimento que as práticas e as representações da sociedade estudada se correlacionam ao meio em que vivem e ao meio social a que pertencem.

Ao trabalhar as práticas culturais dos cidadãos remigenses e sobre as suas representações, mostramos como eram as suas manifestações culturais na cidade, especificamente sobre os sujeitos que frequentavam pertencentes à elite local, e em raras exceções aos pobres. Assim, utilizaremos sobre os conceitos de práticas e representações do historiador francês, vinculado à historiografia francesa, Roger Chartier (1990), em seu livro “A História Cultural entre práticas e representações”, para construir uma história escrita desse lugar, por compreender o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação.

Esse autor reflete sobre diversas questões e propõe um conceito de cultura enquanto prática. Desse modo, consideramos que a cidade que será estudada permite compreender um conjunto de práticas e os clubes sociais exercem as representações simbólicas e materiais. Portanto, para Chartier a cultura deveria ser examinada tomando-se como referência as práticas sociais que geram as representações dos sujeitos envolvidos em determinado contexto.

De acordo com Chartier, a história cultural deve ser entendida como uma perspectiva para identificar “o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada e dada a ler.” (CHARTIER, 1990, p.17) Segundo o autor, trata-se de compreender como o objeto histórico é produzido, em determinado contexto histórico, permitindo aos pesquisadores a ter um olhar mais direcionado no que diz respeito à sociedade e suas formas de representação do mundo social, portanto, preocupa-se em explicar que as percepções/representações não são discursos neutros, pois

[...] produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. [...]. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p.17)

Essas representações que são resultado de determinadas motivações e necessidades sociais, possibilitando novas perspectivas de estudo para a historiografia cultural. Nessa escrita, as representações nos ajudam a compreender o espaço urbano e os espaços dos clubes sociais,

além do espaço citadino da sociedade remigense, no que diz respeito às vivências e sociabilidades, onde os indivíduos constroem a realidade do passado. Esse espaço que foi palco de múltiplos interesses, tendo em vista o desenvolvimento econômico e social da cidade.

Ao voltar-se para a vida social remigense, pois a história cultural nesse trabalho possui um viés social, essa tendência da historiografia destaca o papel das representações, tomando por objeto as formas e motivos desse conceito, no sentido de pensá-las para a análise das construções sociais e conceituais de um determinado tempo ou espaço. É a relação com o uso e as representações das pessoas que exerciam nesse local, que estão em evidência nesse estudo e possibilita resgatar a construção de significados dentro do espaço urbano, reorganizando o espaço.

Enfatizamos um estudo centrado na cultural local e regional, direcionado aos aspectos culturais, valorizando aspectos do meio social que vão além do tempo e do espaço, pois estudamos esses espaços enquanto espaço de sociabilidades, destacando que a vida de alguns remigenses passava de algum modo, pelo clubismo, onde estabeleciam relações e desenvolviam atividades.

Dando ênfase aos aspectos da vida sociocultural, destacamos a contribuição do historiador e filósofo Michel de Certeau (1994), a partir dos interesses que esse historiador tem pelos sujeitos produtores da cultura. Ele procura esclarecer as teorias das práticas existentes no cotidiano das pessoas, na perspectiva da cultura de massa, nas culturas populares, estudando as representações e os comportamentos de uma determinada sociedade. Suas considerações nos ajudam a pensar os clubes como espaços de apropriação pelos frequentadores que transformam em um lugar de aproximações, podendo ser compartilhadas suas vivências e experiências.

Ao analisar o cotidiano das pessoas na cidade de Remígio com a presença dos clubes, dialogamos com as perspectivas de Certeau em sua obra “A invenção do cotidiano” 1 e 2, que nos ajudam a entender as normas culturais da cidade através do cotidiano de seus moradores. Através do autor, podemos analisar o cotidiano como diferentes formas de espaço (lugar praticado) e formação de lugares (planejado) (CERTEAU, 1994). O autor apresenta esse debate para compreender a vida da sociedade e entender os processos de uso de determinados espaços.

Em alguns questionamentos sobre o cotidiano, Certeau enfatiza sobre a atuação dos praticantes do urbano, o lugar e o espaço e o conceito de invenção, a partir do qual revela a existência de uma cultura cotidiana, ordinária. Falar como era o cotidiano na cidade, nos leva a

pensar como a população utilizava alguns espaços públicos e privados <sup>5</sup> para promover o convívio coletivo em contato com as transformações do lugar em que viviam, modificando os hábitos e costumes, vivenciando os aspectos da vida cidadina diante de algumas modificações no espaço (CERTEAU, 2012).

As pessoas compartilham o cotidiano com a cidade que já é sua permanente e móvel exposição, onde há mil modos de vestir-se, de circular, de decorar, de imaginar e as práticas dos habitantes criam, no próprio espaço urbano, uma multitude de combinações possíveis entre lugares antigos e situações novas. (CERTEAU, 2013, p.199) Assim, tal pensamento nos ajuda a pensar a organização do espaço urbano, a construção de locais para fins educativos, divertimento e lazer, bem como as normas e práticas disciplinares empreendidas pela população.

De acordo com Italo Calvino, em sua obra “Cidades Invisíveis”, “A cidade é feita das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos.” (CALVINO, 2003, p.42) Nesse sentido, outras considerações de Certeau nos ajudam a pensar os clubes como espaços de apropriação pelos frequentadores que transformam em um lugar de aproximações, podendo ser compartilhadas suas vivências e ajudando o local em que vivem se tornar desenvolvido.

Certeau coloca que “essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio- cultural.” (CERTEAU, 2013, p.41) O autor fala sobre as práticas cotidianas que estão presentes nas sociedades e entre essas práticas estão às práticas de leitura, as práticas dos espaços urbanos, entre outras. Portanto, através de nossas fontes, seja nos fragmentos encontrados nos jornais e/ou nos relatos orais de memória da nossa pesquisa, procuramos reconstituir as maneiras de fazer da sociedade remigense da época em estudo.

É válido apontar as considerações de Michel de Certeau no livro “A escrita da história” (1982), que ele considera a escrita da história como uma operação historiográfica, procurando identificar os elementos dos quais o pesquisador utiliza para tornar a sua narração verdadeira. Nessa perspectiva, o espaço se configura como um lugar praticado, apropriado e reinventado em situações cotidianas, através de seus habitantes. Desse modo compreendemos que o lugar praticado é parte integrante do que é vivido em tal espaço e em determinada época. Esse fato

---

<sup>5</sup> Essas transformações observadas em alguns dos espaços públicos e privados estão vinculadas as mudanças ocorridas na cidade em sua totalidade. Os espaços podem ser praças, ruas, cinema, bares, mercados públicos, feira livre e clubes.

se dá porque como nos afirma o autor, a articulação da história com o lugar é a condição de uma análise da sociedade. (CERTEAU, 2008, p.77)

O clube não se caracterizava enquanto um espaço totalmente igualitário para toda a população remigense, em relação às classes sociais já definidas nesta sociedade, no período aqui estudado. Existia uma parcela que tinha condições de participar ativamente das atividades realizadas pelos clubes, onde as representações e as práticas sociais ocorriam, e podiam ser ‘lidas’ de múltiplas formas. Além do lazer, essas eram práticas nas quais se via e se era visto, já que o “divertimento coletivo faz parte também do complexo jogo da representação social.” (CHARTIER, 1990, p.20). Buscamos refletir sobre as formas de convívio individual e coletivo, portanto, é necessário destacar o surgimento dessas instituições com a pretensão de auxiliar na educação dos filhos da terra, especificamente dos filhos dos sócios, que eram os que mantinham o funcionamento dos mesmos.

De fundamental importância para a escrita desse trabalho historiográfico é o uso das fontes. Contamos com fontes documentais, impressas, iconográficas e relatos orais de memória, a partir do olhar crítico, em relação às fontes que foram encontradas. Dispomos de algumas edições de dois jornais que circulavam nessa sociedade no período inicial aqui estudado, são eles “O Papagaio” e “A voz de Remígio”, e procuramos utilizá-los de forma crítica, possibilitando analisar o cotidiano das pessoas e a vivência no Clube 13 de Maio.

A utilização desses jornais nos ajuda a analisar múltiplos aspectos da vida social e política que vivia a sociedade remigense no período que era Vila, destacando as notícias sobre os acontecimentos que ocorriam em Remígio. Desse modo compartilhamos o pensamento da historiadora Tania Regina de Luca, quando enfatiza que os jornais são “obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.” (LUCA, 2015, p.140). Esse veículo de informação registrava as transformações na vila e as experiências ditas modernas a partir das relações estabelecidas na convivência cotidiana.

Outra fonte utilizada é a fonte iconográfica, que nos ajuda a compreendê-la como fonte histórica, possibilitando estudar com mais propriedade a temporalidade proposta. Muitas pesquisas são realizadas com base no uso de fotografias de determinado período e lugar, pois trabalha com representações do real que são significadas pelos seus elementos visuais e contextuais e permite utilizá-las junto com outros tipos de fontes. A relação da fotografia com

os estudos sobre cidades é inserida como palco para “reprodução” do cotidiano, as transformações com ideário de progresso (CABRAL FILHO, 2009), entre outros.

A imagem fotográfica é relacionada à história e é considerada importante no momento em que as mesmas são acessadas como fontes históricas. Tendo em vista a época em estudo e a difusão da fotografia nesse período, podemos perceber que apenas uma parcela da sociedade remigense tinha acesso aos registros fotográficos. Essa sociedade pode ser definida por grupos sociais que exerciam papéis políticos e econômicos dominantes.

Peter Burke define que as imagens da fotografia nos permitem “imaginar” o passado de forma mais vívida, em diferentes períodos transmitindo informações, pois elas registram atos de testemunho ocular (BURKE, 2004, p. 17). Ao lado de testemunhos orais, elas são utilizadas com a finalidade que algumas falas dos depoentes auxiliem na compreensão do leitor, tidas como recursos de linguagem, como fonte, como documento, a fim de estruturar melhor a nossa escrita e nossa percepção dos diversos momentos que a cidade viveu.

O pesquisador e arquiteto Boris Kossoy também desenvolve seus estudos pautados na fotografia. Em seu livro “Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo”, Kossoy desenvolve uma clara explicação de como a fotografia vem se destacando nas diferentes áreas das ciências humanas, apontando teoria, conceitos, métodos e abordagens, sendo tratada como fonte e que a imagem fotográfica se apresenta ao pesquisador como “um instrumento auxiliar da investigação que se presta a análises e interpretações, e que ganha significado quando utilizada no trabalho científico juntamente com outras fontes.” (KOSSOY, 2014, p.36)

Ao realizar um cruzamento de fontes com a pretensão de enriquecer a análise desta pesquisa, utilizamos também a História Oral como fonte. Destacamos alguns relatos orais de memória de alguns moradores de Remígio e também de pessoas que estiveram presentes na inserção do clube na cidade e participaram ativamente, para entender como algumas pessoas que vivenciaram a época em estudo, se apropriavam e compartilhavam suas práticas culturais e sociais em torno dos clubes sociais. As narrativas orais das memórias dos cidadãos nos auxiliam a seguir os caminhos das significações sobre a receptividade dos clubes sociais na cidade.

A escolha dos nossos colaboradores foi realizada de acordo com os nomes das pessoas presente nos estatutos dos clubes, das fichas estudantis, dos livros de memorialistas, das

fotografias existentes na rede social do Museu Virtual de Remígio<sup>6</sup> e de pesquisas já realizadas anteriormente. O contato inicial foi exercido através de conversas com a apresentação da temática da pesquisa, informando o recorte temporal e espacial, um entendimento preparatório sobre o processo da entrevista. Marcado o local, a data e o horário e utilizando aparelho gravador de áudio, foram realizadas as entrevistas com a permissão de publicação por parte do(a) colaborador(a), tendo o mesmo a liberdade de desistir ou de interromper a sua colaboração nesta pesquisa no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação.

Dividimos a participação de pessoas que foram sócios, frequentadores, ex-alunos(as), ex-professora, moradores da cidade, ambos com mais de 70 anos de idade, tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino. Seguimos um roteiro de entrevista, com aproximadamente quarenta perguntas relacionadas ao clube e a cidade de Remígio. No final de cada entrevista o(a) entrevistado(a) assinava o termo de autorização para gravação de voz, conforme o regulamento do Comitê de ética.

O trabalho com oralidade humana nos apresenta algumas limitações ao utilizá-las enquanto fonte documental, pois ao resgatar lembranças a partir da memória dos depoentes, há uma tentativa constante de construção de uma narrativa coerente acerca do lugar e do momento experimentados. Trabalhar com esse tema referente às práticas culturais realizadas nos clubes sociais possibilita ao morador remigense buscar, a partir das suas memórias, sua atuação dentro desse espaço, além de registrar como ocorriam as relações entre as pessoas que frequentavam, haja vista que de início avaliamos uma inexistência de fontes escritas acerca da temática referente à cidade.

Nesse período de 1948 a 1980, a cidade passou por um processo significativo de transformações urbanas e expansão. Remígio passa por diferentes etapas político-administrativas (vila e cidade), obtendo novas formas a partir do processo de transformações urbanas, no momento que os espaços urbanos e o cotidiano vão sendo modificados a partir da inserção de novos hábitos e costumes pela presença de espaços que compartilhavam suas sociabilidades, ganhando outras configurações.

---

<sup>6</sup> O Museu Virtual de Remígio é um perfil da rede social – Facebook – que contém imagens e pequenos textos sobre fatos e acontecimentos históricos que ocorreram em Remígio e que aproxima as recordações das pessoas, possibilitando um espaço de reencontros e recordações. Encontra-se ativo desde o ano de 2012 e a proposta de um museu virtual como um instrumento de popularização de um acervo museológico, para o qual a cidade participa com os seus patrimônios: material, imaterial e ambiental. Um canal de acesso ao conhecimento sobre a cidade e um espaço de construção de saber, memória e de promoção de ações preservacionistas. Página de acesso: <https://www.facebook.com/museu.remigio>

Esse estudo vem a contribuir para entender algumas normas e formas de vivência como: as vestimentas, a linguagem, os gestos, os sentimentos, diante do convívio social e para isso, contamos com a ajuda dos relatos orais de memória, para compreender algumas representações da vida na cidade de Remígio, através do olhar dos seus moradores, tendo em vista que a oralidade marca as gerações e a questão da narrativa é considerada como um traço forte na recepção dos discursos da memória.

A relação da História Oral com a História Cultural está presente nos estudos e pesquisas que se direcionam ao entendimento das representações do passado, da análise das relações de sociabilidades, do que foi vivido individual e coletivamente, onde se recompõem as lembranças da vida cotidiana, das atividades sociais, políticas, religiosas, econômicas e culturais, tornando-se um meio de estudo importante que tem despertado o interesse em muitos pesquisadores, a exemplo dos historiadores, por dar voz ao passado a partir do processo de rememoração, das lembranças de suas memórias, que está integrada a definição de tempo e de espaço.

Reportando-nos ao historiador Antonio Torres Montenegro, em sua análise sobre os trabalhos com a história oral no livro “Percurso historiográfico e metodológico da contemporaneidade”, ele enfatiza que “ao recorreremos à memória como fonte documental, considerando inclusive os seus mais diversos suportes materiais, devemos estar atentos às suas múltiplas dimensões cognitivas.” (MONTENEGRO, 2013, p. 68) Assim podemos inferir que há nesse meio de fazer história uma nova abordagem social e cultural, compreendendo que através da História Oral deve-se compreender e transformar a realidade social, sempre buscando o outro e “não se deve esquecer que a memória oral é uma reconstrução do presente, em que o narrador relembra algo vivido”, valorizando as vozes silenciadas pelo tempo, permitindo aos narradores uma viagem ao tempo passado.

O pesquisador e historiador José Carlos Sebe Meihy ao citar o conceito de transformação ocorrida pela ação da História oral nos permite entender a importância de todo o processo e de todos os níveis, “desde a elaboração do projeto, escolha dos colaboradores, operação de entrevistas, produção textual e eventual análise, [...] O destino transformador, portanto, é a marca de honra da história oral.” (MEIHY, 2006, p.446) É preciso entender a fonte oral como um registro que guarda vestígios de manifestações através da oralidade humana, pois ao utilizar esse tipo de fonte devemos passar por todo um processo de seleção, preparação, realização e tratamento com todas as entrevistas.

A história oral, enquanto metodologia de pesquisa, proposta pela historiadora Verena Alberti em seu livro intitulado *Manual de História Oral*, nos ajuda a valorizar a riqueza da oralidade para o estudo das representações do passado. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (ALBERTI, 2015, p.155) E é no ato de narrar dos nossos colaboradores que a produção da memória tem um papel fundamental por ordenar e dar inteligibilidade ao mundo que viveram.

O percurso proposto no presente trabalho ao utilizar a fonte oral, nos faz pensar sobre o conceito de memória, que para o historiador francês Jacques Le Goff, a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. (LE GOFF, 1994, p. 405) Um dos pontos principais de se trabalhar com os relatos orais de memória no campo historiográfico é que a memória faz parte de toda a sociedade e por isso

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia... São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1994, p.455-456.)

As memórias individuais e coletivas <sup>7</sup> contribuem para uma escrita do local e das vivências e a intenção de traçar as primeiras influências dos clubes sociais e recreativos no processo de emancipação política da cidade de Remígio, é para mostrar como Remígio já seguia seus próprios passos, independentemente da cidade de Areia. A cidade se transforma e junto a essa transformação existem as pessoas que fazem parte desta transformação, pois a cidade é o lugar de múltiplas práticas sociais.

Através de nossas fontes escritas e orais, destacamos os diversos momentos de muitas transformações na vida da sociedade remigense, revelando a chegada de espaços de lazer e diversão, buscando na memória as práticas que passaram a realizar a partir de tais “novidades”,

---

<sup>7</sup> Sobre as memórias individuais e coletivas, Maurice Halbwachs assegura que os homens nunca estariam sós, pois suas lembranças, mesmo que individuais, eram compartilhadas com e pelos outros e caracteriza que a memória individual é interior e pessoal, com acontecimentos individuais e a memória coletiva é exterior e social, onde os acontecimentos vividos pela sociedade ou coletivamente a pessoa se sente pertencer. Ver: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértio, 1990.



para analisar o incentivo a educação através dos auxílios em transporte, cursos, palestras, etc. Conhecer os tipos de músicas, o modo de dançar, as vestimentas de homens e mulheres, o comportamento, entre outros. Nesse sentido, é preciso uma elaboração de interpretações sobre o passado de uma cidade, pensando a partir dos fios das memórias de seus cidadãos que constroem representações para os espaços nos quais elaboravam suas trajetórias.

A partir das relações sociais existentes, consideramos que os “responsáveis pela produção do espaço fundamentam-se na compreensão de que o espaço é produzido por quem de fato exerce o direito de efetivar sua produção.” (SOUZA JUNIOR, 2012, p.19) Neste sentido, os espaços construídos destinados ao lazer <sup>8</sup> e a diversão ocasiona o surgimento de diferentes formas de sociabilidade que indicam novas formas de vida. Os clubes por serem tradicionais nas cidades, se destacam por ser palco da produção de atividades culturais com apresentações de diversos artistas nacionais e locais, além de voltar-se para a sua finalidade de auxiliar os jovens na educação. Desse modo, compartilhamos do pensamento de Nelson Carvalho Marcellino, ao tratar o lazer como veículo de educação

(...) as atividades de lazer favorecem, a par do desenvolvimento pessoal, também o desenvolvimento social, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais a partir do aguçamento a sensibilidade pessoal, pelo incentivo ao auto aperfeiçoamento, pelas oportunidades de contatos primários e de desenvolvimento de sentimentos de solidariedade. (MARCELLINO, 2012, p.54).

O lazer encontrado no clube social, junto com o apoio da educação para os jovens estudantes, possibilitava certo crescimento intelectual. As sociabilidades nos permitem obter informações sobre os comportamentos socioculturais, bem como as representações ocasionadas pelo surgimento dos clubes. Estes novos espaços de sociabilidade implicam a busca por novas formas de se viver, tendo um importante papel na construção de uma nova sociedade, principalmente pelo apoio aos jovens estudantes e a cidade é o lugar mais apropriado para que práticas referentes ao lazer e a educação possa se desenvolver e onde a produção cultural pode ser estimulada.

O incentivo a educação dos jovens será mais frequente a partir da chegada do Clube 13 de Maio e a S.A.E.R.<sup>9</sup> deu prosseguimento. Apontar o impacto do clube social na vida dos

---

<sup>8</sup> “O lazer é um campo de atividade em estreita relação com as demais áreas de atuação do homem.” Ver. MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 5. ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2012. p. 16

<sup>9</sup> A partir desse ponto a Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio será chamado de S.A.E.R.

seus habitantes, desde o ano de 1948, considerando esse espaço não só socialmente, mas culturalmente, destacando a importância de auxiliar os jovens em sua educação e das festas na cultura regional, como formação social do indivíduo. É interessante observar como o cenário político foi propício para investir na diversão, no lazer, e na educação das crianças e jovens e a formação do próprio clube social. Somado a isso vem à cidade de Remígio como exemplo de crescimento cultural, social, político e econômico.

Montamos o nosso trabalho dividido em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado “UM PASSEIO POR REMÍGIO: A HISTÓRIA E O COTIDIANO DOS MORADORES” ressaltamos o surgimento de Remígio, permitindo ao leitor fazer um passeio aos anos seus anos iniciais de origem, tecendo reflexões sobre as transformações da vila, contemplando as modificações físicas e estruturais, bem como os impactos causados em seus moradores, através das reformas realizadas e das conquistas materiais que tem implicações na vida dos remigenses, destacando o crescimento da vila, que incorporou as regras de urbanismo e estendeu-as aos espaços públicos e privados.

O cotidiano alterado pelas mudanças/ inovações, a exemplo da chegada do cinema, da luz elétrica e do comércio, causando alterações nas vidas dos moradores. Demonstramos como o cotidiano e as sociabilidades eram vividas, em um período que antecede a chegada do Clube 13 de Maio, as diversões em lugares públicos, às vivências entre bares, praças, ruas, cinema, festas cívicas, populares e religiosas, através dos jornais e de algumas bibliografias. Nessa escrita destacamos as modificações materiais e estruturais em um período anterior a década de 1950.

No segundo capítulo – ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES, LAZER, DIVERSÃO E EDUCAÇÃO: OS CLUBES SOCIAIS EM REMÍGIO- recorreremos brevemente à bibliografia referente à origem do clube social e sua chegada ao Brasil bem como nas principais cidades do país, até chegarmos às cidades da Paraíba que usufruíam desses espaços, especificamente a cidade de Remígio. Neste capítulo informamos como surgiram os clubes a partir de suas atas de fundação e estatutos, bem como onde se localizavam e como funcionavam, e quais as transformações que estes causavam em seus frequentadores.

O primeiro que surgiu foi o Clube 13 de Maio, e no início, de acordo com as fontes jornalísticas, suas atividades eram limitadas e poucos diversificadas, contando apenas com palestras, exposições, leituras, comemorações cívicas, competições e divertimentos lícitos.

Posteriormente a fundação da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.) de maior duração na cidade e com interferências sociais, culturais e educativas na sociedade. Ambos surgem como veículos de educação, considerando suas potencialidades para o desenvolvimento social e cultural dos indivíduos da cidade.

No terceiro capítulo – AS SOCIABILIDADES NA SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMÍGIO (S.A.E.R.): A EDUCAÇÃO E O LAZER- percorremos as práticas socioculturais que ocorriam no interior da S.A.E.R. e o movimento pelas ruas da cidade, destacando as condutas educacionais, bem como os meios festivos. Enquanto espaço educacional, destacamos como era o incentivo proposto pela classe de sócios ao amparar os estudantes, apresentando o perfil dos alunos, o fardamento, as fichas de identificação de cada aluno, o ônibus que os conduzia para a cidade de Areia e os cursos oferecidos.

Em se tratando do lazer e da diversão, o espaço da S.A.E.R enquanto clube social, proporcionava bailes, aniversários, festas de casamento, possibilitando adensar os laços que uniam os frequentadores, criando uma rede de sociabilidade. Chamamos a atenção, também neste capítulo, para pensarmos as festas ao som das orquestras e bandas de música. Uma escrita que desperta através das paisagens sonoras com a presença de bandas de música e da radiola; pelas paisagens táteis através da dança; pelas paisagens olfativas do espaço e dos perfumes; pelas paisagens paliativas do gosto das bebidas e dos beijos dos apaixonados; e pelas paisagens construídas pela visão. Os sentidos surgem ao despertar da memória que perpassa ao longo dos anos.

## CAPÍTULO 1 - UM PASSEIO POR REMÍGIO: A HISTÓRIA E O COTIDIANO DOS MORADORES

- Remígio-

Encravada num dos mais belos recantos da Borborema, encontra-se esta pequenina, mas, florescente e próspera vila.

Remígio, na sua singular aingeleza, assemelha-se a violeta que oculta entre as folhas, atrai o viajante pela rara suavidade do seu perfume, pela magna simplicidade do seu todo.

Remígio, é o lar carinhoso, aonde se têm abrigado não só os seus extremosos filhos, mas, todos aqueles que têm solicitado a sombra protetora e amiga (sic) o seu teto.<sup>10</sup>

Eunice Vitório

Nessas palavras dos versos do poema da remigense Eunice Vitório, publicada na primeira edição do jornal A VOZ DE REMÍGIO em dezembro de 1948, carregados de orgulho por esta terra por descrever com detalhes e sensibilidade a pequena vila, por parte da poeta, encontramos inspiração para escrever uma parte da História de Remígio. Através do tempo e do espaço houve períodos marcados por construções, destruições e transformações que vieram a fazer parte da história dessa cidade e da vida dos remigenses.

Destacamos alguns aspectos de como Remígio surgiu, percorrendo suas etapas de desenvolvimento, passando por Distrito, Vila e Cidade para entender como Remígio se configura a partir de suas próprias conquistas a partir da implementação dos serviços e equipamentos urbanos, buscando entender quais os caminhos que o levaram a ser um lugar conhecido no âmbito cultural a partir da presença dos dois principais clubes sociais que existiram.

A existência das instituições clubistas em Remígio evidencia-se por modificar o cenário urbano, além de auxiliar na educação de alguns remigenses. Considerados como lugar de sociabilidades, que comporta atores e personagens, relações sociais, grupos e classes, como também de práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Optamos por fazer uma análise histórica para conhecer o local escolhido e encontrar em Remígio, um lugar do interior da Paraíba, traços sutis da urbanidade. Ao longo desse capítulo vemos como Remígio era caracterizado desde o seu início até o final da década de 1940 e como as pessoas viviam e se divertiam antes da chegada dos clubes sociais.

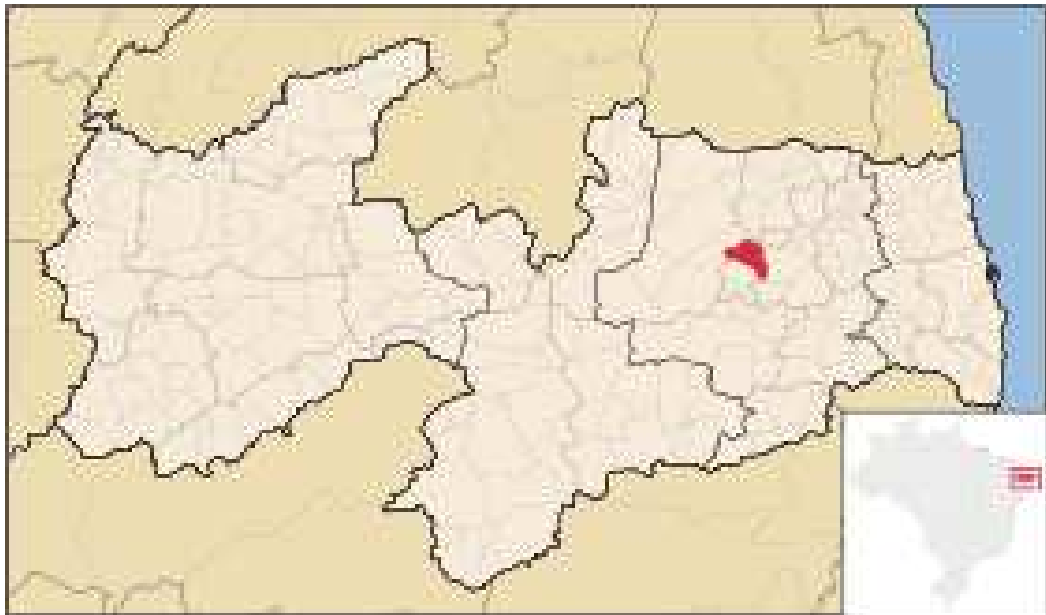
---

<sup>10</sup> Poema de Eunice Vitório, publicado no jornal **A voz de Remígio** em dezembro de 1948, p.1.

O município de Remígio está localizado no estado da Paraíba<sup>11</sup> e se constitui como um lugar central com uma faixa de transição que divide a região do brejo (nascente) e do agreste (poente) do planalto da Borborema. É um município que está inserido geograficamente na Microrregião do Curimataú Ocidental, pertencente à Mesorregião do Agreste Paraibano.

De acordo com as informações do IBGE <sup>12</sup>, do ano de 2010, o município possui uma área de unidade territorial de 178 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 17.581 habitantes, <sup>13</sup> com densidade demográfica de 98,77 hab/Km<sup>2</sup>. As cidades que fazem limites com a cidade de Remígio são: Solânea, ao norte (29 km); Esperança, ao sul (11km); Arara e Areia ao leste (12km); e Barra de Santa Rosa e Algodão de Jandaíra, ao oeste e encontra-se entre as coordenadas geográficas 6° 53' 30" Latitude Sul e 35° 49' 51" Longitude Oeste. Na imagem abaixo, podemos ter uma melhor visualização de sua localização no mapa do estado da Paraíba:

**IMAGEM 1- MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE REMÍGIO-PB**



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rem%C3%ADgio#/media/File:Paraiba\\_Municip\\_Remigio.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rem%C3%ADgio#/media/File:Paraiba_Municip_Remigio.svg). Acesso: 28 de julho de 2016.

Segundo o Ministério da Integração Nacional (BRASIL/MIN, 2006), o município está incluído na área geográfica de abrangência do Semiárido brasileiro. O território de Remígio

<sup>11</sup> Distancia-se há 132 Km da capital João Pessoa e a 36 Km de Campina Grande, em um entroncamento rodoviário onde se encontram três rodovias e diversas estradas e rodagens.

<sup>12</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE

<sup>13</sup> Número de habitantes em Remígio- PB. Disponível em:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251270&search=paraiba%7Cremigio>. Acesso: 10/08/2016.

possuía uma extensão bem maior do que existe hoje em dia e sua população era bem mais reduzida com relação ao que informa o censo demográfico populacional do ano de 2010 do IBGE. Antes de chegar à categoria de cidade em 31 de março de 1957<sup>14</sup>, Remígio passou por um processo de etapas, principalmente no âmbito político-administrativo, pois dependia e mantinha uma ligação sócia, política e judicial com a cidade de Areia, que se distancia aproximadamente 10 km de Remígio, até o processo de sua emancipação política.

Ao pesquisar sobre a origem deste lugar, poucas informações foram encontradas, haja vista, que poucos são os registros escritos sobre a história de Remígio. Neste capítulo introdutório promovemos uma leitura histórica, por meio de uma análise crítica, da obra “Remígio: Brejos e Carrascais” de Péricles Vitório Serafim, por ser uma obra considerada como referência, para conhecer sobre o início da história dessa cidade. Entretanto, apesar de reconhecermos a influência desta obra nos círculos dos letrados remigense, nos interessa interrogá-la como fonte, procurando informações acerca do cotidiano do período que Remígio era vila, antes da chegada do primeiro clube social.

Através das pesquisas realizadas nesse livro, Péricles Vitório Serafim (1992), informa que por volta do século XVIII, os primeiros indícios de habitantes do território onde hoje se localiza o município de Remígio, destacando as evidências que levam a crer, foram os índios potiguares que eram distribuídos em seis tabas, entre elas as de Jandaíra, Caxexa e Queimadas, com grupos tribais pacíficos e de etnia diversa, entre eles os gitós, tupis e tapuias.

Não se sabe ao certo como o território que pertence a Remígio foi concedido, mas segundo o historiador Horácio de Almeida<sup>15</sup>, nos informa, o território fez parte da divisão da Sesmaria pela Coroa Portuguesa e que o português João Morais Valcácer adquiriu a primeira sesmaria dessas terras em 1672. (ALMEIDA, 1958, p.14) Há indícios que por volta do ano de 1771, a referida sesmaria foi vendida ao alferes Luis Barbosa da Silva Freire, do estado do Rio Grande do Norte, tornando-se o primeiro proprietário do lugar, que era denominado Jardim

---

<sup>14</sup>O projeto de lei da criação do município apresentado pelo deputado estadual Luiz Bronzeado foi sancionada pelo ato do Governador Flávio Ribeiro Coutinho que tornou Remígio cidade, independente de Areia, na Lei nº 1.667 de 14 de março de 1957. Define: “Art. 1º - É criado o município de Remígio com sede na vila do igual nome, que fica elevado à categoria de cidade.”. A lei foi sancionada em 31 de março de 1957 como mostra o “Art. 9º - Esta lei entrará em vigor no dia 31 de março do corrente ano de 1957, revogadas as disposições em contrário.”. Este artigo está presente no projeto de número 111/53, publicada no Diário Oficial do Estado da Paraíba. Ver. SERAFIM, Péricles Vitório. **Remígio Brejos e Carrascais**. Editora Universitária, 1992.

<sup>15</sup> Formado em Direito pela Faculdade do Recife, escreveu uma obra ampla sobre a história do estado da PARAÍBA, a exemplo: Brejo de Areia (1958) e História da Paraíba (1966 e 1978) e é considerado um historiador por resgatar a história do Brejo Paraibano.

(Atualmente Chã do Jardim) conseguindo em seguida, por volta de 1778, o alargamento da sua sesmária, chegando a estender seus domínios para o oeste, onde atualmente se localiza Remígio.

O alferes Luis Barbosa toma posse do território “Lagoas” como era denominado, por ser um lugar que em tempo de chuvas formava cinco lagoas <sup>16</sup>. Estabelecido na região, tendo em vista que seus domínios tinham sede no Jardim, o alferes já em tenra idade, faz doações das terras a seus filhos e os estimula a consolidarem moradia nas terras do “sertão das Lagoas”, por volta do ano de 1789. Uma das suas doações foi para o genro Manoel Gonçalves Diniz, que alguns anos depois, foi ponto de convergência e decisão diante dos primeiros problemas e conflitos do nascente povoado. (SERAFIM, 1992, p.35)

A continuidade da dominação da família de Luis Barbosa foi a partir do filho de Manoel Gonçalves Diniz, que recebeu o mesmo nome do avô, Luis Barbosa da Silva (\*1781 +1851) exercendo a liderança de toda a sesmária das Lagoas. Construiu sua residência, mais precisamente um rancho, nas proximidades que hoje se localiza a igreja matriz da cidade. Remígio por possuir uma boa localização, nessa época passou a ser o primeiro ponto de parada para os tropeiros comerciantes que rumavam para o oeste. Logo, esse rancho servia de ponto de descanso e apoio aos viajantes que passavam por esse território que vinham do sertão com destino às regiões do Brejo.

Através das pesquisas e do que contam os próprios moradores da cidade é que um viajante chamado Remígio dos Reis ao chegar em “Lagoas”, interessa-se pela filha do Luis Barbosa da Silva Freire e, posteriormente, casa-se com ela, fixando moradia ao redor de uma lagoa, que hoje é conhecida como Lagoa Parque Senhor dos Passos. Logo foram surgindo novos sítios de agricultura e criação e a região foi se desenvolvendo, adquirindo o povoado uma consciência de suas primeiras necessidades em torno de segurança, saúde e educação.

As conquistas em busca do desenvolvimento do lugar foram aos poucos anunciadas, através da primeira identidade política do lugar <sup>17</sup>. Quando finalmente em 1909 Remígio fica

---

<sup>16</sup> Lagoa do Genipapo, Lagoa do Mato, Lagoa do Freitas, Lagoa do Jogo e a Lagoa do Município, esta última foi inaugurada como Lagoa Parque Senhor dos Passos, em 1996.

<sup>17</sup> Data de 08 de outubro de 1890 o reconhecimento como Distrito de “Lagoa do Remígio”, da Comarca de Areia através do Decreto nº 45 do Governo Provisório, porém por motivos ainda desconhecidos, dois anos depois o Distrito foi extinto em 10 de março de 1892 pelo Decreto nº 21. É finalmente com a lei de nº 312 de 18 de outubro de 1909 que o Distrito de Paz de Lagoa do Remígio se restabelece. Através do Decreto-Lei, 1010 de 30 de março de 1938, com base na Lei Federal, número 311, o povoado assume a categoria de vila e em 15 de novembro de

estabelecido como Distrito da Comarca de Areia, o lugar passa a ser mais evidente e as transformações começam a ocorrer em busca de um lugar autônomo, sem depender totalmente da cidade de Areia. Ao passo que o lugar crescia, a população residente nele também mostrava seus passos iniciais de crescimento em busca de melhorias para o Distrito do Remígio. Péricles Vitório Serafim nos mostra como começou o processo de reconhecimento do desenvolvimento deste lugar a partir de suas pesquisas:

O progresso das Lagoas se tornava evidente, a ponto de, o jornal “Correio da Serra” editado em Areia, e tendo como redatores, Dr. José Américo, Dr. Clímaco Xavier, Dr. Demócrito Almeida, Edésio Silva e Simão Patrício, ter publicado em destaque na sua edição de 29 de janeiro de 1910, o seguinte: “Fazia três anos que não visitávamos esta florescente povoação... Fazia três anos, e dizer que encontramos, ora, muita diferença em Lagoas, não é exagero. Algumas construções feitas com gosto e arte, e, bem assim, casas comerciais de muito sortimento e sobretudo apresentando um certo cunho inerente aos lugares adiantados. Enquanto aos costumes, não é pequena a modificação que notamos, algo vai se operando no seio daquele povo bom e hospitaleiro, de molde que o vai encaminhando na senda da civilização”. (SERAFIM, 1992, p.49)

Desta forma a citação do jornal “Correio da Serra” citado por Péricles Vitório Serafim representa a cidade de Remígio como um lugar em busca do desenvolvimento. Nestas primeiras impressões publicadas no jornal “Correio da Serra” da cidade de Areia sobre o progresso das Lagoas, evidenciam-se que a ideia de civilização na visão do autor é associada às transformações que já ocorriam na década de 1910 em relação às construções e casas comerciais, pois seus habitantes desenvolviam sua própria consciência política. Embora o uso do termo “civilização” indique um conjunto de aspectos da evolução de determinado lugar ou sociedade, há um contraponto, pois, essa civilização estava na mentalidade de quem estava no grupo dominante da época, enquanto muitas pessoas não tinham noção do que significava a civilização e o avanço que Remígio passava nesse período.

Um dos fatores que possivelmente impulsionou o crescimento de Remígio<sup>18</sup>, foi a feira que era realizada aos domingos para não concorrer com a feira de Areia, realizada aos sábados. A feira funcionava como um impulsionador do comércio local, diminuindo a necessidade dos moradores de se deslocarem para Areia. Desse modo, entende-se que essa prática mercantil serviu de atração para novos habitantes, onde alguns comerciantes transferiam

---

1938 pelo Decreto-Lei estadual nº 1164 a vila perde o nome “Lagoas” (nome que marcava seu surgimento histórico e geográfico) e passa-se a chamar apenas Remígio. (SERAFIM, 1992, p. 32 e 33)

<sup>18</sup> O crescimento mencionado neste trabalho, está relacionado a melhoria da condição social, estrutural ou econômica da população e do lugar.



seus negócios para o povoado e intensificavam cada vez mais as relações de sociabilidades. Consequentemente, a feira tem sua importância social, cultural e se destaca como espaço econômico, possibilitando uma relação de aproximação entre as pessoas e de desenvolvimento do lugar.

Ao passo que “Lagoa do Remígio” ia mostrando sinais de crescimento, surgia novas implementações de serviços urbanísticos que adentravam os espaços do Distrito e encantavam seus moradores. Dito isto, elencamos alguns acontecimentos que marcaram a história de Remígio para entender, nos próximos capítulos, como esse lugar se caracterizava antes de tornar-se uma cidade e como concebeu as instituições clubistas.

Em 06 de Julho de 1917 o Distrito de Lagoa do Remígio, já contava com uma agência dos correios e teve inaugurada a sua estação telegráfica, uma implementação de serviços e equipamentos urbanos necessitando atender as demandas da população local, adentrando aquela sociedade que passava por um período de crescimento pequeno, haja vista, que poucas localidades do interior do estado da Paraíba contavam com a necessidade de um posto teleográfico. Nesse período a Paraíba destacava-se pela inserção do trem de ferro em algumas cidades, o que possibilitava que tal símbolo caracterizado como moderno fosse instalado.

Pelo interior afora, contam-se nos dedos as comunidades que têm o privilégio de contar com um posto teleográfico. (...) Na Paraíba, por exemplo, a primeira linha telegráfica em direção ao interior que não pressupõe esse vínculo é ali instalada em 1896. Trata-se de uma linha do Telégrafo Nacional, com agências nas cidades de Alagoa Grande, Campina Grande, Bananeiras e Areia. Dentre essas cidades, só a cidade de Areia jamais será contemplada com o trem de ferro. As demais, quando contempladas por este último, respectivamente em 1901, 1907 e 1925, passam a contar, a partir de então, com dois serviços de telegrafia, um público, a cargo do Telégrafo Nacional, e um privado pertencente à estrada de ferro inglesa. (ARANHA, 2001, p.278).

As cidades paraibanas a serem contempladas com o trem de ferro, eram Areia, Alagoa Grande e Bananeiras, que se localizavam próximo a Lagoa do Remígio e isso pode ter sido um fator importante para a instalação da linha telegráfica nesta localidade, principalmente por ser Distrito da cidade de Areia, independentemente de ter vínculo com o trem de ferro.

Por volta de 1920 instalou-se a iluminação na via pública por meio de lâmpões a querosene, depois a carbureto, trazendo para o povoado novas configurações a vida econômica, não só no setor econômico e social, como também político, pois muitas autoridades de certo

poder aquisitivo e com influência política demonstravam interesse por este lugar, embora estivessem também satisfazendo seus próprios interesses enquanto políticos.

Os moradores de Remígio buscavam transformar o lugar onde viviam. Dessa forma, o lugar já contava com estabelecimentos comerciais de diversos sortimentos, com lojas que vendiam tecidos, sapatos, chapéus e perfumarias. Contava também com o mercado público <sup>19</sup>, instituições escolares, e até cadeia pública. Esses aspectos faziam com que o povoado fosse ganhando cada vez características de uma cidade e para o agrado de boa parte da sociedade, algumas pessoas contavam com barbearias, costureiras, sapateiros, entre outros.

O automóvel também esteve presente nesse processo de mudança da paisagem considerada urbana. Em Lagoa do Remígio, acredita-se que o primeiro automóvel foi um Ford do ano 1923, comprado pelo comerciante Antonio Inácio da Silva em 1925, de segunda mão. Posteriormente, foram surgindo outros carros no povoado e de início “esses carros não serviam para uso exclusivo da família, eram também alugados para viagens de curta distância, e, até mesmo para o passeio dentro da “rua”.” (SERAFIM, 1992, p.204) As pessoas passaram a adaptar-se com a presença de carros que ia surgindo na vila.

A maioria das pessoas, das classes mais populares, não tinham essa ideia da busca pelo desenvolvimento que determinado segmento da sociedade estava seguindo, isso era muito mais na mentalidade dos gestores, comerciantes, políticos, estes criavam projetos de embelezamento, limpezas de ruas, alargamento das mesmas e a construção de espaços novos. Sob essa perspectiva, o que era antigo e antiquado deveria sair de cena para dar lugar a novos prédios com características mais urbanísticas para a época.

No início do século XX, mais precisamente na década de 1920, Remígio contava com algumas construções que iam aos poucos modificando a paisagem. Na fotografia abaixo percebemos a presença de alguns carros, postes de iluminação elétrica, ao fundo a existência de casas com janelas espaçosas, rua calçada, a igreja fundada em 1893 e no centro da foto a construção da praça, transformando o acesso principal do lugar em um canteiro de obras, modificando o espaço para atender os quesitos que eram necessários para a urbanização.

---

<sup>19</sup> Inaugurado em 1875. Ver: SERAFIM, Péricles Vitório. **Remígio: Brejos e Carrascais**. 1992. p.179

**IMAGEM 2: CONSTRUÇÃO DA PRAÇA EM FRENTE À IGREJA DE NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO, EM 1925**



Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível: <https://www.facebook.com/museu.remigio>. Acesso em 23 de abril de 2017.

Algumas personalidades políticas contribuíram no desenvolvimento do lugar, investindo em equipamentos e construindo espaços culturais, favorecendo a vida de boa parte dos remigenses e assim começou a acontecer durante a década de 20. Na maioria das vezes eram comerciantes com envolvimento político que realizavam transformações no povoado, em troca de serem reconhecidos como “grandes chefes políticos”. Destacamos a influência de João Soares, mais conhecido como Joca Soares, que cuidava dos interesses do povoado, em busca do seu auto reconhecimento na política local.

Joca Soares foi o pioneiro na iluminação a gás e, conseqüentemente traz e inaugura em 17 de novembro de 1925 o primeiro gerador de energia elétrica, sendo um melhoramento para a população de Lagoa do Remígio e também uma modificação em alguns costumes dos moradores na vida noturna. A manutenção da luz ficava por conta da Prefeitura de Areia que destacava no seu orçamento uma verba de quatro mil e duzentos contos de réis. Péricles Vitório Serafim descreve com precisão como era o motor e onde se localizava

O motor, conta-nos Abel Daniel, era um NATIONAL inglês, comprado na praça do Recife à firma White Martins, e tinha 10 cavalos de força, era alimentado a carvão. Foi transportado no trem do Great Western até Alagoa Grande e de lá, em carro de boi, em penosa travessia, subindo a serra para chegar nas Lagoas. Foi instalado nos fundos da rua da baixa, às margens da lagoa. Funcionava a gás, produzido pelo carvão. (SERAFIM, 1992, p.200)

Raymond Williams destaca que desde o início do século XIX a iluminação de gás era usada tanto para fazer efeito e impressionar quanto para realmente iluminar. (Williams, 1990, p.307) De início o motor à energia elétrica causava certo assombro à população, que funcionava de seis às nove horas da noite, as pessoas ficavam receosas ao andar pelas calçadas, debaixo da fiação que era presa às paredes por ganchos metálicos, assim existia uma população impressionada com a novidade e com a melhoria que o lugar havia adquirido.

Além da implantação da energia elétrica, Joca Soares em 25 de fevereiro de 1927 construiu um coreto em frente à igreja do Distrito. Esse coreto serviu durante alguns anos para a realização de apresentações públicas, pelos populares, que utilizavam esse espaço para fazer cantorias e serestas, apresentações de bandas musicais, poetas, violeiros, animando a vida noturna de alguns habitantes, principalmente por contar com a ajuda da iluminação pública através do motor que gerava luz elétrica. Por ser localizado em frente à igreja, isso permitia que as pessoas se reunissem ali quando as celebrações religiosas acabavam nos finais de semana e assim se transformava no ponto de encontro dos moradores remigenses.

Assim que a energia elétrica chegou ao povoado, poucas pessoas foram contempladas com esse benefício. Podemos imaginar que as pessoas que tinham condições financeiras puderam usufruir dessa novidade, porém muitos moradores menos abastados estavam à margem de adquirir tal benefício. A inserção da energia elétrica foi gradativa, o que levou durante alguns anos em Remígio, a dividir o espaço urbano com a presença da energia elétrica<sup>20</sup>, e o espaço com características rural, por parte de alguns moradores, utilizando-se de candeeiros e lamparinas.

A prosperidade econômica da região é comprometida pela ausência de dados estatísticos que comprovem tal existência. Sobre o cenário comercial alguns indícios apontam que o gado esteve presente nos primeiros momentos do núcleo habitacional e continuou como atividade econômica regular. Em seguida podemos destacar a presença do sisal, tabaco e

---

<sup>20</sup> A energia elétrica da usina hidrelétrica de Paulo Afonso chega a Remígio apenas na década de 1960.

algodão por ocupar toda parte que marcava a faixa de transição entre o brejo e o agreste<sup>21</sup>, sendo destacado como economia rural no início do século XX, permanecendo na economia até os idos de 1940. Portanto, boa parte da economia estava ligada à agricultura e a pecuária<sup>22</sup>, sua evolução deve-se ao fator da agricultura de subsistência que se destacava no setor das trocas comerciais com as regiões vizinhas.

O Distrito de Lagoa do Remígio entra na década de 1930 em busca melhorias e avanço para o lugar. Por ser uma década de dificuldades na região Nordeste, Remígio recupera seu desenvolvimento a partir de 1938, quando torna-se vila, e reaparecem novos sinais de melhoramento do lugar. A instalação do motor de energia elétrica, um National inglês de 40 cavalos, transferido da cidade de Esperança pelo chefe político Manoel Rodrigues, foi outro marco para a sociedade. Era um motor que funcionava a gás de carvão e a estação elétrica fora instalada no beco, atualmente conhecido como beco do Jacaré.

A chegada desse motor através do prefeito Cunha Lima Filho, da cidade de Areia, trouxe melhoramentos para o mercado público e boa parte do povoado, mas com o passar do tempo e o aumento dos habitantes, a máquina já não atendia às necessidades da demanda de energia. Podemos perceber que Remígio convivía com alguns sinais de melhoramento na vida das pessoas e ao mesmo tempo retrocedia por não contar com equipamentos de qualidade que atendesse a toda a população.

A marca fundamental nesse processo da busca de melhorias para Remígio esteve presente a partir da década de 1940, com a presença do Sr. José Leal dos Santos<sup>23</sup>, considerado um dos principais empresários da região do ramo do agave e outros cereais e incentivador da cultura local por trazer o cinema, a difusora, entre outras atividades. Zé Leal, como era conhecido, era visto como elite local, porém ele não era membro das elites, ele passou a ser uma elite comercial<sup>24</sup>, a partir de certo momento, pois não era homem letrado e não vinha de família rica, ele chegou pequeno e pobre e começou a se interessar pelas atividades econômicas

---

<sup>21</sup> Recenseamento geral do Brasil 1940: censo demográfico: censos econômicos. Estado da Paraíba. Fonte: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd\\_1940\\_p8\\_pb.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_p8_pb.pdf). Acesso em 21 de outubro de 2017.

<sup>22</sup> De acordo com o recenseamento da Paraíba em 1940, havia 15.083 pessoas envolvidos na agricultura e na pecuária na cidade de Areia.

<sup>23</sup> José Leal dos Santos, natural de Barra de Santa Rosa, nasceu em 1909 e por volta dos anos de 1930 se mudou para Remígio com a família. Em 1933, casou-se e construiu uma nova família. Desde cedo, dedicou-se ao comércio, tornando-se empresário. Era um pioneiro das iniciativas que visavam o progresso de Remígio. Ver: SERAFIM, Péricles Vitório. Remígio brejos e carrascais. 1992. p. 307.

<sup>24</sup> Uma elite pode ser definida como um grupo que domina a economia local. Ver: NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século; tradução Celso Nogueira. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

da região, construindo seu próprio comércio. Destacou-se por ser mais um impulsionador de instalar melhorias em Remígio visando o desenvolvimento deste lugar, bem como se promovendo politicamente diante da sociedade.

Buscava estar sempre à frente das promoções sociais, organizando as festividades remigenses. Segundo Serafim (1992), era evidente a relação que Zé Leal tinha com Remígio, pois “Zé Leal crescia com a vila. À medida que fomentava a movimentação social, desenvolvia seus negócios. Era o principal comprador de sementes e fibras. Construiu várias casas, aumentando o número de moradias.” (SERAFIM, 1992, p.308) Evidentemente Zé Leal fazia bem para Remígio, mas para ele também e a partir do momento que ele começa a se interessar pelas atividades econômicas e construindo seu próprio comércio, ele buscava se inserir em outras atividades culturais na sociedade entre as décadas de 1940 a 1960.

Em um contexto de desenvolvimento do lugar, entre as décadas de 40 e 60, Zé Leal ganhava destaque pelas diversas atividades sociais e culturais que ele desenvolvia. Por ser representado como empresário da região e um pioneiro nos investimentos que realizava para Remígio e para o seu próprio bem, se promovia socialmente e participava da política. Em virtude do crescimento da vila, Zé Leal buscava investir no desenvolvimento do lugar e comprou em 1941 um motor de luz elétrica a óleo diesel com a potência de sessenta cavalos. O lugar ia aos poucos anunciando a chegada de transformações urbanísticas.

A vila também contou com os investimentos do Sr. Benevenuto Teodoro da Silva, que segundo o poeta remigense Severino Cavalcante de Albuquerque, “desempenhou um papel importante no progresso de Remígio. Na agricultura foi um grande produtor de cereais, de fumo e de agave, sendo também naquela época, pioneiro na região, com uma casa de farinha a motor.”<sup>25</sup> Era também um animador de festas populares e possuía um carrossel movido à mão, considerado como o centro das alegrias do povoado, animando muitas noites de festividades dos remigenses, como especial motivo de atração, fazendo parte das noites e do cotidiano da vila de Remígio.

Os anos iniciais da vila foi um período de mudanças no âmbito cultural, social e econômico, assumindo cada vez mais ares de modernização<sup>26</sup> pelo esforço dos próprios

---

<sup>25</sup> Depoimento de Severino Cavalcante de Albuquerque, em abril de 1987. Fonte: Acervo pessoal do poeta.

<sup>26</sup> Aqui a modernização é em relação aos equipamentos que foram sendo incorporados e as transformações que o lugar ia adquirindo. Era uma pretensão que as pessoas da região tinham, mais necessariamente os líderes políticos, dentro dos discursos deles e dentro dos objetivos deles.

habitantes que sonhavam com a prosperidade do lugar <sup>27</sup>, desejando a construção de novos espaços, bem como do crescimento e construção de um novo olhar sobre Remígio, onde as coisas vão se transformando, vão se moldando de acordo com o que se está acontecendo no lugar.

As discussões aqui presentes voltam-se para o período em que Remígio apresentou algumas mudanças, no período de Distrito e Vila, o que impulsionou a busca por sua emancipação política. Os poucos que tinham acesso a essas mudanças já demonstravam a importância das mesmas e dessa forma mesmo que alguns moradores ainda não tivessem o acesso a elas a experiência ia se propagando pela vila. Com as transformações em Remígio, houve o desejo de se construir um novo olhar sobre a vila durante a década de 1940 e 1950, ansiando pela instalação da cidade, perante a lei, pois se via a necessidade do desenvolvimento, e o lugar precisava de cuidados básicos como a saúde, educação, meios de transportes, saneamento básico, entre outros. Para conhecer como era a Vila no período que foi criado o primeiro clube, o Clube 13 de Maio, percorremos os processos evolutivos que Remígio passou para compreender como a vila recepcionou essa “novidade” para os moradores.

Falar como era o cotidiano na vila e posteriormente na cidade, nos leva a pensar como a população utilizava alguns espaços públicos para promover o convívio coletivo em contato com as transformações do lugar em que viviam. Observamos a citação que se segue para entender o espaço colocado por Certeau

O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais [...] Em suma, o espaço é um lugar praticado. (CERTEAU, 2012, p.202)

Entendemos que nos estudos de Michel de Certeau, o espaço é um lugar praticado e suas reflexões estão inseridas sobre as práticas culturais. (CERTEAU, 2012) Compreende-se que esse lugar praticado é parte integrante do que é vivido em tal espaço e das suas próprias experiências que vivenciaram em determinada época. Outro estudo do mesmo autor sobre “A cultura no Plural” (CERTEAU, 1995), Certeau destaca a multiplicidade da cultura presente em

---

<sup>27</sup> A prosperidade evidencia-se pelo desejo de tornar Remígio uma cidade, contando com serviços urbanos que atendessem a população, bem como a aquisição de sistemas de produtividade, infraestrutura, qualidade de vida, entre outros.

cada sociedade, analisando as variadas formas de estudar sobre a cultura, sobre o que é construído socialmente e requer estudos e interpretações sociais e históricas.

As manifestações artísticas e culturais foram um fator que estiveram presentes na vida dos remigenses, principalmente entre os populares. As festas religiosas eram as mais destacadas, pois a população mantinha relações de fidelidade com as suas tradições, preservando a presença do sentimento religioso. Eram momentos de estabelecer as relações sociais e políticas, além de usufruir dos espaços que a vila oferecia para divertir-se.

### **1.1. NOS LABIRINTOS DAS VIVÊNCIAS: O COTIDIANO E AS FESTIVIDADES DA VILA DE REMÍGIO**

Antes da chegada de clubes sociais em Remígio, durante todo o ano a vila movimentava-se em torno de algumas festividades que faziam parte do cotidiano dos moradores desse lugar. As festividades davam o tom da diversão, do lazer, das formas como as pessoas se preparavam. O ano começava com a festa de Reis em torno do povoado de Lagoa do Mato, logo em seguida comemoravam em 20 de janeiro, o dia de São Sebastião. Chegava o mês de maio, mês de Maria, quando iniciavam o mês com as novenas que duravam por todo o mês e terminava com a tradicional queimação de flores.

No mês de junho haviam as comemorações em torno das trezenas de Santo Antônio e das muitas celebrações de São João, com as fogueiras em frente às casas, brincadeiras, simpatias e comidas típicas desse período, que reunia boa parte das famílias. No domingo, que antecedia à véspera do dia de São João, a feira de Remígio indicava a “grandiosidade” da festa e a ansiedade dos moradores por comemorar a tradicional festa junina.

O ano dos moradores era marcado por festas religiosas e estas davam o tom da diversão, do lazer, das formas como as pessoas se preparavam. Nesse sentido, podemos perceber como os moradores mantinham fortes as tradições religiosas, pois era uma população que gostava das romarias, das promessas, das peregrinações, das novenas e trezenas, das procissões, das ladainhas e dos benditos. (SERAFIM, 1992, p.216) Com o passar dos anos, muitas tradições se perderam, porém outras ficaram. Os divertimentos de Final de Ano



contavam com a festa da padroeira, Natal e Ano Bom, estas últimas atraíam um número maior de pessoas.

A festa da Padroeira de Remígio, Nossa Senhora do Patrocínio, iniciava-se no dia 27 de dezembro e terminava no dia de Reis em 06 de janeiro. Movimentava em grande proporção a vila e atraía visitantes de outras regiões próximas para fazer parte das comemorações que ocorriam tanto no âmbito religioso, com novenas, missas e procissões, quanto no âmbito profano, com pavilhões, parques de diversões e atrações musicais. Essas festas anuais da festa da padroeira se configuravam como evento de grande importância para pobres e ricos e o ritmo de suas vidas eram alterados, possibilitando divertimentos aos moradores.

A diversão da criançada e de boa parte dos adultos ficava por conta do parque Maia, que chegava à vila alguns dias antes de começar a festa da padroeira, por meio de um contrato. Segundo o memorialista Francisco de Assis Melo o parque chegava em caminhões e traziam “duas rodas gigante, dois carrosséis de cavalinhos, um de “jeep” e outro de avião, a tenda da mulher que virava macaca, as canoas de adulto e de crianças.” (MELO, 2009, p.15) O parque contava com uma difusora que anunciava os seus serviços e mensagens de oferecimento do postal sonoro a pedido das pessoas para um alguém em forma de agradecimento ou declaração. Era um momento para aproveitar a oportunidade em que a vila estava em festa, estabelecendo novas relações e esperando sempre pelos festejos do próximo ano.

A festa da padroeira permitia reencontrar a família, amigos, enteados. Era um momento de conagração, estabelecer novas amizades, paquera, namoro e de novas relações sociais. É possível imaginar o vai e vem das pessoas desfilando nas ruas com suas roupas, cumprimentando amigos e familiares, paquerando de longe a moça ou o rapaz, as crianças ansiosas por um passeio no parque de diversão, movimentando toda a vila. Esse era o cotidiano dos remigenses nas tradicionais festas da padroeira, trazendo animação e permitindo movimentação em boa parte do tempo.

Eram momentos em que rapazes, moças, adultos e crianças participavam com elegância de boa parte dos eventos. As exposições começavam depois das quatro da tarde onde “as senhorinhas vaidosas, em seus vestidos belle-époque, desfilavam de meia e sapato alto, luvas e chapéus, era o máximo da elegância brejeira.” (SERAFIM, 1992, p. 218) Mesmo que a incorporação tenha sido no sentido da *belle époque*, mas a realidade não era. Essas moças faziam parte da mais tradicional família remigense, filhas e esposas dos comerciantes e políticos locais. A partir das fontes trabalhadas com a memória, podemos perceber como os diferentes

moradores da cidade circulavam por ela e consumiam os seus espaços, delimitando-os e organizando-os conforme seus valores, criando novas práticas, elaborando sobre as mesmas significações diversas. (SOUZA, 2002, p.102)

Quando a noite chegava a diversão ficava por conta das pessoas, os que eram menos abastados se reuniam em torno do Coreto para assistir, cantar ou dançar com as apresentações de bandas de música, e encontravam diversão também em torno do carrossel de Benevenuto, que cobrava um tostão de cada carreira, além dos seresteiros que terminavam pela madrugada, nas calçadas das ruas.

O pavilhão montado na rua central servia para o segundo momento da festa, logo após as celebrações religiosas na igreja, as pessoas desciam a rua principal até chegar ao pavilhão. A abertura da primeira noite de festa era feita solenemente pelo prefeito e pelo padre, logo vinham às apresentações de bandas musicas, leilões e, principalmente, a disputa entre os dois cordões, o azul e o encarnado, onde, geralmente, os chefes políticos estavam sempre em cordões diferentes.

Alguns adereços de decoração, principalmente as mesas decoradas coloriam os dois lados em que as garçonetes escolhidas pela comissão organizadora, serviam bebidas e tira-gosto aos apaixonados pelo azul ou pelo encarnado. (MELO, 2009, p.16) Normalmente cada garçoneite atendia a família e/ou amigos, visto que quem arrecadasse mais com as contribuições ‘voluntárias’ para a paróquia, através do concurso, seria eleita a melhor garçoneite.

Aproveitando todo o movimento da Vila de Remígio, momento em que familiares que trabalhavam ou estudavam em outras cidades estavam de férias ou a passeio, durante as comemorações da festa da padroeira e do Ano Novo, eis que surge em 31 de dezembro de 1946 durante as festividades, um jornal satírico chamado O PAPAGAIO, um órgão ilustrado e “sisudo”, (sic.) que narrava os principais acontecimentos e animava a festa local. Em sua primeira edição impressa, Ano 1 e número I, de 1946, o jornal apresenta sua proposta de criação através de uma nota explicativa:

Surge, inesperadamente e de improviso, entre nós, este jornzinho (sic.), naturalmente despretenso e modesto, e que tem, talvez, um único mérito; o de ser dedicado, com boa vontade e simpatia ao povo de Remígio. Procuramos, com ele, trazer um pouco de calor e animação às comemorações deste Ano Novo, estabelecendo uma espécie de brincadeira em família, que só será bem admitido e compreendido por nós os que aqui vivemos e lutamos.  
[...]

Visamos, sobretudo, o estreitamento dos laços de camaradagem e compreensão mútua nesta vasta família que é para nós, a comunidade de Remígio. ( O PAPAGAIO, 1946, p.1)

As edições do jornal satírico O PAPAGAIO “o jornal mais comentado da festa” que remetiam às festividades da padroeira de Remígio, Nossa Senhora do Patrocínio, buscava o jornal provocar risos e raivas entre os moradores da cidade, e a maioria das pessoas não sabiam a identidade dos redatores.

O nome do jornal Papagaio está relacionado à ideia de que a ave faladeira trazia má reputação, que repete inconscientemente o que ouve, portanto, esse jornal escrevia o que se ouvia/via no cotidiano da vila e escrevia os falatórios durante a festa para o jornal. Para as pessoas que se sentissem ofendidas, nada eles poderiam fazer, pois tinham a convicção de que jornal de festa é para mexer com o povo.<sup>28</sup> As edições eram impressas em tipografias na cidade de Esperança ou na cidade de Campina Grande.

Os redatores do jornal de festa sabiam para quem estavam escrevendo e usavam os nomes dos próprios moradores da vila para escreverem suas sátiras com notícias de gracejos, falsas ou exageradas, levando algum aspecto para fins humorísticos ou até mesmo de críticas. As mulheres se constituíam no assunto principal do jornal, principalmente quando estas eram solteiras. Eles não se preocupavam em noticiar violências ou crimes que ocorriam no interior da festa, pois o propósito do jornal era provocar risos e raiva sobre alguns dos acontecimentos que ocorriam na festividade da padroeira e na vila. Francisco de Assis Melo descreve como o jornal era lido pelas pessoas

De repente as rodas se formavam para ler “O Papagaio”, o jornal mais comentado da festa. Com as suas sessões: “Você sabia...”, “E o Vento Levou...”, “Compra-se caro...” provoca risos e raiva, muita raiva. O pior era que ninguém tinha prova da identidade dos redatores. O fato é que no fundo todos gostavam de aparecer no Papagaio. Era sinal de que estava em evidência. (MELO, 2009, p.17)

Algumas edições traziam anúncios de comércios, concurso de simpatia entre as mulheres, homenagens a alguns remigenses, traziam partes humorísticas, xaradas, anedotas e telegramas, sociais, além das crônicas em homenagens às noites dedicadas aos agricultores, aos solteiros, aos motoristas, comerciantes, da noite de Natal e da noite de Anos. Essas festas

---

<sup>28</sup> O PAPAGAIO. Ano IV, número 3, p.2. Remígio, 3 de janeiro de 1950.

externas do pavilhão atraíam a maioria da população, bem como visitantes das cidades vizinhas de Campina Grande, Alagoa Nova, Esperança e Areia.

Sobre o concurso de Simpatia que acontecia no período das festividades em homenagem à padroeira da vila, este realizava-se através de votos que eram vendidos no pavilhão, por Cr\$ 0,20 ou Cr\$0,30 centavos. A preparação e ansiedade tomava conta das moças que participavam, pois estavam concorrendo em nome do cordão. Geralmente os comerciantes patrocinavam o concurso para contribuir com o “brilhantismo” da festa. No final, o valor arrecadado por cada moça representante do seu cordão que disputava o título de Miss Simpatia era revertido em benefício da igreja e era divulgado na última noite da festa, na noite de Reis.<sup>29</sup>

Última noite de festa e começava a contagem do dinheiro. O Sr. José Leal dos Santos coordenava a apuração do valor arrecadado e anunciava a vencedora do concurso. Logo em seguida, o cordão vencedor saía comemorando nas ruas principais. Com a coroação da rainha era que a festa findava e a vida retomava o seu ritmo normal, repleto de recordações e aguardando as próximas festividades da padroeira.

A festa em questão se constituía como um momento privilegiado de novas sociabilidades. Vale ressaltar que, era também marcada pela segregação social (separação de pobres e ricos) convergindo para o estabelecimento de lugares socialmente frequentados. Mesmo não sendo proibida a presença de populares no pavilhão central, havia restrição nas participações dos leilões e no consumo de bebidas e alimentos. Desse modo, percebemos que o que definia o acesso das pessoas ao pavilhão era o dinheiro, o poder aquisitivo.

### **1.1.1 UM PERCURSO PELOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS**

A cidade que conhecemos hoje possui uma visão totalmente diferente da que tinham os moradores na década de 1940 e 1950, pois atualmente a cidade conta com ruas largas, praças, postos de saúde, escolas da zona urbana e da zona rural, além da diversificação comercial. Na década de 1940 o comércio concentrava-se nas principais ruas. A partir das edições desse “jornalzinho” tomamos como base alguns anúncios de comércio para saber quais eram os

---

<sup>29</sup> O PAPAGAIO. Ano I, número 1. p.2. Remígio, 31 de dezembro de 1946.

estabelecimentos comerciais que existiam na segunda metade da década de 1940 e 1950, e que atendiam as necessidades da população. A seguir, listamos os comércios existentes na época que atendiam as necessidades da população.

A casa de Manoel Mizael de Lima ou simplesmente “Casa Lima”, localizava-se na principal rua da vila, a Rua João Pessoa, 55 (Atualmente é Câmara Municipal). Contava com um “estoque moderno e completo de miudezas e perfumaria.” (SERAFIM, 1992, p.310) Além de louças e vidros, era uma referência que determinava o centro da vila e posteriormente da cidade. Sua loja comercial era ponto de encontro, do lado esquerdo, de quem nela entrava, instalou um banco de madeira para que as visitas sentassem para um pouco de conversa. Além de loja comercial era o centro onde se buscava notícias sobre o que ocorria no Brasil e no mundo.

Conhecido como um ponto comercial que se destacava por ser um comércio muito popular e recebia mensalmente algumas edições de jornais que circulavam no Estado, embora as notícias que chegavam não fossem tão atuais, alguns homens reuniam-se e discutiam o que era notícia. Era um lugar que chamavam de centro cultural e centro das especulações sobre o aproveitamento escolar dos estudantes e as potencialidades de cada um, pois conta-se que o Sr. Mizael de Lima preocupava-se com o desempenho escolar dos estudantes remigenses.

A Padaria e Mercearia Santo Antonio de Edson Machado <sup>30</sup>, oferecia um completo sortimento de pães, biscoitos e bolachas, além de estivas em geral e perfumarias. Era um lugar em que a população poderia encontrar boa parte do que consumiam em um só lugar. Em casos de pessoas doentes, a população contava com a Drogaria Garcia do farmacêutico Eurides Garcia que atendia com um completo sortimento de “Drogas nacionais e estrangeiras. Atende a qualquer hora do dia e da noite.” <sup>31</sup> Localizava-se a Rua 4 de Outubro, número 8, com produtos diversificados, entre eles comprimidos, xaropes e pomadas.

A Casa São João, de João Inácio de Melo localizado na Rua João Pessoa, 51 também contava com miudezas e estivas a retalhos em geral, além de ferragens, tintas, vernizes, louças e vidros<sup>32</sup>. Outra casa comercial que atendia à população era a Casa do Povo de José Inacio de Melo, que comercializava estivas em grosso e a retalho, massas, conservas, bebidas nacionais

---

<sup>30</sup> O PAPAGAIO. Ano I, número 1, p.2. Remígio, 31 de dezembro de 1946.

<sup>31</sup> O PAPAGAIO. Ano III, número 3, p.3. Remígio, 30 de dezembro de 1948.

<sup>32</sup> O PAPAGAIO. Ano IV, número 2, p.2. Remígio, 31 de dezembro de 1949.

e estrangeiras. Provavelmente João Inacio e José Inacio eram irmãos que comercializavam na vila, diferenciando-se em algumas mercadorias.

A Alfaiataria Vitória de Aprígio Nogueira de Oliveira inovava ao confeccionar roupas civis e militares. Seu anúncio voltava-se pelo atrativo de tornar uma pessoa elegante, ao informar sobre seus serviços, deixa claro “Confeccione suas roupas na Alfaiataria Vitória, e seja elegante”. Por estar localizado em uma vila em plena década de 1940, o alfaiate exercia sua função ao confeccionar roupas de acordo com as preferências e medidas de cada pessoa e era visto como “o campeão da tesura (sic.)”<sup>33</sup> onde a qualidade fica em primeiro lugar para satisfazer as necessidades e exigências de cada cliente.

Contavam também com o funcionamento da primeira Oficina Mecânica, do sr. Laudelino Martins, que localizava-se na praça João Soares. Tendo em vista um maior número de veículos motorizados que circulava pela vila e o “grande número de motores industriais”, a oficina servia para atender as necessidades dos proprietários de veículos e motores e tinha como discurso que “ajudá-lo, é economizar tempo e dinheiro.”<sup>34</sup> Quem tinha acesso a esses serviços, era quem tinha condições de possuir carro nesse período, pois tendo em vista a situação econômica que vivia a população, ter carro era restrito a poucas pessoas.

A existência de Armazéns também se destacava nesse cenário comercial, pois dispunham do Armazém de Manoel Fortunato, na rua do sertão, s/n; o Armazém Leal do Sr. José Leal, na rua 4 de outubro; o Armazém de Antônio Medonho, na rua José Laureano e o Armazém de Antonio Padre, na avenida Zé Leal, s/n. Os donos dos armazéns eram produtores, em sua maioria, de algodão e agave e dispunham do espaço físico para o armazenamento de mercadorias na cadeia de abastecimento.

A área central da vila já havia passado por um processo de urbanização, mas continuava com mais projetos urbanísticos. Nas ruas, havia calçamentos, estabelecimentos comerciais, praças construídas e algumas casas contavam com as calçadas alinhadas para passar a imagem de organização e para o uso dos pedestres em seus passeios públicos. Algumas casas foram destruídas para abrir novas ruas e atender a demanda de novos moradores que iam surgindo com a construção de casas e novos prédios.

---

<sup>33</sup> O PAPAGAIO. Ano V, número1, p. 4. Remígio, 24 de dezembro de 1950.

<sup>34</sup> A Voz de Remígio, Ano II, número 8, p.5, julho de 1949.

Ao analisar o cotidiano dos remigenses nos deparamos com algumas maneiras de se divertir que repercutiam na vida da sociedade, mesmo com poucas alternativas de lazer e trabalho, as pessoas procuravam se divertir como podiam: nas ruas, nos bares, nas praças e nas festas da padroeira. Muitos contribuíram para promover uma movimentação social e cultural em Remígio, privilegiando o que estava ao alcance e investindo em equipamentos ditos “modernos” para deleite de uma sociedade pouco alfabetizada.

Anos mais tardes, no final da década de 1940, as opções de lazer e divertimento vão sendo ampliadas, e os velhos hábitos foram sendo substituídos pelas maravilhas que a modernização proporcionava para o povo remigense. O ano de 1948 marca avanços no tocante ao lazer e divertimento, principalmente pela chegada do cinema, que foi considerado uma grande novidade na região. Esse é o cotidiano, sobre o qual lançamos nosso olhar para descrever como eram as formas de viver e se divertir no período que Remígio ainda era uma vila.

### **1.1.2 A SÉTIMA ARTE PRESENTE NA VILA: A CHEGADA DO CINE SÃO JOSÉ**

Citamos novamente um dos homens que contribuiu com a incorporação do cinema na vila de Remígio, o senhor José Leal dos Santos, ou simplesmente, Zé Leal. Ele era muito conhecido na vila e em algumas regiões vizinhas por trazer inovações. O Sr. Zé Leal proprietário de um novo motor de luz elétrica, concessionário da remoção do lixo e bancos de feiras, conseguiu, em 1948, introduzir o cinema na vila a partir da compra de um aparelho cinematográfico, inicialmente com apresentações esporádicas aos sábados e domingos, no prédio do antigo mercado público central, que na época foi cedido pelo prefeito Municipal de Areia.

Em 1949 Zé Leal construiu o próprio prédio do Cine São José, onde ficava o seu armazém, hoje Rua Flávio Ribeiro Coutinho, e passou projetar, aos poucos, selecionados filmes para os remigenses. Observamos na fotografia abaixo, a esquerda da imagem, a instalação do novo prédio do Cine São José, construído na via central da vila, com a presença de automóveis, postes de iluminação elétrica, rua pavimentada e um alto-falante em cima do prédio do cinema que anunciava os dias e horários das sessões.

### IMAGEM 3- PRÉDIO DO CINE SÃO JOSÉ



Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível: <https://www.facebook.com/museu.remigio>. Acesso em 08 de setembro de 2016.

O cinema foi inaugurado no dia 08 de setembro de 1949 e passou a fazer parte do cotidiano dos remigenses com exibições de filmes. Segundo a historiadora Elizabeth Cristina do Nascimento Cunha (2013) a chegada do cinema a partir do Sr. Zé Leal “proporcionou aos remigenses momentos de lazer, encantamento e diversão” (CUNHA, 2013, p.46) além de “mudar o cotidiano daquela comunidade, em suas diferentes esferas, sejam elas sociais, econômicas e/ou culturais” (CUNHA, 2013, p.42) despertando assim, novas sensações presentes na vida dos sujeitos remigenses.

O novo prédio do cinema era um local muito conhecido pelos remigenses e de outras regiões circunvizinhas das diferentes classes sociais, pois localizava-se na principal rua da vila. Contava com a boa localização e usufruía de um amplo espaço que reunia um número maior de pessoas. Ao lado do Cine São José permaneceu o Armazém do Sr. Leal. Cunha (2013) informa quais filmes passavam no Cine São José, entre eles estão os filmes far west (faroeste) que compõem um gênero clássico do cinema americano, os de aventuras como Rin Tim Tim e Tarzan, além dos seriados de Zorro, este último o mais querido e o mais esperado, como vemos na seguinte passagem

Só não superavam os aguardados seriados do herói Zorro. Esse fazia parte da rotina de todo final de semana no cinema, era o preferido da gurizada, e também dos mais velhos. Ninguém deixava de ir ao cinema e, além do mais, esperava ansiosamente



para ver seu herói riscar a primeira letra do nome na telinha, após conseguir realizar mais um desafio. Nesses dias o cinema ficava movimentado. (CUNHA, 2013, p. 52)

A historiadora ainda nos informa que os filmes de Chaplin também faziam sucesso e alguns filmes brasileiros, a exemplo dos filmes da Jovem Guarda que também chegaram e encantaram os remigenses. A divulgação dos filmes era realizada através de cartazes que eram afixados em cavaletes em frente ao próprio cinema, possibilitando as pessoas que passavam na rua ficar informado de qual filme seria exibido e o horário da sessão.

Outra novidade instalada pelo Sr. Zé Leal e que ajudava na divulgação dos filmes, noticiava acontecimentos e animava as noites, foi à amplificadora sonora. A instalação se deu “no prédio em que ele morava, ele pendurou um alto-falante do serviço de som que tinha comprado e as noites da vila foram embaladas por músicas românticas, serestas e baiões da moda.” (CUNHA, 2013, p.40) Podemos perceber que essa amplificadora animou e movimentou muitas noites dos remigenses, era uma forma de divertir-se em lugar aberto, atraindo certa movimentação em frente ao cinema e tornava-se ponto de novas sociabilidades.

As representações aqui presentes sobre a influência do cinema na vida dos remigenses marcam a identidade social dessa comunidade que vivia ainda com aspectos do rural e o seu cotidiano é que revela as práticas de ligação entre os grupos. Desse modo, Cunha (2013) nos mostra que o cinema, e o contexto do cinema, reunia as pessoas de todos os segmentos sociais e levava a novas práticas que a partir de então começavam a fazer parte do cotidiano da pequena vila de Remígio, que já vivia pretensões de se tornar cidade. (CUNHA, 2013, p.56)

Outro filme que movimentava a vila e era esperado todos os anos, era o filme da Paixão de Cristo, que por muitos anos fez parte da semana santa dos remigenses, principalmente pelos mais religiosos. Foi preciso Zé Leal, em muitas vezes, de acordo com o passar dos anos, aumentar o número das sessões para dar conta da quantidade de pessoas que queriam ver o filme sobre Jesus.

Nesta época da Semana Santa eram perceptíveis as movimentações que surgiam na vila, mantendo os costumes e as manifestações culturais que iniciava-se na quarta-feira de trevas e terminava no sábado de Aleluia. O povo entrava na Semana Santa, regidos por um conjunto de atividades religiosas que movimentava a vila e posteriormente a cidade, pois a tradição permaneceu por muitos anos. Sobre essa movimentação o escritor e memorialista Francisco de Assis Melo (2009) em seu livro “Moleques do Palma” nos relata quais eram as atividades realizadas por alguns remigenses durante toda a semana santa:

Logo na quarta feira, as ruas sem calçamento geralmente amanheciam molhadas pelas chuvas dos primeiros dias de abril. Em todos os recantos os grupos iam se formando. Pequenos buracos eram feitos no chão. Começa o jogo do “buraco” [...] O jogador rolava o coco que, mansamente procurava cair no buraco. Quem fosse ganhando ia levando os cocos que seriam utilizados no preparo do bacalhau.

[...]

À tarde, a partir da quinta- feira, no pátio da feira da fruta era organizado o “pau-de-sebo”. Consistia numa enorme linha de cumeeira fixada no chão. Pedacos de sebo eram gastos no tronco de madeira. No topo ficava pregado um pedaço de tábua contendo várias cédulas que tremulavam no ar, desafiando a cobiça da molecada.

[...]

À noite, filas enormes se formavam em frente das bilheterias do cine São José (...) Era um filme em preto e branco, da época do cinema mudo, mas que provocava a mesma emoção na fiel plateia, mesmo com as falas sem nenhuma sintonia om os gestos e nem com a trilha musical.

[...]

Na igreja, todas as imagens estavam cobertas com tecido roxo. Na frente do altar um enorme pano preto ficava pendurado como uma cortina que só cairia quando o padre, na missa de Aleluia encontrasse um pingo de sangue na bíblia, conforme a crença popular. Se não encontrasse, o mundo acabaria. (MELO, 2009, p. 117-118)

As lembranças do memorialista Francisco Melo, reportam-se as brincadeiras tradicionais de sua infância durante a Semana Santa, que começava na quarta-feira e terminava na sexta-feira. Na sexta feira o povo ia à procissão da imagem de Jesus Cristo morto e depois descia para a rua central, em direção ao cinema para assistir ao filme da Paixão de Cristo no Cine São José. Era uma tradição que fez parte da semana santa dos remigenses por alguns anos, assim, “a manifestação religiosa se juntava outra profana”. (SOUZA, 2002, p.187) Neste período o clima que predominava era o de religiosidade, tanto na programação da igreja, quanto nas exibições do filme da Paixão de Cristo no cinema, onde os católicos revezavam-se num clima de paz e de fraternidade bem característico do povo de Remígio. (MELO, 2009, p. 118)

Citamos o cinema, como um espaço de lazer que também fora utilizado pelos remigenses para reunir as pessoas em volta do mesmo ideal que é a diversão. Junto com o cinema, vieram também algumas outras transformações na vila, já que o equipamento considerado tão moderno trazia investimentos para a vila, abrigando espectadores de outras cidades circunvizinhas. É interessante notar que a rua central (atual Rua Flávio Ribeiro Coutinho) foi contemplada durante a década de 1940 com algumas melhorias para a população, pois contava com o cinema, a luz elétrica, serviços de calçamento, casas edificadas.

Pensando na época em que esses equipamentos foram instalados podemos perceber que causou impacto na vida cotidiana das pessoas, principalmente em relação ao cinema e à energia elétrica que se relaciona a comodidade e ao bem-estar. Desse modo, essas modificações ditas “modernas” causaram uma transformação da paisagem urbana e na sociedade, chegando

a interferir no cotidiano de seus moradores, identificando as mudanças de hábitos e costumes por ele provocados e a recepção do novo gerando expectativas de mudanças, como mostra o artigo intitulado “Nossa evolução” do jornal A Voz de Remígio,

Tivemos em primeiro lugar, a instalação de um cinema. Depois, a fundação do “Clube 13 de Maio”. Em seguida, a organização da Sociedade Dramática (...). A recepção ao Pe. José Fidelis constituiu como que o apogeu da nossa evolução. Também houve melhoramentos no terreno da administração pública (...). Novas avenidas estão sendo abertas. Foram instalados um Sub-Posto de Higiene e um gabinete dentário (...). São inúmeras as nossas necessidades ainda por satisfazer. E todas elas serão satisfeitas, uma a uma, sem solução de continuidade, para concretização da nossa evolução. (A VOZ DE REMÍGIO, 1949, p.1)

O cinema chegou à Remígio para trazer novas influências e modificações, causando uma transformação ainda maior na paisagem com características urbanas, criando um novo cenário, haja vista, que Remígio sempre se destacou por ser um polo de atração principalmente comercial, e o cinema surgiu para estabelecer relações com os remigenses, bem como com outras cidades, além de favorecer aos mais pobres usufruir dessa novidade do mundo cinematográfico. O cinema mudou a paisagem urbana, por contar com a presença de pessoas movimentando a rua principal, nos dias e horários de exibição de filmes, possibilitando uma estratégia de interação entre o espaço urbano e o público.

Outras transformações iam sendo anunciadas no final da década de 40, anunciando a chegada dos anos 50, com algumas modificações na Vila de Remígio. O prefeito do Município de Areia sancionava projetos de lei que favoreciam mais transformações na vila, autorizando a construção de um matadouro público, de um Sub-Posto de Higiene com gabinete dentário, uma Cooperativa Agropecuária de Remígio Ltda, na rua do Sertão s/n, além de uma cadeia pública e novas avenidas abertas. O prefeito Cel. Cunha Lima traçava um plano de urbanização com construções que atendiam as necessidades da sociedade.

Em relação à prática de esporte em Remígio, esta era limitada, mas havia algumas representações que existiam nas competições amadoras regionais. Foi por volta de 1940, com a presença do desportista pessoense Edson de Moura Machado, que os esportes que utilizavam bola tiveram seu início. O futebol, em especial ganhou destaque nesse meio, tornando a “paixão” de alguns remigenses que passou a ser uma prática esportiva organizada onde “os atletas jogavam rigorosamente uniformizados. As disputas mais frequentes, ocorriam com os times de Esperança e Areia.” (SERAFIM, 1992, 325) Abaixo a imagem fotográfica mostra o time de futebol de 1942.

**IMAGEM 04: TIME DE FUTEBOL “REMIGENSE FUTEBOL CLUBE” EM 1942**

Na imagem estão José Viana (1), Otacílio Serafim (2), Luiz Bronzeado (3), José Farias (4), Joca Monteiro (5), Mário Vitório (6), Zé Leal (10), Toinho Cavalcante (12) e Edgar de Zé Maria (13). Fonte: SERAFIM, Péricles Vitório. Remígio: Brejos e Carrascais. João Pessoa. Editora Universitária. 1992. p. 324

Inicialmente os treinos e os jogos ocorriam no campo que havia no Genipapo, ou em algum espaço desocupado, sem configuração urbana. As partidas de futebol que alegravam os jovens tornavam-se divertimento para eles e para as pessoas que olhavam e faziam suas torcidas. Posteriormente, surgem outros times, por volta do início da década de 1950, formado pelos estudantes remigenses, que passaram a praticar o futebol em volta do terreno da lagoa, aproveitando o período de estiagem. O futebol possibilitava a troca de sociabilidades entre os que jogavam e entre os que torciam, pois, esse esporte era uma forma de diversão e entretenimento.

É esse cotidiano, ao qual lançamos nosso olhar, neste capítulo, para descrever como eram as formas de viver e se divertir antes da chegada dos clubes sociais. A partir do final dos anos 40 alguns espaços públicos vão sendo construídos para prestar a população certos divertimentos ou formas de lazer dos remigenses em espaços fechados, a exemplo do Clube 13 de Maio (1948) e a S.A.E.R.-1958, com a finalidade da fundação de uma sociedade que servisse de apoio aos estudantes de Remígio, auxiliando-os na prática de esportes e no incentivo aos estudos.

A busca por novas formas de divertimento em novos espaços faz parte dos interesses presente em cada sociedade, procurando meios de estabelecer vínculos sócio afetivos. De acordo com Marcellino “os chamados interesses sociais no lazer podem encontrar seu campo de satisfação nos bailes, na frequência a clubes e associações, e até mesmo nos estabelecimentos comerciais, que não raro servem como ponto de encontro.” (MARCELLINO, 2012, p. 97) E é por essa forma de sociabilidade no campo clubista que buscamos construir uma história da cidade.

Percebemos que alguns aspectos do urbano permeavam a vila de Remígio, destacando as atividades aqui exercidas com elementos modernos fazendo parte da sociedade. Os próximos capítulos nos informam como os anos que antecederam a emancipação política foram fundamentais para entender a construção de novos espaços, que mudaram alguns hábitos, costumes e comportamentos de acordo com o desejo de crescimento de Remígio e como esses espaços com sua influência repercutiu em toda a sociedade.

Sabemos como as cidades convivem com tentativas de elaborar projetos de reformas urbanas para organizar seus espaços e oferecer melhores serviços para a população. Podemos concluir que com Remígio não foi diferente, pois experimentou mudanças estéticas, sobretudo nas áreas centrais, a partir dos ideais da modernização pensada pela elite local. Como diz o arquiteto Bernardo Secchi em seu livro “A cidade do século vinte” à ideia de projeto urbano está ligado ao papel de modificar funções, papéis e imagens de partes inteiras da cidade ou até mesmo da cidade inteira. (SECCHI, 2009, p.78)

Em meio ao contexto de mudanças, existia uma busca por transformar o espaço urbano em um lugar onde os sujeitos se relacionem com o meio no qual se encontram inseridos. É nesse contexto que pensamos em analisar o espaço que foi aos poucos se fazendo presente dentro viver urbano, com a presença de clubes sócio- culturais. Procuramos visualizar, diante do olhar historiográfico, o que se pretendia e para o que serviam estes espaços tomados aqui como objeto de estudo.

Sobre o processo das transformações com características urbanas, no campo cultural, social e político através da presença de dois principais clubes existentes na vila e, posteriormente, na cidade, nos mostram como os espaços urbanos e o cotidiano presente neste lugar, foram ganhando outras configurações. Com isso, consideramos importante destacar a forma de compreender a sociedade através das múltiplas práticas culturais e discursivas que

constituem o sujeito, através das suas experiências e vivências no ambiente em que habitam, possibilitando estabelecer um diálogo maior com a historiografia da cidade.

Saber a existência, o funcionamento e a frequência desses espaços, gerou uma inquietação para buscar novos conhecimentos a respeito da existência de espaços destinados ao lazer e que contribuiu com o crescimento da cidade. De fundamental importância é saber como esses espaços foram destinados também ao auxílio educacional para os jovens remigenses, pois o espaço do clube oferece para o desenvolvimento pessoal e social possibilidades nas diversas áreas, entre elas sociais, econômicas, políticas e culturais. São oportunidades encontradas nesse espaço que permite ao ser humano o contato com informações nas mais variadas gamas de conhecimento.

Era este, portanto, o ambiente da vila de Remígio, antes da chegada do primeiro clube social, sobre o qual apresentamos: um local com ruas calçadas, correios, energia elétrica, subposto de higiene e cinema, mas que ainda era ligado ao campo e onde as pessoas sobreviviam do que conseguiam produzir. Nesse campo reflexivo, Antônio Paulo Rezende destaca que “[...] ao construir suas cidades, as sociedades fundam convivências, estabelecem ordens [...] tecem identidades, aproximam-se de novas linguagens e novos objetos de cultura [...]”. (REZENDE, 2008, p.46) Essas relações que eram estabelecidas a partir das convivências e da formação de identidades nos ajudam a entender esse processo histórico.

O próximo capítulo tem por objetivo analisar as mudanças na cartografia urbana e na vida das pessoas com a chegada do Clube 13 de Maio na vila de Remígio e da S.A.E.R. já na categoria de cidade, destacando as suas contribuições para o crescimento urbanístico desse lugar, no âmbito cultural e político. Assim, voltamos nosso olhar historiográfico para realizar uma configuração do cenário com características urbanas a partir das dimensões físicas, enfatizando as práticas realizadas pelos clubes.

## CAPÍTULO 2– ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES, LAZER, DIVERSÃO E EDUCAÇÃO: OS CLUBES SOCIAIS EM REMÍGIO

### 2.1 OS CLUBES SOCIAIS E SUA RELAÇÃO COM A CIDADE.

Antes de adentrarmos aos espaços dos clubes sociais existentes na cidade de Remígio, vamos percorrer um pouco a história do surgimento dos clubes sócio- recreativos no Brasil, estabelecidos nos grandes centros urbanos dos estados brasileiros, analisando quais eram as primeiras finalidades de se fundar um clube, além de conhecer os eventos sociais e as relações de sociabilidade que ocorreram inicialmente por volta do final do século XIX.

O termo *Club* é de origem inglesa, surgiu por volta do século XVII e tem seu significado como um local de reunião de pessoas seletas. Sua constituição faz parte da cultura de alguns países e aqui no Brasil, durante o século XIX, surgiram alguns clubes, enquanto espaços físicos privados criados por grupos específicos que se destacavam economicamente, com a finalidade de se constituírem como espaços organizados para o lazer e diversão, exercendo diversas atividades.

Na cidade do Rio de Janeiro, surgiram clubes no período da Belle Époque e citamos como exemplo o Cassino Fluminense, fundado em 1845, o Jockey Club em 1868 e o Club dos Diários em 1895 (NEEDELL, 1993). Outras cidades como São Paulo e Fortaleza também se destacaram com o surgimento de seus clubes sociais, estes inicialmente eram locais de encontros e de convívio da elite.

Com o passar dos anos, os clubes evoluíram e foram adquirindo novas formas, outros tipos de atividades, consolidando-se como à busca de lazer<sup>35</sup> e ascendendo no meio de vários grupos de classes sociais, entre eles os trabalhadores e os negros. É interessante observar que com o passar do tempo à disseminação dos clubes e a participação do povo nesses espaços no Brasil foram aumentando por diferentes motivações, pois esses espaços surgiram como uma forma de desprendimento das obrigações profissionais e se constituíram como espaços privilegiados de sociabilidade.

---

<sup>35</sup> O conceito de lazer associado ao âmbito das manifestações socioculturais que encontram apoio teórico na cultura. Segundo o sociólogo francês Joffre Dumazedier o lazer é "(...) um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se (...)" DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**- Debates, São Paulo: Perspectiva. 1976. p.94.

A partir do século XX, as sociedades recreativas e de bailes no Brasil podem ser consideradas, na sua forma de concepção, uma manifestação democrática de participação popular, pois, “enquanto representatividade social é o resultado da vontade de grupos de interesses atendendo diferentes segmentos da sociedade, seja originária de grupos de imigrantes, de elites da sociedade, de classes trabalhadoras, iniciativa pública ou empreendimentos privados.” (CAMARGO, 2008, p.70)

Os clubes surgiram como um importante papel na construção de uma nova sociedade e difundiram-se novas práticas sociais, com costumes e hábitos diferenciados presente nas cidades. Porém, a proliferação dos clubes e associações dançantes raramente mereceu maiores atenções por parte da historiografia. O historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira nos informa a atenção que devemos ter ao analisar os documentos do clubismo relaciona-se:

Ao mostrar a existência de organizações, normas de conduta e códigos de valores próprios entre seus membros, permite que analisemos mais detidamente as experiências dos homens e mulheres que os frequentavam. Ao mesmo tempo, possibilita que formemos um olhar mais crítico em relação aos testemunhos daqueles que, mesmo sem nunca ter pisado nas sedes destes clubes, lançavam contra eles objeções de vários tipos. (PEREIRA, 2002, p.423)

É interessante observar nos estudos referentes às práticas clubistas, quais as maneiras de que se levam para a criação desses clubes, ao mostrar a existência de estatutos, normas de conduta e códigos de valores entre seus sócios, analisando mais detalhadamente as identidades dos homens e mulheres que frequentavam esses espaços, bem como as “festas típicas, vestimentas, formas de relacionar-se com as experiências recreativas e outras manifestações” (SILVA, 2015, p.1). A importância dos clubes sociais evidencia-se por serem espaços de convivências, de criação de identidades, de oportunidades para o desenvolvimento cultural, de encontro de amizades, de auxílio educacional, de lazer para as famílias, de extensão da rede de relações e de poder.

O convívio entre as pessoas como principal objetivo para a fundação destas instituições clubistas, era tido como um espaço de reunião, de discussões e conversas, que possibilitava a criação de amizades, em um espaço de inter-relações entre os seus sócios, com a difusão de novas práticas sociais. O surgimento dos clubes é um dos traços que caracteriza a cidade moderna e, conseqüentemente, do viver moderno com os novos espaços de sociabilidades. No sentido amplo de compreender a cidade e suas formas de interação com o homem, Pesavento nos mostra que:



[...] a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade, ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. (PESAVENTO, 2007, p. 14)

Os clubes foram surgindo na maioria das cidades do país, incorporando-se no cenário urbano e moderno e acompanhando o crescimento e desenvolvimento dos diversos municípios e centros urbanos, pois a localização desses clubes definia uma configuração dos espaços da cidade. Eles surgiram com a intenção de complementar os espaços de convivência dos centros urbanos, enquanto espaços destinados ao lazer, oferecendo bailes, festas comemorativas, jogos, entre outros eventos, permitindo gerar uma rede de sociabilidades que atribuísse significado nos modos de vida das pessoas.

Percebemos através do estudo sobre essa cultura presente na cidade, que a formação de espaços de sociabilidades pode ser considerada como algo bom, algo que traz o progresso para o lugar onde se instalam e possibilita redefinir a sociedade. Os diversos espaços que existem na cidade, possuem um cenário dinâmico e atrativo de sociabilidades, a exemplo dos bares, praças, cinemas, clubes, entre outros.

De forma geral, os clubes constituíam-se por espaços fechados e de fácil localização, dotados de infraestrutura de lazer e convivência social, estabelecendo sociabilidades, com salões de baile e instalações esportivas, destinados à congregação e frequência de sujeitos praticantes que compartilhavam em conjunto certos hábitos e costumes e junção de interesses sociais e culturais.

O clube é considerado como um dos elementos símbolos do progresso e a constituição nas cidades passaram a ser tradicionais, sendo palco da produção de atividades culturais, onde na maioria das vezes, estavam presentes em suas festividades artistas locais ou nacionais. Eventos pontuais como réveillon, bailes de carnaval, comemorações do dia das mães e dos pais, festa junina, celebrações de aniversários, formaturas e casamentos integram a programação anual dessas entidades clubistas, contribuindo assim para o desenvolvimento das cidades, estabelecendo maior integração e relação entre os associados e seus frequentadores.

Identificamos algumas características presentes no clube, como um espaço formal de sociabilidade com estatutos e sócios. Cada uma das associações clubistas, do ponto de vista jurídico, organizava-se segundo seu próprio estatuto, suas regras e categorias aceitas pelos

sócios e que distinguem as diversas pessoas associadas, bem como a sua relação com o clube. É comum que os sócios paguem uma taxa mensalmente ou anual para o bom funcionamento do mesmo, para a manutenção do clube e o bem-estar da sociedade.

As sociedades se fundamentaram em um laço associativo sociocultural no qual as pessoas, em especial, os sócios, uniam o discurso de um lugar avançado, civilizado e urbanizado com o desenvolvimento de variados espaços de sociabilidade. Os trabalhos que existem sobre os clubes sociais, ajudam a esclarecer questões referentes aos hábitos e costumes utilizados em determinada sociedade. Eles são os responsáveis por proporcionar mudanças no comportamento das pessoas em geral, contribuindo enquanto espaço destinado ao lazer e diversão, movimentando a estrutura urbana a partir das transformações que eram percebidas nas ruas, nas casas e nas pessoas em geral. A partir das considerações do historiador Waldeci Ferreira Chagas, considera que os clubes eram:

Característico da urbanidade e da nova ordem vigente, os clubes sociais se tornaram espaço relevante nas cidades brasileiras, principalmente porque passaram a atrair jovens e adultos das camadas alta e média da sociedade que buscavam diversão. Na Paraíba das primeiras décadas do século XX, não foi diferente. (CHAGAS, 2004, p.157)

Referindo-se aos espaços clubistas existentes no estado da Paraíba, a partir da década de 1940, estes começaram a desenvolver-se nas cidades de maior porte populacional e econômico. Na capital João Pessoa, destacaram-se os de elite o “Astréa”, o “Clube Cabo Branco”, e nos demais bairros periféricos como Cruz das Armas, Torre, Jaguaribe, entre eles estão: o “Internacional de Cruz das Armas”, “Associação Atlética Portuguesa”, “Bandeirantes da Torre” e o “Piratas de Jaguaribe”. Percebemos que a capital comportava uma variação de grupos sociais ativos nos clubes sociais.

Já na cidade de Campina Grande existiram os clubes de elite “Campinense Clube” (Clube Patativa), o “Clube dos Caçadores”, o “Clube Aquático Campinense” e os clubes de classe média, “Aliança Clube 31” e o “Gresse”. Entre os clubes dos trabalhadores eram o “Paulistano” e o “Ipiranga”. Segundo o historiador Antonio Clarindo Barbosa de Souza, também havia uma variação de grupos sociais na cidade de Campina Grande, que passou a participar da vida nos clubes sociais e aponta que “A participação num clube tinha um sentido de ascensão e reconhecimento social.” (SOUZA, 2002, p. 220).

As recordações sobre as formas de sociabilidade existente em Remígio em outros espaços, que não passava unicamente pelos clubes, mostra os atrativos que se fazia presente na sociedade. No entanto, entendemos que a fundação de clubes e sociedades se fez presente em diversas cidades, modificando alguns hábitos e costumes da sociedade, sejam elas capitais ou não, como é o caso de Remígio.

## 2.2 REMÍGIO E SEUS CLUBES

Remígio em meados dos anos 40 ainda não era uma cidade, mas mostrava seus sinais em busca de desenvolvimento, com a presença de ambientes destinados às diversas formas de sociabilidades, inclusive o clube social e o cinema<sup>36</sup>. As cidades vizinhas à Remígio, a exemplo de Areia, Bananeiras, Alagoa Nova, Solânea, Picuí, Campina Grande, entre outras, também contavam com a presença de clubes. Neste capítulo apresentamos o surgimento do Clube 13 de Maio (1948) e da S.A.E.R. (1958).

A partir da década de 1940 as associações culturais e/ou recreativas fizeram parte da vida social e cultural dos remigenses. Essas associações clubistas foram organizadas e fundadas em um período em que Remígio avançava em seu desenvolvimento, percebido principalmente em termos urbanísticos, com melhorias urbanas e instalação de serviços básicos. As melhorias das estradas, da luz elétrica, das construções de casas, a presença do Cine São José, também possibilitou a vila um impulso cultural.

Os novos espaços específicos surgiram para reunir boa parte da população, enquanto espaços culturais, realizando seus eventos festivos aos finais de semana e atividades culturais durante toda a semana, além do incentivo a educação, possibilitando aos frequentadores que tenham a mesma afinidade, de compartilhar momentos de descontração e entretenimento, estabelecendo relações coletivas. Buscamos analisar o envolvimento desses clubes no processo de auxílio educacional sobre os jovens estudantes remigenses, filhos dos sócios e comerciantes de Remígio.

A ideia de fundar uma concepção clubista, supostamente, deve-se aos estudantes que iam realizar seus estudos nas capitais de João Pessoa, Recife, Maceió, entre outras, e tinham

---

<sup>36</sup> Cine São José, inaugurado no ano de 1948 por José Leal dos Santos.

contato com uma linguagem modernizante e civilizatória, empreendendo um papel importante nesse período. Tal contato possibilitava a difusão dessa ideia para reproduzir em Remígio o que vivenciavam nas grandes cidades, contribuindo assim para a difusão de tais práticas culturais com a sociedade remigense. A convivência com os novos costumes e hábitos permitiu que os jovens remigenses ao regressarem a Remígio trouxessem em suas bagagens ideias e materiais para implantação e reprodução das práticas culturais, principalmente porque os divertimentos em lugares específicos nesse lugar eram praticamente inexistentes.

Ao conhecer os estatutos de ambos os clubes, ficamos informados de como era organizado o quadro de sócios, destacando a hierarquia de valores e as regras que mantinham a sociedade ativa. Os estatutos revelam, ainda, os aspectos que os seus fundadores, geralmente os primeiros sócios preservavam. O reconhecimento dessas sociedades crescia à medida que ofereciam diversões a associados e frequentadores em geral, sendo o clube considerado um espaço “privado” de sociabilidade e de lazer, que era mantido por seus sócios.

Os clubes, por serem considerados símbolos do moderno, surgiram a partir de determinados interesses e representavam para os seus frequentadores um espaço seletivo, capaz de estabelecer trocas afetivas e simbólicas entre homens e mulheres. Nesse sentido, a cidade de Remígio surge nesse estudo para mostrar que, independentemente de o lugar ser localizado no interior do estado da Paraíba, possuía suas associações recreativa/clubistas e tinha seus interesses em ampliar a cultura, que vai sendo desenvolvida pelos sujeitos.

Portanto, apresentamos como era a vida dentro e fora dos clubes sociais, onde os hábitos que eram adquiridos dentro dos clubes seriam usados em sua extensão com a rua, com as pessoas, com a casa. Discorremos como as experiências vividas nesses ambientes faziam parte de um sistema dinâmico de trocas, em uma relação de interinfluências sociais e culturais contribuindo para a construção de significados e modos de vida nas pessoas.

Diante do que foi exposto, nos questionamos sobre: Quais as práticas de lazer vivenciadas dentro dos clubes sociais e quais sua inter-relação com as demais atividades culturais que existiam em Remígio? Como as pessoas se apropriavam do tempo livre para frequentar as atividades que o clube oferecia? Vamos responder as essas e outras questões nos pontos seguintes.

### 2.2.1 A PRESENÇA DO CLUBE 13 DE MAIO NA VILA DE REMÍGIO

Entre o final dos anos 40 e início dos anos 50, Remígio destacava-se por sua atividade econômica voltada para a agricultura familiar, e sua população resumia-se a agricultores com o predomínio das famílias tradicionais, pequenos comerciantes, outros comerciantes de algodão e agave, e fazendeiros. Tais comerciantes de algodão e agave e os fazendeiros destacavam-se por possuírem uma melhor condição financeira e procuravam dar aos seus filhos um estudo melhor. Geralmente enviavam seus filhos para estudar nas capitais dos estados do Nordeste brasileiro para conseguir um diploma e assim, a partir da conquista do mesmo, estes adentravam na política com projetos voltados para o crescimento e desenvolvimento de sua região.

Em Remígio os interesses dos estudantes e de suas famílias estavam voltados para o desenvolvimento do local, nos aspectos cultural, econômico e social. Assim, o Clube 13 de Maio surgiu nesse meio de projeto, que valorizava um local específico para reunir pessoas com os mesmos interesses de ajudar Remígio a desenvolver-se, bem como ajudar no crescimento individual a partir das práticas culturais empreendidas por esse clube. O grupo interessado em fundar uma sociedade clubista, certamente, desejava ascender e ser reconhecido no meio social, como nos informa o senhor Heronides Dias de Barros

Então pouco antes de 50, se chegou à conclusão que era bom que Remígio tivesse um Clube, um clube né. Eu tenho até anotado isso, guardado num canto, não tá por aqui, a diretoria do clube. Então foi feita a primeira reunião, interessados em organizar, isto foi mais Simeão Cananéa. Simeão Cananéa era estudante de Direito em Maceió, na Universidade de Alagoas e, mas passava a maior parte do tempo aqui, a Universidade de Alagoas não exigia frequência o ano todo, não é. Tinha uns períodos de prova e Simeão com muito sacrifício se formou em Direito né.<sup>37</sup>

Na fala do nosso depoente percebemos o interesse que havia por parte do jovem estudante Simeão Cananéa, em fundar um clube na vila de Remígio. O jovem pertencente a sociedade remigense, possivelmente reuniu-se com outros jovens e forças políticas da época para fundar o clube, que tinha como objetivo se divertirem, bem como iniciar e adensar os laços que os uniam aos seus iguais, possibilitando a criação de uma rede de sociabilidade, além de (re) definirem suas identidades enquanto indivíduos pertencentes a determinado setor social em Remígio.

---

<sup>37</sup> Heronides Dias de Barros. Entrevista concedida a autora no dia 15 de junho de 2017.

No dia 13 de Maio de 1948, criava-se uma associação recreativa, denominada “Clube 13 de Maio”, localizada na Rua João Pessoa, nº16, o primeiro de Remígio. Podemos inferir que, nesse período, inaugurava-se em Remígio um novo tempo, pois recebeu um local destinado ao lazer e diversão, além de auxiliar na educação da sociedade, com o objetivo de mudar o cotidiano dos habitantes seja em sentido social, cultural ou econômico.

O clube surgiu em meio aos interesses das pessoas que pretendiam modificar o cotidiano da vila de Remígio, para preencher uma lacuna existente no meio social remigense, onde os moradores vivenciavam as configurações das transformações do espaço urbano, como mostra a seguinte passagem:

Fundado em 13 de Maio do corrente ano (1948), tem contado com o apoio e a boa vontade de nosso povo, tão bom e tão simples. Ainda agora, o Sr. Severino Bronzeado, fazendeiro aqui residente, doou o terreno necessário à construção de sua sede social. A sua biblioteca conta com inúmeras obras todas ofertadas por sócios e pessoas interessadas no desenvolvimento intelectual de nossa terra. Jornais também têm sido oferecidos, destacando-se A Imprensa, de João Pessoa; O Rebate, de Campina Grande; A Vanguarda e Informação Agrícola, do Rio de Janeiro. (A voz de Remígio, 1948)

A fundação deste clube configura-se como uma instituição, um local específico que permitia seus sócios e frequentadores a usufruir do espaço através da expansão das práticas características que são determinadas pelo lugar e pelo tempo, uma valorização da cultura. Apesar de existir a falta de igualdade social em atingir as atividades de lazer oferecidas pelo clube, acreditamos que esse espaço veio a somar na busca pela prosperidade de Remígio, haja vista, que a constituição desses espaços para a prática de lazer e divertimento implica na estrutura e organização das cidades, passando a serem vistas com um novo cenário com características urbanas definidas, para então poder adquirir novos padrões para a sociedade.

Acredita-se que com o surgimento dessa atividade clubista, a vila de Remígio ganhou benefícios advindos desse clube. O registro do Clube 13 de Maio encontrado no cartório da cidade de Areia, foi realizado oficialmente no mês de abril de 1949, quase 1(um) ano após a sua criação, como nos mostra o seguinte documento do Estatuto do Clube 13 de Maio:

Capítulo I: Da sociedade e seus fins. Art.1º O clube 13 de Maio, associação recreativa com sede na Vila de Remígio, Município de Areia, Paraíba, fundada a 13 de Maio de 1948, tem por fim proporcionar aos seus sócios, jogos desportivos, recreativos, bailes, divertimentos em geral.

Art. 2º O clube dependendo de resolução de sua diretoria poderá realizar jogos com associações conjuntas.

Art.3º Pelo menos uma vez por mês, logo que o permita a situação financeira, o clube oferecerá um baile aos seus sócios. (Areia, 1949)

A Ata de fundação e o Estatuto do clube foram registrados no Cartório Maia de Albuquerque, na cidade de Areia. Segundo o Sr. Heronides, o nome “Clube 13 de maio” deve-se ao dia da sua fundação, pois “deram o nome de 13 de Maio porque a reunião de fundação ocorreu no dia 13 de Maio, era feriado, dia da libertação da escravatura e nessa reunião, nesse dia, nesse feriado, se criou o 13 de Maio.” E acrescenta que antes do clube ser oficialmente criado, “por aclamação Simeão Cananéa, foi eleito o primeiro presidente”.

Sabemos da importância de um clube social possuir um estatuto, como documento legal básico e para manter-se organizado, com um conjunto de normas para disciplinar o seu funcionamento. Com base nisso, o capítulo II do estatuto do clube 13 de maio apresenta a sua organização, composição e administração:

Capítulo II: da sua organização, composição e administração. A sociedade tem caráter civil, com personalidade distinta de seus sócios e como pessoa jurídica como de direito privativo, preencherá as disposições legais a ela referentes sendo administrada por uma diretoria composta de nove membros, eleito em escrutínio secreto por um ano por assembleia geral.

Art.4º A diretoria será composta da seguinte forma: presidente, vice-presidente, primeiro secretário, segundo secretário, primeiro tesoureiro, segundo tesoureiro, primeiro amador e segundo amador e bibliotecário.

Art.5º Haverá um Conselho Fiscal composto de cinco membros e eleito conjuntamente com a diretoria e por igual período.

Art.7º O ano administrativo começará no dia 13 de Maio quando será empossada a diretoria eleita.

Parágrafo Único. O primeiro sábado do mês de Maio de cada ano haverá uma assembleia geral para eleição da diretoria.

Art.8º O não comparecimento do sócio–diretor sem causa justificada as três sessões consecutivas da diretoria importará em sua resignação.

Art.9º Ocorrendo qualquer vaga na diretoria, o presidente convidará um sócio fundador ou na sua falta um sócio efetivo para preenche-la com caráter definitivo, com folha menos de 90 dias para terminar o mandato, em caso contrário o convite será provisório, procedendo-se a nova eleição para o cargo vaga por dias após a sua verificação.<sup>38</sup>

A sociedade do clube foi regida por uma diretoria provisória do dia 13 de Maio até o dia 15 de Agosto de 1948, data em que foi empossada a primeira diretoria efetiva. De início a diretoria do Clube era formada pela seguinte ordem: Presidente – Severino Ciro Dias, Vice-Presidente – Eurides Garcia, 1º Secretário– Antônio Umbelino de Souza, 2º Secretário– João Inácio de Melo, Primeiro Tesoureiro – Estanislau Eloy, Segundo Tesoureiro – José Tomaz Filho, Primeiro Orador- Simeão Cardoso Cananéa, Segundo Orador- Pedro Balbino e Silva, Bibliotecário – Boanerges Gomes Vieira. Já o Conselho Fiscal era formado por Paulo Cabral

---

<sup>38</sup> Estatuto do Clube 13 de Maio. Abril de 1949. Areia – PB.

Vitório, Firmino Dias de Lima, Manoel Mizael de Lima, José Bronzeado Sobrinho e Manoel Cardoso Palhano.<sup>39</sup>

O Clube 13 de Maio contava com um total de 85 sócios iniciais, sendo: 65 efetivos, 19 fundadores e apenas um correspondente. Os sócios que são responsáveis por condicionar sua participação nas atividades oferecidas pelo clube, estando sempre à frente da manutenção e funcionamento do mesmo. Alguns nomes dos homens que estiveram à frente dessa criação do clube são lembrados por nosso depoente Heronides Dias de Barros

E nessa primeira diretoria, o presidente foi Ciro Dias, que foi meu pai, que era meu pai né, foi o primeiro presidente do Clube 13 de Maio [...] Então criado esse Clube 13 de Maio tinha muita gente que participou dessas reuniões, que eram os cabeças do clube: Seu Nelau, Estanislau Eloy do cartório, era Antônio Umbelino era um fiscal de vendas daqui, era Ciro Dias, era Manoel Mizael, era Seu José do Patrocínio, Seu José Tomaz, é eu acho que Celso Carneiro e outros, reunia assim pelo menos uns 30 remigenses se interessavam na coisa, muito interessado na coisa. Muito animado.<sup>40</sup>

Ao analisar os jornais, pudemos perceber que ao longo de um ano de funcionamento do clube, o quadro de associados tornou-se maior, sendo assim dividido da seguinte maneira: 116 associados, dos quais 19 foram fundadores, 12 correspondentes e 84 efetivos.<sup>41</sup> Segundo o Estatuto do Clube, a organização dos sócios, era da seguinte maneira:

Capítulo III: Dos sócios e sua administração.

Artº. 10: os sócios evidentes em: fundadores, efetivos, honorários, beneméritos, adventícios e correspondentes.

Capítulo IV: Por direitos diversos penas dos sócios. São direitos dos sócios honorários, fundadores e efetivos, gozar de todas as vantagens estabelecidas neste regulamento.

Capítulo V. Da administração.

Capítulo VI. Das eleições

Capítulo VII. Da assembleia geral

Capítulo VIII. Das sessões da diretoria.

Capítulo IX. Das recreações, jogos, etc.

Capítulo X. Das disposições Gerais.

Os presentes estatutos depois de aprovados entrarão imediatamente em vigor. A comissão: Antonio Umbelino de Souza. Semeão Cardoso Cananéa. Horário Leal Polary. Aprigio Nogueira de Oliveira. Aprovado em sessão da assembleia geral, realizada em 04/06/1948.

Foram muitos os homens que contribuíram para a fundação deste clube e lutaram para a sua permanência durante alguns anos. Um exemplo foi Estanislau Eloy, Tabelião Público do Cartório do Registro Civil e de Notas da Vila de Lagoa do Remígio, função que começou a

<sup>39</sup> V.D.R. Ano I, número 1, p. 4. Dezembro de 1948.

<sup>40</sup> Heronides Dias de Barros. Entrevista concedida à autora no dia 15 de junho de 2017.

<sup>41</sup> V.D.R. Ano I, número 7, p. 2. Junho de 1949.



exercer em 1935. Ele participou ativamente da fundação do clube “13 de Maio”, do qual, foi seu primeiro tesoureiro em 1948. Estanislau Eloy esteve durante um determinado período integrado aos movimentos socioculturais de Remígio e escrevia para revistas e jornais de Remígio e de Campina Grande, a exemplo de “O Rebate”<sup>42</sup>.

Ainda, no âmbito do clube, foi um batalhador pela consolidação da Biblioteca “Cônego Pedro Cardoso”, o nome dado à biblioteca foi decidido em reunião com a diretoria do clube, tal nome, o senhor Antônio Umbelino apresentou a indicação de nomear a biblioteca com o nome, pois se tratava do cônego Pedro Cardoso, ex-diretor do colégio PIO X, de João Pessoa e tio do acadêmico Simeão Cananéa, sócio diretor do clube 13 de maio.<sup>43</sup>

O clube possuía finalidades diversas, através das várias funções que exercia junto com os seus associados. Promoviam bailes, jogos lícitos e educativos, exposições, realizavam palestras que, segundo os fundadores, contribuía para o “progresso moral e intelectual” dos remigenses, festas comemorativas de datas especiais, auxiliava na educação dos filhos dos sócios por meio da biblioteca que era constituída como um lugar de leitura e informação e também oferecia cursos. Era uma forma de conceder benefícios aos seus associados. Infelizmente, pela época que foi fundado e pelo pouco tempo de funcionamento, não encontramos pessoas que pudessem contribuir através de seus relatos orais de memória, sobre a convivência nesse clube e os eventos sociais realizados, por motivo de serem crianças no período que o clube 13 de Maio foi criado.

A biblioteca “Cônego Pedro Cardoso” foi registrada em 1950 sob o nº R.M. 4 042, no “Instituto Nacional do Livro”.<sup>44</sup> O mesmo enviou ao Clube 13 de Maio alguns exemplares de livros, para contribuir na leitura do público da vila, entre os livros estão:

Anita Garibalde; O Romance de Leonardo da Vinci; Estudos de Ecologia Humana; Minha terra e meu povo; Dicionário de Sinônimos e Antonimos da Língua Portuguesa; Dicionário de Verbos e Regimes; O Poder; Obras de Gilberto Amado; 2 Grão de Areia e estudos brasileiros; Judas, o Obscuro; Lendas Cristãs; O Domínio de si mesmo pela auto sugestão; Fogo Morto; Memórias de um gato aventureiro; A conquista da terra misteriosa; Nanete, a acendedora de lampeões; A casa dos cravos brancos. (A VOZ DE REMÍGIO, 1950, p. 1 e 4)

<sup>42</sup> O Rebate é um jornal da cidade de Campina Grande fundado em 04 de outubro de 1932 e permaneceu ativo até a década de 1960. Blog Retalhos Históricos de Campina Grande. Acesso em 10/02/2017.

<sup>43</sup> V.D.R. Ano I, número 11, p.1. outubro de 1949.

<sup>44</sup> O Instituto Nacional do Livro foi um órgão criado no governo do presidente Getúlio Vargas responsável pela política nacional das bibliotecas e do livro.

De acordo com as atribuições do Instituto Nacional do Livro, as obras literárias tinham o objetivo de auxiliar na formação cultural da população, expandindo por todo o país as bibliotecas públicas. Esse fator, possivelmente, ajudou Remígio a desenvolver-se na cultura da leitura, favorecendo a educação das crianças, jovens e adultos. Notavelmente o Clube 13 de Maio tinha o interesse de instruir a leitura e discussão de livros, revistas e jornais a partir de sua biblioteca, pois as atividades da biblioteca auxiliavam no aspecto educativo do lazer como veículo e objeto de educação.

Inicialmente, o clube não tinha uma sede social própria, mas contava com aquisição de móveis e imóveis, organização da escrita, elaboração e registro dos estatutos, regimento interno e uma biblioteca. A partir da iniciativa de criar um clube destinado a auxiliar na educação dos jovens e adultos, foram surgindo novos empreendimentos, a exemplo do jornal “A Voz de Remígio”, a Biblioteca “Cônego Pedro Cardoso” e o curso de Admissão e Datilografia.

A sociedade contava com um jornal mensal “A Voz de Remígio” criado por iniciativa do consócio Simeão Cananéa (redator chefe), com a aprovação dos demais diretores, o qual utilizamos como fonte nesse trabalho. Contamos com dezoito edições desse jornal, onde conseguimos analisar múltiplos aspectos da vida social e política remigense, nos favorecendo como objeto dessa pesquisa histórica.

A chegada do jornal servia como um meio de divulgação de boa parte dos acontecimentos da vila de Remígio e do que acontecia no clube. Nas entrelinhas do jornal, os editores informam que “não há cor política”, que é um “jornal apartidário”, porém por serem alguns homens fundadores e sócios envolvidos na política local, muitas edições tendem a posicionar-se politicamente, mas é importante destacar que o jornal funcionou como um forte veículo de informação para a sociedade naquela época.

O jornal “A voz de Remígio” – Órgão do Clube 13 de Maio - circulava todos os primeiros domingos de cada mês na vila de Remígio em uma sociedade que contava com ajuda de boa parte dos remigenses, assim nos informa o jornal em sua primeira edição no dia 05 de dezembro de 1948:

Os grandes empreendimentos, os grandes acontecimentos, sempre foram precedidos de audácia. E audaciosos foram todos os grandes homens... Seguindo este exemplo é que nos aventuramos a fazer circular um jornal em nossa terra. [...] um jornal que seja o interprete de nossos ideais. [...] O seu patrono é o Clube 13 de maio, sociedade que conta com todos os remigenses amantes de sua terra e ávidos de seu engrandecimento. Remígio que se encontra numa nova fase de vida - social política e econômica – com

a circulação de seu primeiro jornal, marcará o início de uma nova época nos anais de sua história. [...] Estamos certos de que o nosso povo saberá compreender o nosso esforço e o valor de um jornal em uma terra, mesmo que seja um jornal humilde e pobre como A VOZ DE REMÍGIO.” (A VOZ DE REMÍGIO, 1948, p. 1)

A origem do jornal foi descrita em suas edições, como um dos acontecimentos de maior relevo cultural e social, bem como um importante veículo de comunicação do clube para a vila de Remígio. Neste jornal havia referências a busca do desenvolvimento de Remígio, pois trazia em suas edições notas referentes à boa parte das realizações que ocorriam no lugar, bem como aos problemas que a vila enfrentava, considerando a pluralidade de pessoas, pensamentos e posicionamentos que este jornal possuía. Considerado como a realização de um ideal, o jornal

Foi dest’arte que surgiu também entre nós, o ideal de fundar um jornal. Nasceu frágil, raquítico; porem tornou-se repentinamente forte, passou do sonho a realidade porque encontrou o apoio unânime dos remigenses e dos amigos de Remígio. E graças a Deus vimos aparecer no dia 5 de Dezembro passado, o primeiro número de A VOZ DE REMÍGIO que, positivamente escreverá com letras de ouro a primeira página da história de nossa querida terra. Estão, pois de parabéns não somente os remigenses, mas de modo geral, todos aqueles que de coração, vem trabalhado para o engrandecimento deste pequeno rincão que Deus abençoou. (A VOZ DE REMÍGIO, 1949, p. 1)

O jornal fez parte de uma novidade que chegava no lugar e era utilizado no clube como um meio de comunicação entre as pessoas. Através do jornal podemos contar com informações peculiares sobre o cotidiano e trazendo notícias no setor evolutivo e de crescimento da Vila de Remígio, bem como algumas informações sobre o próprio clube e sua fundação. A circulação do jornal serviu para “defender a nossa terra, ser interprete e defensora de nossas necessidades e de nossos ideais.”<sup>45</sup> Ele expressa a coletividade das pessoas que compõem as edições dos jornais e carregam consigo um conjunto de ideias, crenças e valores, além de concorrer com o desenvolvimento cultural e social de Remígio.

Observamos que o jornal tinha um papel importante no registro da vida social de Remígio, divulgando o cotidiano das pessoas daquela época e trazendo pontos de vistas dos seus colaboradores, destacando os bens, serviços e equipamentos incorporados em Remígio, além de defenderem os seus interesses ao solicitar melhorias para o lugar, pois sabiam de seus problemas e de suas necessidades. O cenário jornalístico na vila no final da década de 1940 e início de 1950, não era fácil em um lugar que não contava com muitas escolas e com uma população parcialmente alfabetizada, por isso o interesse dos fundadores em criar o jornal,

---

<sup>45</sup> V.D.R. Ano II, número 12, p. 1. Dezembro de 1949.

como uma forma de auxiliar na educação, através da prática de leitura, na expectativa de serem compreendidos por todos os leitores. Ao que parece, a circulação estava presente na vila e na cidade de Areia, tendo em vista, que Remígio, nesse período, ainda pertencia à Areia e quem lia os jornais eram as poucas pessoas que sabiam ler e que eram ligados a escola, ou estudavam fora.

Em suas colunas percebemos o interesse dos responsáveis pela escrita do jornal em divulgar notícias referentes as questões urgentes do problema social, educativo e religioso. Destacam o motivo pelo qual mantem a circulação do jornal na vila

[...] o motivo da elevada intenção que nos impulsiona a trabalhar para maior desenvolvimento cultural dos filhos de nossa terra é estreitar mais os elos de amizade reinantes entre o povo desta inegalável Remígio e os habitantes das cidades, vilas e povoações não só deste como dos demais Estados da Federação. (A VOZ DE REMÍGIO, 1949, p.4)

As pessoas que escreviam os jornais reuniam as informações na sede improvisada do clube 13 de Maio e enviavam até a gráfica em Campina Grande. Os assinantes pagavam uma taxa anual de Cr\$ 20,00, para ter as edições do jornal que contribuía para a realização do mesmo. Destacamos nas páginas do jornal, as pessoas que colaboravam com seus artigos publicados nas edições <sup>46</sup>, entre eles estão o Pe. José Fidelis, o deputado Dr. Luiz Bronzeado, a professora Maria Bronzeado Machado, o acadêmico Eslú Eloy, o professor Manoel Ataíde.

Mesmo o clube tendo sido fundado em 1948 sem uma sede própria, os sócios ambicionaram e movimentaram-se para construir uma sede própria do Clube 13 de Maio, pretendendo iniciar a construção no ano de 1949, como uma forma de adquirir estabilidade para seus associados. Segundo informações do jornal, o terreno foi doado pelo fazendeiro Severino Bronzeado e Severino Ciro Dias, outro fazendeiro e presidente do clube, quem doou dez milheiros de tijolos.

O clube contou também com a contribuição da Prefeitura Municipal através do projeto de lei nº 15, abrindo crédito especial de Cr\$ 1.500,000, e uma planta feita pelo engenheiro agrônomo Anastácio Pereira, ficando o restante das contribuições através da boa vontade e o

---

<sup>46</sup> As pessoas que escreviam no jornal “A Voz de Remígio” não eram jornalistas, eram moradores da vila. Entre os escritores podemos destacar professores (as), padre, pessoas letradas a exemplo dos estudantes acadêmicos e advogados e demais profissionais. Quais eram os interesses desse grupo de pessoas em formar um jornal que circulasse no clube e na vila? Possivelmente a resposta volta-se pelo fato de que essas pessoas queriam dar um ar que a vila estava se desenvolvendo, que era uma vila independente da cidade de Areia.

esforço dos sócios.<sup>47</sup> A pretensão de construir o novo prédio do clube, teria sua localização na Praça João Soares em frente à igreja de Nossa Senhora do Patrocínio.

No dia 09 de Maio de 1949, quase um ano após a fundação do Clube 13 de maio, foi eleita uma nova diretoria, de acordo com o estatuto, presidida pelo Dr. Luiz Bronzeado “ilustre promotor público da Comarca de Areia”. A nova diretoria, de acordo com o estatuto, tomou posse no dia 13 de maio de 1949, data de aniversário da fundação do clube. O pleito da nova diretoria ficou organizado da seguinte forma:

Presidente: José Leal dos Santos; vice-presidente: Severino Ciro Dias; 1º secretário: Antônio Umbelino de Souza; 2º secretário: Paulo Cabral Vitória; 1º tesoureiro: José Tomaz Filho; 2º Tesoureiro: Manoel Cardoso Palhano; 1º orador: Semião Cananéa, 2º orador: Eptácio Bronzeado; bibliotecário: Manoel da Silva; Conselho Fiscal: Firmino Dias de Lima, José Felix Vieira, Estanislau Eloi, Abel Daniel de Assis e Manoel Mizael de Lima. (A VOZ DE REMÍGIO, 1949, p.1)

Contavam os sócios e frequentadores do clube, que com essa nova administração pudesse construir a sede social própria, pois viam que “sem ela, o clube estará sempre em perigo de se extinguir. Sem ela, ele não estará firme, não poderá ir adiante. Ela representará o alicerce em cimento armado (...)”<sup>48</sup> A sociedade estava formada, o quadro de sócios estava completo, o que faltava era um lugar apropriado para a sede e para a realização dos eventos sociais, a sede própria do Clube 13 de Maio.

Além da mudança de diretoria, o clube também adquiriu um aparelho de rádio, da marca Philips (sic.), com 7 (sete) válvulas e com um auto falante. Dessa forma, acreditamos que com a aquisição desse rádio, os frequentadores do clube passaram a contar com mais uma atração. Visto como um local de divertimento e lazer, o clube 13 de Maio promovia as festas de Carnaval, de São João, festejos de final de ano, além dos diversos bailes que ocorriam em seu salão, animando a vila em geral.

O clube 13 de Maio foi reconhecido de utilidade pública através da lei nº 3, de 2 de Julho de 1949 “Reconhece de utilidade pública o clube 13 de Maio, da vila de Remígio.” A lei foi sancionada pelo prefeito da cidade de Areia José Antonio Maria da Cunha Lima Filho e decretada pela Câmara Municipal “Art.1º- fica reconhecido de utilidade pública o Clube 13 de Maio, da vila de Remígio, deste Município.”<sup>49</sup>

<sup>47</sup> V.D.R. Ano II, número2, p. 2. janeiro de 1949.

<sup>48</sup> V.D.R. Ano I, número 6, p.1. maio de 1949.

<sup>49</sup> V.D.R. Ano II, número 8, p. 2. julho de 1949.

Durante o carnaval, existiam bailes nos três dias e com um pequeno bloco de rua. O jornal destacou em março de 1949 a festa de carnaval que “O clube 13 de maio tem responsabilidade sobre as nossas festas sociais. E a sua diretoria não deve poupar esforços para bem servir aos seus sócios.”<sup>50</sup> O memorialista Francisco de Assis Melo nos conta como era a diversão na época de Carnaval no clube 13 de Maio e assim nos informa:

[...] o carnaval em Remígio era dos mais animados. O lugar era pequeno, mas o povo tinha a animação no sangue. Era a época dos grandes carnavais. Todos se fantasiavam para brincar até a última hora da folia. O salão do Clube 13 de Maio ficava repleto. Confetes, serpentinas, fantasias multicores e belas garotas eram os ingredientes do sucesso. O som da afinada orquestra tomava conta do ambiente, invadindo a alma dos pierrôs e colombinas apaixonada. (MELO, 2009, p.69)

No decorrer da festividade do carnaval as ruas também eram animadas com os blocos de carnavais e as brincadeiras de rua com os foliões. Por mais que as dificuldades econômicas existissem na época<sup>51</sup>, as pessoas procuravam se divertir como podiam, seja utilizando o espaço do clube ou as ruas. Ainda que o carnaval não fosse tão agitado, é possível percebermos que as pessoas o festejavam e dessa forma saíam às ruas vestidos de papangus e/ou mascarados, em especial aos domingos, dia de realização da feira local.

Já os festejos de São João e São Pedro, são descritos no ano de 1949, como “bem animados”, com bailes nos dias 23, 24, 28 e 29. Destaca-se na edição do jornal que “os sócios e convidados compareceram com as suas famílias, dando um cunho todo especial aquelas festividades.” As diversões mudaram a partir da chegada do clube, o que antes era comemorado nas ruas ou nas casas das famílias, agora ficava por conta do clube.

Alguns eventos eram organizados pelo Clube 13 de Maio, entre eles palestras instrutivas e exposições, para contribuir com a disseminação da cultura entre a população. Um dos eventos realizados foi a primeira exposição de pintura realizada no salão do clube, no dia 06 de janeiro de 1950, do pintor campinense Pedro Correia. As impressões dessa exposição foram registradas no jornal VDR,

Magnifica foi a impressão que todos nós tivemos, quando pela primeira vez assistimos a uma exposição de pintura. O salão esteve durante o dia e parte da noite, cheio. Trabalhos significativos, exprimindo o sofrimento de nossa gente e onde se observava profundos estudos psicológicos, as obras de Pedro Correia, muito concorreram para a educação de nossa gente. (A VOZ DE REMÍGIO, 1950, p.2)

<sup>50</sup> V.D.R. Ano I, número 5, p. 4. março de 1949.

<sup>51</sup> Com o pós-guerra e o crescimento do país naqueles fins dos anos 1940, todo um clima de euforia animava as pessoas a criarem espaços diversionais e buscavam opções de lazer.

A exposição, possivelmente, trouxe uma contribuição no desenvolvimento cultural da vila de Remígio, pois foi de encontro ao público, retratando caricaturas de cidadãos da terra. As palestras instrutivas realizadas mensalmente, também passaram a contribuir com a disseminação da cultura na vila de Remígio. A primeira palestra instrutiva realizada no Clube 13 de Maio foi do então pintor que realizou a primeira exposição de pintura, o Sr. Pedro Correia da cidade de Campina Grande, considerado como “um dos maiores pintores do Brasil”, assim descreve o jornal VRD

A palestra do mago do pincel versou sobre a história da pintura no Brasil. Trabalho de folego, agradou consideravelmente a numerosa assistência que o foi ouvir. Depois houve uma aula pratica de pintura. E assim, nosso povo ficou com uma ideia perfeita do que é a difícil arte de pintar. (A VOZ DE REMÍGIO, 1950, p.1)

Outras palestras vieram a ser realizadas mensalmente no clube, com a presença dos pronunciadores professor Luiz Gil, também de Campina Grande com o tema “Necessidade do cooperativismo, sua origem e evolução” e o Pe. Ruy Vieira, da cidade de Areia, sobre a “Necessidade da religião na sociedade”.<sup>52</sup>

O clube contava com algumas práticas de esportes. Benoni Serafim foi o primeiro diretor de esportes do clube. Em 1949 Hortencio Cesar de Alencar, foi nomeado para exercer o cargo de diretor de esportes e “organizou um vasto programa esportivo” para comemorar o dia 12 de outubro<sup>53</sup> de 1949.

O clube 13 de Maio, para comemorar a data do Descobrimento da América, organizou o seguinte programa:

7 horas- Missa na capela local.

7,45” – Desfile escolar.

8,15” – Jogo de voleibol entre o Clube 13 de Maio e o Clube 21 de Abril, de Alagoa Nova. Quadro do 13 de Maio: Edson, Hortencio, Benoni, Joca, George e Polary. 21 de Abril: Geraldo, João Leite, Ney, Eugenio, Amaury e Paulino.

10 horas – Natação no açude do Palma, com a participação de elementos do 13 de Maio e atletas de Esperança.

10,30” – Disputa de ping pong entre o 13 de Maio e 21 de Abril. Pelo Clube 13 de Maio: Hortencio, Edson, Boanerges e Braulio. Pelo 21 de Abril: Antenor, Arcy, Amaury e Casado.

13 horas – Corrida de gado, em beneficio da construção da sede social do Clube 13 de Maio.

20 horas – Baile oferecido pelo Clube 13 de Maio, em sua sede social provisória. (A VOZ DE REMÍGIO, 1949, p.3)

<sup>52</sup> V.D.R. Ano II, Nº 16, p.1. agosto de 1950.

<sup>53</sup> No Brasil comemora-se o dia 12 de outubro como o dia de Nossa Senhora Aparecida (padroeira do Brasil) e dia das crianças.

As comemorações do dia 12 de outubro de 1950 também foram festivamente realizadas em colaboração com o Clube 13 de Maio através da Comissão Promotora para as festividades como apoio dos homens esportistas de Hortencio Alencar, Horacio Polary e José Cavalcante. A programação em comemoração ao dia 12 de outubro ficou organizada da seguinte maneira:

6,30 horas – Hasteamento da Bandeira na Escola Pública, seguindo-se uma parada com a participação dos escolares, atletas do Clube 13 de Maio e componentes da corrida de argolinhas, sob o comando do Sr. Horacio Polary.

7,30 horas – Missa solene

8,30 horas – Animada disputa de voleibol entre as equipes do Clube 13 de Maio e o Clube 21 de Abril, de Alagoa Nova. Quadro 13 de Maio: - Benone, Polary, Hortencio, Joca, Edson e Georges; reserva – Gilvan. Quadro do 21 de Abril: Paulino, Jurandir, Geraldo, Leite, Antenor, Amaury; reserva – Adonis.

10,00 horas – Briga de Galos, na qual tomarão parte afamados galos do Estado.

12,00 horas – Salva de 21 tiros.

14,00 horas – Passeata dos joques.

15,00 horas – Corrida de argolinhas em homenagem ao Cel. Cunha Lima Filho, digníssimo Prefeito Municipal. Juizes: Dr. Alvaro Barros e o acadêmico Simeão Cardoso Cananéa, pelo Azul e Encarnado, respectivamente.

#### **Composição dos Quadros:**

##### **AZUL**

Nome do joque /// Nome do Cavalo

1 José Cavalcante - Pagé

2 Paizinho Bronzeado - Garoto

3 Nezo Teixeira - Fuzil

4 Sindulfo Almeida - Tabajara

5 Pedro Gonçalves - Mimoso

6 Braulio Bronzeado - Vezuvio

7 Diassis Palhano - Barra Branca

8 Adelson Lucio - Piragibe

9 João Espinola - Palhaço

##### **ENCARNADO**

1 Nivaldo Melo - Maribondo

2 Joaquim Zone - Ventania

3 Palhano Freire - Marajá

4 Nêno Fernandes - Riso do Ano

5 Hortencio Alencar - Faisca

6 Joca Texeira - Jacaré

7 Januncio Freire - Zepelim

8 Cardoso Palhano - Moderno

9 Meira Henrique - Bolinho

Irradiará a corrida o Sr. Horacio Polary, pela difusôra local.

20,00 horas – Grande baile oferecido pelo Clube 13 de Maio à Rainha da Primavera Prof. Genira Bronzeado, quando será homenageada por S. M. Momo I e Único de C. Grande. (Folheto, 1950)

Essas disputas movimentavam as ruas de Remígio e o próprio clube que oferecia bailes em comemoração à data referida. As pessoas buscavam diversão em um lugar que praticamente era inexistente outros espaços destinados ao lazer e a diversão. Vale ressaltar que é um momento muito significativo para a história desta cidade, pois é aí que vai se configurando a importância do clube interferindo no cotidiano local.



Não foi possível localizar outras festividades realizadas em outras datas comemorativas, mas acreditamos que a data 12 de outubro foi comemorada durante os anos de funcionamento do Clube 13 de Maio, com programação cultural que ia desde a celebração religiosa, passando por atividades esportivas e finalizando com o baile. Nesse sentido, o termo cultura pode ser utilizado em relação à vida cotidiana estabelecida na sociedade remigense e sobre o que foi construído socialmente ao longo daqueles anos.

No mês de junho de 1949 a “Biblioteca Cônego Cardoso” foi aberta ao público, no dia 26, em virtude de não haver biblioteca pública na vila de Remígio. Passaram a registrar o número de visitantes e houve “até o dia 30, uma frequência de 38 visitas. Aos poucos, a nossa gente vai-se habituando a leitura.”<sup>54</sup> Preocupavam-se com a educação e proporcionavam a leitura dos livros da biblioteca do clube aos moradores da cidade.

Em outubro de 1950 a Biblioteca do Clube 13 de Maio recebeu a visita do Sr. Jorge Abrantes, que era inspetor do Instituto Nacional do Livro. A visita foi ocasionada pela vistoria que o inspetor realizava nas bibliotecas por toda a região do Brasil. Em Remígio a recepção foi realizada pelo bibliotecário Francisco Inácio de Melo “tendo levado de tudo a melhor impressão”.

Outra contribuição do clube para o progresso de Remígio foi o curso de Admissão e Datilografia, com o início das aulas no dia primeiro de abril de 1950, porém a inauguração oficial só foi realizada no dia 21 de Abril. As aulas eram realizadas em um dos salões das Escolas Reunidas da vila, os professores desse curso, eram os próprios educadores da vila, constituídos por Genira Bronzeado, Aldalgisa Duarte, Francisco Inacio de Melo e Semeão Cananéa. O curso contou com a ajuda do Sr. Rogerio Martins, comerciante da cidade de Campina Grande, que doou a quantia de CR\$ 3.000,00 para a compra dos equipamentos e materiais.<sup>55</sup>

No dia 03 de maio de 1950 foi eleita em assembleia geral, a terceira diretoria do Clube 13 de Maio, de acordo com o seu estatuto e tomou posse no dia 13 de maio, dia do aniversário da fundação do clube. A nova diretoria do clube ficou assim constituída:

Presidente: Simeão Cananéa; vice- presidente: Severino Ciro Dias; 1º secretário: Antonio Umbelino de Sousa; 2º secretário: José Leal dos Santos; 1º tesoureiro: Manoel Cardoso Palhano; 2º tesoureiro: Pedro Serafim dos Santos; 1º orador: Epitácio Bronzeado; 2º orador: José Rodrigues; bibliotecário: Francisco Inácio de Melo;

---

<sup>54</sup> V.D.R. Julho de 1949, p.2

<sup>55</sup> V.D.R. Março de 1950, p.3

Conselho Fiscal: Paulo Cabral Vítório, José Tomaz Filho, Manoel da Silva, Otacilio Serafim dos Santos e José Inácio de Melo. (A VOZ DE REMÍGIO, 1950, p.1)

Durante a sessão de posse da nova diretoria, “foram entregues os diplomas de sócios beneméritos aos Srs. Severino Bronzeado e Rogerio Martins e de sócio honorário, ao jornalista Luiz Gil.” A sessão contou ainda com “a entrega de um quadro a óleo, do pintor Pedro Correia, de Campina Grande, simbolizando a libertação da escravatura, ao Clube 13 de Maio, oferecido por aquele grande pintor.”<sup>56</sup> A pintura estava relacionada à data do dia 13 de Maio que simboliza o fim da escravidão no Brasil.

Com relação as posses das pessoas que faziam parte da diretoria, existia regras e após as solenidades referentes à posse da nova diretoria do clube, era o momento de celebrar e comemorar com um animado baile no salão do clube, com os convidados de honra, as representações clubistas de outras cidades vizinhas, como Campina Grande, Areia, Alagoa Nova e Esperança. Inferimos que esse momento congratulavam-se as relações existentes entre os sócios e os visitantes externos, na intenção de adquirir melhorias para os sócios e frequentadores, além de ajudar no desenvolvimento cultural e social da população, através do conhecimento e da aproximação com cidades vizinhas.

Informações necessárias sobre o funcionamento do Clube era exposto no jornal para que seus frequentadores ficassem informados de como estava organizado a parte financeira referente a um determinado período e geralmente as publicações vinham em forma de relatório. Assim, o novo presidente Simeão Cananéa notificou nas páginas do jornal VDR, em julho de 1950, as despesas que o Clube 13 de Maio teve entre os dias 14 e 31 de Maio do ano de 1950, informando aos sócios e frequentadores o valor em dinheiro referente às finanças do Clube. Notamos na imagem abaixo informações sobre as despesas do clube, divulgado através do jornal “A Voz de Remígio”.

---

<sup>56</sup> V.D.R. Ano II, número 15, p.1. julho de 1950.

**IMAGEM 5: RECORTE DO JORNAL “A VOZ DE REMÍGIO” SOBRE O BALANCETE DA RECEITA E DESPESAS DO CLUBE 13 DE MAIO**

**Balancete da Receita e Despesa do Clube "13 de Maio", referente ao período de 14 a 31 de Maio de 1950**

RECEITA			
HISTÓRICO		Importancia	
		Parcial	Total
Receita Ordinária			
I — Saldo			
Pelo transferido do dia 13			3.870,70
		CR\$	3.870,70
Tesouraria do Clube "13 de Maio", 31 de Maio de 1950.			
Manoel Cardoso Palhano — Tesoureiro			
DESPESA			
HISTÓRICO		Importancia	
		Parcial	Total
Despesas diversas			
V Bailes e outros festejos			
Com o realizado no dia 18/5/950		120,00	
VII Percentagens, etc			
Pelas pagas em 16/5/950 sob		129,00	
Pelas pagas de correspondencias etc.		27,00	
Pelas realizadas c/ alugeis, de 15-2 a 15-5-50		300,00	576,00
VIII — Saldo			
Pelo transferido para o mês de Junho			3.294,70
		CR\$	3.870,70
<b>VISTO:</b>			
Semião Cananéa — Presidente			

Fonte: Jornal a Voz de Remígio, p. 3. 1950.

O balancete do clube publicado no jornal, servia como um demonstrativo auxiliar, utilizado para fins da diretoria, com informações extraídas dos registros contábeis atualizados, ao qual servia de suporte para que os sócios e demais frequentadores acompanhassem o movimento financeiro. Geralmente, o balancete era disponibilizado mensalmente, servindo como suporte à diretoria do clube, sendo um demonstrativo de fácil entendimento, relevância e utilidade prática.

O Clube 13 de Maio surgiu na sociedade remigense para promover eventos sociais e serviu para apoiar as crianças e jovens, com a finalidade de mantê-los em um lugar sadio, organizado e educativo. Nas páginas do jornal VDR percebemos como os editores procuram mostrar através de suas publicações, como estavam preocupados com a disciplinarização das crianças remigenses, um exemplo é o artigo da poetisa e professora Maria Bronzeado Machado,

intitulado “Garotos da Rua” onde aborda questões relacionadas à pobreza e a falta da educação às crianças e jovens:

Filhos de pais analfabetos e destituídos do mais leve senso de responsabilidade, crescem na orfandade intelectual e moral, tornando-se aos poucos verdadeiros “párias” indesejáveis, em pleno regime democrático, num país livre e cristão, onde o sol nasceu para todos. Se os seus gritos nos incomodam, tenhamos o patriótico gosto de encaminhados as escolas. Elas aí estão com os seus largos portões abertos. Lá eles aprenderão a ler, e a prática de bons hábitos de asseio e civilidade. Eles não nasceram maus. São apenas um produto do meio. Em vez de darmos um níquel ao garoto pobre na porta do cinema, coloquemos na sua mão uma Cartilha. (...) Se um corretivo moral, sem um pulso forte que os conduza ao bom caminho, estes garotos que hoje fazem da escola do alfabeto e se matriculam na escola do Mestre Mundo, provarão fatalmente os cárceres e os manicômios amanhã, se continuarem no seu fadário de vagabundos, preguiçosos e moleirões, constituindo um peso morto para a nação. (A VOZ DE REMÍGIO, 1949, p.4)

Remígio vivenciava as conquistas no espaço urbano e ao mesmo tempo ia criando a ideia de regularizar e normatizar certos hábitos e costumes numa tentativa de manter um controle social. Havia uma preocupação de uma parte da sociedade letrada e instruída da Vila de Remígio com relação à educação das crianças e jovens, e poder-lhes dar uma educação, crescer na sociedade, controlando seus corpos pobres que perambulavam pelas ruas e mantê-los em um lugar sadio.

O lugar que aos poucos vai crescendo, se educa e disciplina: escolas começam a ser construídas; o cuidado com a saúde também passa a ter maior interesse por parte das autoridades; a religião também se utiliza de códigos de moralização e conduta que interferem nos comportamentos das pessoas em Remígio. Os que possuíam uma melhor condição financeira iam estudar nas escolas em Areia e frequentavam os clubes, recebendo auxílio educacional por parte dos sócios, já os pobres esperavam uma atitude dos políticos locais para tirá-los das ruas e mantê-los nas escolas.

Com apenas algumas edições do jornal VDR, não foi possível saber quais eram as diversas distrações encontradas no Clube 13 de Maio, mas supomos que poderiam ser a leitura de jornais e sua discussão, os jogos lícitos, a troca de ideias, ou ainda, as sessões dedicadas a musicais, a representações e palestras sobre diversos assuntos, contribuindo com uma diversificação cultural presente na sociedade.

Vemos a partir das edições do jornal VDR, a tentativa de normatização de determinados tipos de pessoas que frequentavam as ruas da vila de Remígio. Eram frequentes as notas referentes à situação que a vila enfrentava com as crianças que viviam boa parte do

tempo nas ruas, “As nossas ruas vivem cheias de crianças em idade escolar”, “Vivem abandonadas, ‘apiruando’(sic.) os jogos e se iniciando no caminho do mal”, “Passam dias e dias sem ir à casa, dormindo pelas calçadas e pedindo restos de comidas”. A sociedade esperava que os políticos tomassem uma medida preventiva

Uma medida justa seria o encaminhamento das crianças e dos adultos as escolas. As escolas supletivas – temos duas na vila- têm uma matrícula pequenínssima. Será que não há analfabetos em Remígio? Há e muitos. O que falta é interesse em aprender. (...) E, no momento, o encaminhamento das crianças e dos adultos às escolas, só poderia partir das autoridades. Elas são as responsáveis pelos desvios das crianças e pela malandragem dos adultos. (A VOZ DE REMÍGIO, 1949, p.1)

É possível perceber que a publicação do jornal aponta para a ideia da falta de políticas públicas que atendessem as classes pobres, sobretudo com relação a educação das crianças. Essa questão da disciplinarização também diz muito sobre a concepção que as pessoas têm que é sobre o corpo novo e jovem, que está cheio de saúde, e só vai se disciplinar quando seguir as instruções das instituições educacionais, a respeito da civilidade e boas maneiras. Desse modo, “a rua é percebida como o domínio dos estranhos, do passatempo desgovernado, sem delimitação da ordem.” (ARAÚJO, 2007, p.219) O espaço da rua muitas vezes visto como algum tipo de lazer, já que não tinham outras condições de frequentar espaços que permitissem sua presença e a “vigilância sobre o divertimento obedece à lógica da integração social.” (ARAÚJO, 2007, p. 222)

Atendendo às necessidades solicitadas no editorial do jornal, o prefeito criou uma escola primária, em julho de 1949, “destinada exclusivamente às crianças paupérrimas, de pés descalços e roupas rasgadas”<sup>57</sup>. A escola funcionava dentro do mercado público, em período integral, com aulas no turno da manhã e à tarde as crianças cuidavam de uma horta, como uma forma de aprender a trabalhar, pois “o trabalho, além de meio terapêutico, é vislumbrado como fonte geradora de boas condutas”. (ARAÚJO, 2007, p.186)

O controle dos corpos juvenis nas ruas ficaria sobre a responsabilidade do sargento Fidelino Leite de Albuquerque, o sub- delegado, que os vigiava “evitando a entrada de menores em lugares suspeitos e encaminhando as crianças e adultos às escolas.”<sup>58</sup> Esses lugares suspeitos podem ser caracterizados como os lugares insalubres, que são as sinucas, os cabarés, os bares e as praças. Já o clube era considerado um lugar sadio, onde os jovens e adultos podem se

<sup>57</sup> V.D.R. Ano II, número 15, p.1. Julho de 1949.

<sup>58</sup> V.D.R. Ano II, número 15, p.4. Julho de 1949.

divertir e adquirir, ao mesmo tempo, conhecimento, civilidade e bons modos, mas que se restringia aos filhos dos sócios, dos comerciantes, dos fazendeiros e dos políticos locais.

As professoras que contribuíram com a educação dos remigenses foram Maria Bronzeado Machado e Adalgisa Bronzeado Duarte, professoras públicas da vila. Existiam as Escolas Reunidas na vila que abarcavam as instituições destinadas à educação, a exemplo da Cooperativa Escolar José Laureano, que reunia todo um movimento escolar, chegando a matricular 148 alunos, a qual tinham a preocupação de instruí-los “para que sejam no futuro cidadãos honestos, conhecedores dos direitos e cumpridores de seus deveres sociais.”<sup>59</sup> O senhor Juvenal Dias era criança na década de 1940 e foi aluno da professora Maria Bronzeado, suas lembranças são narradas como uma forma de saudade, assim ele nos conta:

Maria Bronzeado também, que foi a primeira professora daqui de Remígio, foi Maria Bronzeado e uma professora de renome, olhe que Remígio deve tudo e todos a ela, foi quem educou esse povo todinho, Dona Maria Bronzeado. Mulher (emocionado) que eu estimo ela de coração, foi minha professora, queria muito bem a ela. Nos dias de festa, ela chegava assim e dava a cada um, um santinho do ano que passou, ela era uma professora mais do que boa. [...] Sinto muita saudade, demais até, mais do que saudade. Dona Maria Bronzeado, Dona Nini e Adalgisa, as três. Grande estima.<sup>60</sup>

As lembranças da professora da vila Maria Bronzeado, são descritas com saudosismo pelo Sr. Juvenal, com quem contribuiu na sua formação escolar entre o período de 1940 a 1950. As professoras por ele mencionadas fizeram parte da educação das crianças e jovens, deixando um legado de contribuição à educação remigense, além de publicar textos em forma de artigos nas edições dos jornais “A voz de Remígio” e “O Papagaio”.

A preocupação com a educação da sociedade remigense tornava-se evidente nas edições dos jornais, pois traziam muitas notas e artigos referentes à instrução educacional, bem como a construção de novas escolas e a participação do Clube 13 de Maio na vida de alguns jovens, auxiliando com cursos e materiais que contribuíssem para a formação escolar. A presença do jornal no Clube demonstra que esse era um espaço de sociabilidade que combinava o prazer do encontro cultural, a necessidade de informação e à oportunidade de debates.

São perceptíveis as homenagens que, vez ou outra, apareciam nas edições do jornal aos filhos da terra, que estudavam fora e traziam desenvolvimento para Remígio. As honras principais destinavam-se aos sócios e filhos dos sócios dos clubes, a exemplo de Luiz

---

<sup>59</sup> V.D.R. Ano I, número 5, p. 2. abril de 1949.

<sup>60</sup> Juvenal Dias Pereira. Entrevista concedida à autora no dia 25 de janeiro de 2017.

Bronzeado acadêmico do curso de Direito em Recife (1947) e Simeão Cananéa bacharel do curso de Direito em Alagoas (1950). Os escritores dos jornais destacavam os estudantes como a elite estudantil de Remígio e que, segundo VDR, com eles “empreendeu uma série de iniciativas férteis, colocando a nossa terra na trilha do progresso e do engrandecimento” vistos como “dois bacharéis, dois jovens e dinâmicos advogados que tudo farão pela evolução e pela felicidade de sua terra.”<sup>61</sup>

Simeão Cananéa empreendeu na vila de Remígio algumas modificações, entre elas podemos destacar, de acordo com as notas do jornal VDR, algumas que ele realizou ou que ele ajudou a idealizar “o novo traçado urbanístico de Remígio, o açude do Palma, a Cooperativa Agro Pecuária, o Clube 13 de Maio, o jornal “A Voz de Remígio”, e uma série de iniciativas outras.” E Luiz Bronzeado tornou-se Deputado Estadual e esteve à frente do processo de emancipação política de Remígio e criou o Clube S.A.E.R.

Inferimos que a partir da chegada do Clube 13 de Maio, em 1948, e do Cine São José em 1949, as pessoas foram acrescentando novos hábitos e costumes ao seu cotidiano. Elas passaram a cantar e dançar mais, a ver filmes, a se exercitar, ler, entre tantas outras atividades, com muito mais intensidade. O aumento dessas e outras atividades cotidianas vieram incrementar com a fundação do Clube S.A.E.R. em 1958, que foi uma extensão do Clube 13 de Maio, visto como um novo espaço complementar na educação social dos jovens estudantes de Remígio, bem como um espaço de lazer e diversão, onde novas sociabilidades foram sendo construídas. Assim nos conta o Sr. Leonardo Queiroz<sup>62</sup>

É. E naquele clube ali existia uma rádio, não sei te dizer o nome da rádio. Veja como Remígio sempre foi uma cidade bem é, muito bem formada, tinha uma rádio, quem fazia parte dessa rádio chamava-se Zezinho Bardelão, Oscar Viana e tinham mais outras pessoas, mas já passou. Dali do clube 13 de Maio, ali virou também S.A.E.R.

O Clube 13 de Maio necessitava expandir-se pelo fato do aumento no número de frequentadores e associados. O espaço do clube por ser uma casa, provavelmente não comportava os eventos festivos e era preciso construir uma sede oficial e o clube já havia conseguido por meio de doação o terreno, porém faltavam condições financeiras para a construção e manutenção da nova sede com apenas as contribuições dos sócios. O Sr. Heronides nos fala sobre o fim do clube 13 de Maio e a criação da S.A.E.R.

---

<sup>61</sup> V.D.R. Ano II, número 18, p. 1 e 2. dezembro de 1950.

<sup>62</sup> Leonardo Félix de Queiroz. Entrevista concedida a autora no dia 23 de janeiro de 2017

Mas esse clube funcionou vários anos, deu muita vida a Remígio, principalmente nas férias escolares [...] O Clube 13 de Maio foi excelente, aqui durou muito tempo e foi bom demais, agora aconteceu que depois é... Remígio criou uma instituição muito bacana aqui que foi a SAER: Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio(...) eu tenho a impressão que quando a SAER foi criada, o 13 de maio não existia mais, começou a apagar as suas luzes. Aí começou a fundação da SAER que foi uma criação de Luiz Bronzeado e Simeão também participou.<sup>63</sup>

Não encontramos fontes suficientes que possibilitassem descrever como o Clube 13 de Maio chegou ao fim, talvez tenha sido por causa da falta de uso político, tendo em vista que o clube realmente estava interessado com as questões do lazer, da diversão, das sociabilidades no período que Remígio era vila e ansiavam a emancipação política. Mas, considerando a narrativa do Sr. Heronides, inferimos que houve uma decadência, pois, o clube apresentava falta de verbas, e passou a não mais existir, havendo uma transição dos seus sócios para outra instituição.

Dentre as várias possibilidades de pensar o fim das atividades clubistas exercidas pelo Clube 13 de Maio, havia a falta de verba para manter a sua funcionalidade e para a construção da sede social em um amplo espaço. O fato é que se precisava de uma instituição oficializada, principalmente por Luiz Bronzeado ser deputado federal e contava com a verbas do Governo Federal e assim deu lugar a uma sociedade filantrópica, chamada Sociedade de Amparo aos Estudantes de Remígio. Os mesmos personagens políticos que estiveram na fundação do Clube 13 de Maio, vão estar presentes na S.A.E.R., incorporando novas ideias, novos objetivos e novas metas, transformando o lugar, com um propósito de prestar serviços à sociedade, que lhes eram vitais economicamente e politicamente.

Diante das características semelhantes entre o clube 13 de Maio e a S.A.E.R. quanto à criação, normas e estatutos, cada associação reserva peculiaridades diferentes. Apesar das dificuldades que surgiram na busca de informações sobre a participação das pessoas no clube e a influência que este teve na vida dos moradores de Remígio, a história do Clube 13 de Maio nos mostra que desde o ano de 1948, ano de sua fundação, já havia uma preocupação com o desenvolvimento cultural de Remígio, principalmente destinado aos estudantes, com apoio e ajuda por parte dos homens que estiveram presentes dentro do Clube.

---

<sup>63</sup> Heronides Dias de Barros. Entrevista concedida à autora no dia 15 de junho de 2017.



### **2.2.2 FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMÍGIO (S.A.E.R.) NA CIDADE DE REMÍGIO**

A fundação da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio surgiu a partir de um grupo de pessoas da elite local, com alguns interesses políticos.<sup>64</sup> Pertencer a elite remigense era participar de um pequeno círculo social do qual fazia parte os proprietários rurais, comerciantes e alguns profissionais, pois, estes estavam ligados, na maioria das vezes, por laços políticos. Essa instituição surgiu a partir dos interesses que estavam voltados para a criação de uma sociedade que viesse amparar e ajudar aos estudantes de Remígio. De início era uma instituição filantrópica, com o tempo passou a exercer a função de Clube Social da cidade.

Na década de 1950, novas mudanças foram se incorporando a cartografia da cidade de Remígio, mudanças essas percebidas também com a presença da S.AE.R.. Novos personagens passaram a fazer parte da elite central e marcar presença nos eventos realizados na região. O projeto de criação da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio surgiu quando Remígio já havia conquistado a sua emancipação política. O espaço a partir desse momento corresponde a cidade, onde todo o cenário “toma conta dos seus habitantes na construção do seu cotidiano, na sua necessidade de (re) inventar práticas.” (REZENDE, 1997, p.14) Por se tornar cidade, muitas transformações passaram a acontecer nas ruas, nas casas, nos estabelecimentos comerciais, na educação, na política e nas formas de diversão. Desse modo, é um lugar privilegiado de produção e troca de cultura, pois a cidade acompanha a história, revela suas trajetórias.

A ideia de formar esta sociedade partiu a partir de boa parte das famílias que tinham fundado o Clube 13 de Maio, ou seja, um clube criado por uma pequena elite local. Acreditamos que os ideais desses homens foram modificados a partir da experiência que o Clube 13 de Maio tinham-lhes proporcionado no início da década de 1950. Entre os fundadores estão Simeão Cananéa, Epitácio da Costa Araújo Bronzeado, Estanislau Eloy, Aprígio Nogueira de Oliveira, José Cavalcante Serafim, Francisco Carneiro, José Tomas Filho, José Bronzeado Sobrinho, entre outros.

---

<sup>64</sup> Não pretendemos fazer uma discussão da história política da cidade, apenas situar o surgimento da SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMÍGIO (S.A.E.R.), ligado as pessoas que tinham envolvimento político.

Através da ata de Fundação da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.) ficamos informados de como surgiu essa sociedade, como se deu sua fundação, bem como da eleição e posse dos membros de sua diretoria e Conselhos Deliberativo e fiscal.

Ao primeiro dia do mês de novembro de mil novecentos e cinquenta (cinquenta) e oito nesta cidade de Remígio, estado da Paraíba, num dos salões do Grupo Escolar “Dr. Cunha Lima”, aí presentes o deputado Luis Bronzeado, nosso representante na Assembleia Legislativa do Estado; Conego Ruy Vieira, vigário da Paróquia; Drs. Simeão Fernandes Cardoso Cananéa e Onaldo da Nobrega Montenegro, respectivamente juís (sic.) e promotor da Comarca de Bananeiras; Mozar Bezerra Cavalcanti, industrial naquele município; Pe. José Fidelis Rodrigues, vigário da Paróquia de Solânea; Eptácio da Costa Araújo, Estanislau Eloi; vereadores Otacílio Serafim dos Santos, Manoel Mizael de Lima e Pedro Batista Filho; Joaquim Cavalcanti de Moraes, coletor Estadual; Francisco Carneiro Irmão, profa. Ana Moura Carneiro, diretora da Escola Domestica Rural Nossa Senhora de Fatima; José Cavalcanti, Severino Antonio dos Santos, Odemar Agapito de Medeiros, João Gonçalves de Oliveira tesoureiro da Prefeitura Municipal; Esmerino Pereira da Silva, Aprígio Nogueira de Oliveira, Nivaldo Laureano dos Santos; José Antonio Cavalcanti; Josué Nicolau da Costa; João Galdino da Costa; Eliezer Moreira; Celso Carneiro Leal; Antonio Laureado dos Santos; Manoel Antonio Cordeiro; Francisco Cordeiro Cavalcanti; Eunice Freire de Oliveira; José Bronzeado Sobrinho; José Iremar Alves Bronzeado; José do Patrocínio Tomaz de Albuquerque; Francisco Carneiro Leal; João Fernandes Pimenta; Geraldez Tomaz de Albuquerque; Maria José Freire; Bernadete de Lourdes Fraca; João Antonio Cavalcanti; Francisca Viana de Almeida; Juvenal Dias Pereira; Gercina Eloi; Roda de Jesus Sacramentado; Pedro Batista Souto; Maria de Lourdes Carneiro; Gilvanete Moura Carneiro e Gilvanize Moura Carneiro. Foi pelo deputado Luis Bronzeado aberta a sessão e explicado que a mesma tinha por finalidade tratar da fundação de uma sociedade que viesse amparar e ajudar ao estudante remigense. (Ata de Fundação da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio, 01/11/1958)

A criação da instituição filantrópica foi realizada pelo interesse do deputado estadual Luiz Bronzeado<sup>65</sup>, natural de Remígio. Foi dele também o projeto - lei que elevou Remígio a categoria de cidade, então, vejam como ele era sempre um homem ativo desse local, com interesses políticos. Em reunião no Grupo Escolar Dr. Cunha Lima, realizado no dia primeiro de novembro de 1958, foi decidido o nome da instituição, sugerida pelo promotor Onaldo Montenegro e aprovada pelas pessoas presentes na sessão. Luiz Bronzeado como representante da Assembleia Legislativa do Estado, conseguiu trazer para Remígio essa instituição que foi

---

<sup>65</sup> Luiz da Costa Araújo Bronzeado (04/04/1924 – 07/11/2002), era conhecido como Dr. Luiz Bronzeado, era formado em Direito pela faculdade do Recife (1947), um político militante, filiado a União Democrática Nacional (UDN). Remígio pela primeira vez em sua história política teve um representante na Assembleia Legislativa com a pessoa de Luiz Bronzeado eleito deputado estadual em 03/10/1950, foi também eleito deputado federal, sendo reeleito para a legislatura seguinte. Participou também ativamente em sua profissão, tornando-se promotor público da capital e procurador da justiça. No governo de Flávio Ribeiro Coutinho, Luiz Bronzeado exerceu o cargo de Polícia e secretário de Interior, justiça e segurança pública. Em 1981 torna-se Desembargador e em 1985 assume o cargo de presidente do Tribunal Regional Eleitoral. Em março de 1991 reassumiu a Procuradoria Geral do Estado, função que exerceu nos governos de Ronaldo Cunha Lima e de Cícero de Lucena Filho até dezembro de 1994. Informações encontradas no site da Fundação Getúlio Vargas (FGV-CPDOC) <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/luis-da-costa-araujo-bronzeado>. Acesso em: 16/03/2017.

adquirida com recursos do governo federal. Outra conquista realizada pelo Deputado Luiz Bronzeado foi a aquisição de um ônibus através do Projeto de Lei 433/ 1959<sup>66</sup> para auxiliar os estudantes que se deslocavam para estudar na cidade de Areia.

Ao situar o envolvimento que os seus fundadores tinham com a política local, podemos perceber que a família Bronzeado era muito respeitada na cidade, pois tinha Luiz Bronzeado como deputado e Eptácio Bronzeado como prefeito. Assim, ambos trabalhavam como assistencialistas e queria o voto dessas pessoas, por isso buscavam introduzir serviços urbanos e espaços destinados a boa parte da população.

Por contar com um espaço de apoio estudantil, essa instituição tratava-se também de espaço de sociabilidade, e era valorizado por seus frequentadores, moradores da cidade de Remígio e de cidades circunvizinhas. De acordo com as palavras do deputado Luiz Bronzeado ele se comprometeu, no dia em que fundaram a instituição “toda a sua ajuda, quer na Assembleia Legislativa, quer na Câmara Federal para a qual havia sido eleito, não poupando esforço para a concretização das finalidades da S.A.E.R.”<sup>67</sup>

O projeto de dar continuidade à criação de um clube voltado para auxiliar os jovens, agora da cidade, em um lugar com maior espaço para atender o número de estudantes, sócios e familiares, foi tornando-se evidente a partir do desejo de criar uma instituição privada destinada à sociedade remigense, especialmente para os estudantes da pequena cidade.

Coube ao juiz Dr. Simeão Cananéa<sup>68</sup> presidir a sessão de fundação da nova sociedade, a S.A.E.R.. De acordo com o Estatuto da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio, ficamos cientes de como a sua organização foi procedida, pois de acordo com a Ata de Fundação:

Capítulo I. Denominação, sede duração e fins.

Art. 1º É fundada nesta data a Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.) com sede na cidade de Remígio, estado da Paraíba e fôro em todo o seu município com duração ilimitada.

<sup>66</sup> A ementa do PL 433/1959 autoriza o poder executivo a abrir, pelo ministério da Educação e Cultura, o crédito especial de Cr\$ 1.200.000,00 para atender a despesa de aquisição de um ônibus pela ‘Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio’, com sede em Remígio, estado da Paraíba. O projeto foi apresentado no plenário no dia 10/06/1959. Ver imagem de nº 9 do ônibus nos anexos.

<sup>67</sup> Estatuto da Sociedade de Amparo aos Estudantes de Remígio, 1958, p.6

<sup>68</sup> Simeão Fernandes Cardoso Cananéa natural da cidade de Remígio (1920) formou-se em Direito pela Faculdade de Alagoas e exerceu a função de Juiz de Direito na cidade de Santa Luzia- PB em 1953. Em 1969 foi nomeado desembargador do Tribunal de Justiça da Paraíba e também presidiu o Tribunal Regional Eleitoral (TRE-PB). Informações encontradas no site <http://www.correioforense.com.br/poder-publico/judiciario-paraibano-perde-o-desembargador-simeao-cananea/#.WMLiGW8rLIU>. Acesso em 10/03/2017

Art.2º A sociedade tem por finalidade proporcionar amparo, ajuda e orientação ao estudante remigense zelando e cuidando inclusive pelos menores em geral a quem dará integral assistência, propondo-se:

- 1) Acompanhar a vida dos menores encaminhando-os as escolas primárias, orientando-os no caminho certo;
- 2) Concorrer para a reeducação dos desajustados combatendo e evitando a delinquência e mendicância infantis, amparando e ajudando aos menores abandonados;
- 3) Amparar, desenvolver e estimular a aprendizagem industrial.
- 4) Orientar e estimular a mocidade remigense para que prossiga nos estudos após a conclusão do curso primário;
- 5) Fornecer ajuda material aos estudantes reconhecidamente pobres;
- 6) Manter um transporte coletivo para condução diária dos estudantes remigenses á cidade de Areia ou Campina Grande;
- 7) Instituir bolsas de estudo para o curso superior de modo a permitir que os concluintes pobres tenham assegurado o prosseguimento dos seus estudos após o curso de colégio;
- 8) Promover festas cívicas sociais, recreativas e culturais para desenvolvimento da juventude;
- 9) Manter em sua sede social instalações condignas aos estudantes;
- 10) Procurar por todos os meios ao seu alcance facilitar a instituição e educação da mocidade remigense.
- 11) Manter escolas, departamentos, serviços ou secções necessária ao fim a que se propõe.

Art.3º A sociedade não se envolverá em questões político-partidárias, nem admitirá na ascensão ao seu programa qualquer discriminação religiosa, étnica ou social. (ATA DE FUNDAÇÃO E ESTATUTO DA SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMÍGIO, 1958, p.3)

Para a época em que foi criada a Sociedade de Amparo aos Estudantes de Remígio (1958) as condições de manter um filho na escola eram raras, tendo em vista que apenas as famílias que tinham recursos, eram as que conseguiam manter seus filhos nas escolas, chegando a um curso superior. Acreditamos que a partir da presença dessa instituição na cidade, houve indícios de uma maior preocupação intelectual presente na cidade e a proposta de auxiliar os estudantes pobres permitiria contribuir no desenvolvimento intelectual daqueles que desejavam alcançar um ensino superior.

A senhora Rita de Cassia recorda que “a S.A.E.R. funcionava em frente à Prefeitura Municipal, aí depois foi que foi para o outro prédio, onde é em frente ao Varejão (supermercado) é.”<sup>69</sup> A primeira localização da S.A.E.R. era na Rua João Pessoa, em frente ao primeiro prédio da Prefeitura Municipal, que funcionou entre os anos de 1958 (ano de sua fundação) até 1964 (ano que foi transferida para o novo lugar), depois passou para a nova rua que foi aberta em decorrência do crescimento da cidade, a Rua Severino Bronzeado, hoje Av. Joaquim Cavalcante.

---

<sup>69</sup> Rita de Cássia Cavalcanti da Silva. Entrevista concedida a autora em 20 de abril de 2017.

**IMAGEM 06: ABERTURA DA AVENIDA PRIMEIRO DE NOVEMBRO**



No local da abertura da nova rua, ficava localizado o primeiro espaço físico da S.A.E.R O prédio em frente, à esquerda, funcionava a Prefeitura Municipal. Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível: <https://www.facebook.com/museu.remigio>. Acesso em 16 de maio de 2017.

Observa-se na fotografia acima, a abertura de uma nova rua, na década de 1960, tendo em vista o crescimento populacional, através do número de habitantes e de construções de casas, que o lugar vinha adquirindo em decorrência dos fatores econômicos, políticos e culturais. Em frente a essa nova rua que foi aberta localizava-se a primeira prefeitura da cidade de Remígio e ao lado um estabelecimento comercial (padaria), bem como a presença de várias casas. Com o tempo vieram as transformações, a cidade foi crescendo em tamanho territorial e dessa forma, novos espaços foram sendo desapropriados para que novas construções fossem erguidas.

Para manter o bom funcionamento da S.A.E.R., a Prefeitura Municipal fazia sua contribuição anual, além dos sócios que se comprometiam em pagar uma taxa mensal. É o que consta o Capítulo II do Estatuto, assim ficou instituído:

Capítulo II: Dos sócios e seus deveres.

Art.4º- A instituição será constituída de sócios divididos em quatro categorias: a) fundadores; b) efetivos; c) beneméritos; d) honorários.

Art.5º- São sócios: a) Fundadores- os que assinarem a ata de fundação desta sociedade e os seus estatuais e pagarem a mensalidade dos efetivos; b) Efetivos- os que admitidos posteriormente pela diretoria mediante proposta de sócio que contribuam mensalmente com a importância não inferior a dez cruzeiros (Cr\$ 10,00); c) Beneméritos- os que auxiliarem a instituição com importância igual ou superior a dez mil cruzeiros (Cr\$ 10.000,00) d) Honorários- os que assim forem considerados por consenso de pelo menos dois terços (2/3) dos membros do Conselho Deliberativo por motivo de relevante serviço prestado à S.A.E.R.

Art.6º- São deveres dos sócios fundadores e efetivos: a) Trabalhar em favor da sociedade para melhor êxito dos seus fins; b) Pagar pontualmente as suas contribuições; c) Aceitar os cargos de direção ou comissão para que forem eleitos ou nomeados escrevendo-os com dedicação e perfeito alcance das suas obrigações sociais.

Art.7º São direitos dos sócios fundadores e efetivos: a) Participar das reuniões ou assembleias gerais da S.A.E.R. inclusive para a eleição do Conselho Deliberativo e Conselho Fiscal podendo manifestar-se livremente, votar e ser votado; b) Requer a convocação da assembleia geral na forma destes estatutos; c) Comunicar à diretoria os fatos de que tiver conhecimentos prejudiciais as sociedades;

d) Fazer jus aos benefícios da instituição dentro dos regulamentos expedidos sobre os mesmo;

e) Frequentar a sede social e participar das diversões nela existentes;

Art.8º Os sócios não responderão direta ou indiretamente pelos atos praticados ou compromissos assumidos pela direção da instituição. (ATA DE FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMÍGIO, 1959, p.4)

A chegada do Clube S.A.E.R. em meio a uma cidade recém emancipada e a sociedade em busca do progresso, busca no campo do conhecimento auxiliar os jovens nos estudos. Seu respectivo quadro de órgãos era formado pela Diretoria, Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal e Assembleia Geral.<sup>70</sup> Essa diretoria tinha a função de elaborar o programa de atividades e trabalhos para cada ano e era composta por presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro, que eram eleitas no período que correspondia a dois anos, através do Conselho Deliberativo. A diretoria também era responsável por elaborar, anualmente, um relatório com todas as atividades desenvolvidas durante o ano e apresentar à Assembleia Geral.

Já o Conselho Deliberativo, segundo a Ata de Fundação, era formado pelo Juiz de Direito, o Vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, o Prefeito Municipal, um representante do Ministério Público, um coletor estadual, o diretor do Grupo Escolar Dr. Cunha Lima, o diretor da Escola Doméstica Rural Nossa Senhora de Fátima e o presidente da Câmara Municipal de Vereadores. Podemos perceber que as instituições sejam elas educacionais, religiosas e judiciais apoiavam a efetivação dessa instituição na sociedade remigense.

O órgão responsável pela construção e bom funcionamento da sociedade, ficaria responsável pelos investimentos e fundo financeiro que ia recebendo o clube, geralmente

---

<sup>70</sup> Ata de Fundação da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio, 1958. p.3

advinda dos seus sócios. Assim o capítulo IV do Estatuto deixa claro que “Art.19º- O fundo financeiro da S.A.E.R. será construído: a) por donativos; b) auxílio; c) subvenção; d) rendas diversas.”<sup>71</sup> Portanto tinha como auxílio financeiro, a verba federal, a prefeitura da cidade e a contribuição dos associados.

O primeiro presidente foi Eptácio Bronzeado, o então prefeito constitucional da cidade, irmão do deputado Luiz Bronzeado. Percebemos que havia todo um envolvimento das famílias mais destacadas e abastadas na política. Havia uma diretoria composta por presidente, secretário, tesoureiro e seus respectivos vices.<sup>72</sup> Os cargos da diretoria do clube e dos conselhos deliberativos e fiscais eram exercidos gratuitamente. Os responsáveis pela construção e manutenção dessa instituição cuidariam de todos os detalhes. Segundo as palavras do Sr. João Antônio Cavalcante, em entrevista dada ao jornal “Despertar” ele afirma que:

Os atos dessa diretoria eram submetidos ao Conselho Deliberativo, composto pelo Padre, Prefeito, diretora do Gr. Escolar Dr. Cunha Lima, Promotor, Delegado, Presidente da Câmara dos Vereadores e Diretoria da Escola Doméstica. O estudante não fazia parte da organização, apenas recebia o benefício (...). A S.A.E.R. (...) servia de sede para a associação e nela eram feitas promoções especiais, jantares, coquetéis, comemorações importantes e algumas festas sociais bem organizadas, tendo como objetivo manter a sociedade. (DESPERTAR, 1987, p.8)

O clube S.A.E.R. possibilitava a difusão educacional, a circulação de ideias, criação de vínculos afetivos, bem como de laços políticos. Existia a dedicação dos sócios, dos estudantes e dos demais frequentadores. O ambiente que passou a exercer a função de clube social da cidade permitia que as pessoas aprendessem os valores e práticas culturais, convivendo com diferentes identidades e criando um ciclo de amizades pelo convívio sociocultural.

O primeiro prefeito municipal de Remígio, Eptácio da Costa Araújo Bronzeado, sancionou a Lei de nº 6 de 31 de dezembro de 1959, originada do Decreto Lei nº 14/59, oriunda do anteprojeto nº 14/59 do Executivo, considerando de utilidade pública o Clube S.A.E.R. de acordo com a Lei ficou assim sancionada nos artigos:

Art.1º- Fica reconhecida de utilidade pública a Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.), sediada à Rua Severino Bronzeado, nesta cidade;  
Art.2º- Fica concedida a referida entidade uma subvenção anual de cem mil cruzeiros (Cr\$ 100.000,00)

<sup>71</sup> Ata de Fundação da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio, p.4

<sup>72</sup> Jornal “DESPERTAR”. Ano I. nº 2- agosto de 1987, p. 7-8.

Art.3º- A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.  
 Prefeitura Municipal de Remígio, em 31 de Dezembro de 1959.

O presidente da Assembleia, no poder Legislativo do Estado da Paraíba no uso de suas atribuições a auxilio a instituições decretou e promulgou a Lei nº 1.963, de 26 de janeiro de 1959, reconhecendo de utilidade pública e concedendo subvenção à “Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio”, de acordo com os artigos

Art. 1º. - Fica reconhecida de utilidade a “Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio” (SAER), com sede na cidade do mesmo nome.  
 Art. 2º. – É concedida à “Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio” (SAER), um subvenção anual de Cr\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros), que deverá ser paga em prestações duodecimais de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros).  
 Art. 3º. – Fica aberto a Secretaria das Finanças o crédito especial da importância de Cr\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros) para o exercício de 1959.  
 Art. 4º. – Esta lei entrará em vigor a partir de 1º de Janeiro de 1959, revogadas as disposições em contrário.  
 Paço da Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba, 26 de Janeiro de 1959.<sup>73</sup>

O primeiro espaço da S.A.E.R. funcionava na rua Presidente João Pessoa, em uma casa, mas que tinha, para a época, um espaço consideravelmente bom para seus frequentadores, com o tempo e com o aumento do número de estudantes e frequentadores, houve a necessidade da mudança para um espaço maior, este passou a funcionar na Rua Primeiro de novembro. Se pensarmos nas cidades marcadas pelo “bota abaixo” que marcaram seus ares, com a construção de novos prédios e abertura de ruas, Remígio foi aos poucos se transformando e a S.A.E.R. fez parte desse processo.

O surgimento desta sociedade para a época estava bem localizado, visto não ser a cidade de Remígio das mais habitadas na região nesse período. As linhas arquitetônicas do prédio da S.A.E.R. indicavam que a cidade adquiria características do desenvolvimento, por construir um espaço destinado à sociedade. A partir da construção do prédio sede, as mudanças passam a acontecer e são elas que interferem no cotidiano e o que é oferecido neste momento é algo fascinante aos olhos de alguns moradores descrentes e ao mesmo tempo outros ansiosos por tal novidade. As divergências sociais existiam, pois este era um espaço de sociabilidade fechado onde só poderiam participar a classe estudantil e os sócios mediante pagamento. Observamos a imagem abaixo:

<sup>73</sup> Diário da Assembleia. Ano II- João Pessoa- quarta-feira, 28 de janeiro de 1959, nº21.



**IMAGEM 7: SEDE DA SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMÍGIO (S.A.E.R.),  
NA AVENIDA PRIMEIRO DE NOVEMBRO.**



Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.remigio>. Acesso em 21 de maio 2017.

Não encontramos a data exata que esta fotografia foi tirada. O que sabemos é que este prédio foi construído por volta do ano de 1968 e localiza-se na nova avenida aberta em decorrência do crescimento da cidade, a Av. Primeiro de novembro, hoje Joaquim Cavalcante de Moraes. Essa avenida foi aberta em decorrência do aumento populacional que a cidade de Remígio vinha adquirindo e precisava expandir-se para atender a demanda de moradores que escolhiam Remígio para morar. De acordo com o memorialista Francisco de Assis Melo quando foi construída a nova sede, destacou que:

Surge em seguida a nova e moderna sede social da SAER, tornando-se o novo “point”. Para a época estava bem localizada, visto ainda não ser aquela área bem habitada. Existia o recente prédio da prefeitura e, de frente algumas casas remanescentes do antigo cabaré, á época chamado “manichula”, uma corruptela de Mandchúria. [...] Assim surgia a SAER de linhas arquitetônicas arrojadas, contrastando com as casinhas geminadas que ficavam em frente ao novo prédio. (MELO, 2009, p.24)

A nova avenida contava com a nova sede da S.A.E.R. e o novo prédio da Prefeitura Municipal e contrastava em meio às poucas casas “remanescentes” e “geminadas” como destaca o Sr. Assis Melo. Podemos inferir que os sinais de desenvolvimento e urbanização estavam se fazendo cada vez mais presentes na sociedade e esse espaço surgiu na intenção de contribuir

social e culturalmente para a cidade, pois o centro urbano enquanto espaço social e geográfico diz respeito à troca de experiências com o lugar da produção de serviços e também de bens de consumo.

Esse espaço surgiu na sociedade remigense para exercer atividades sociais e culturais, destinando-se às finalidades de cunho cultural, a exemplo de palestras, seminários, exposições de arte e outras do gênero. No início, e para a época, a estrutura comportava os sócios e estudantes, porém à medida que o espaço se ampliava numericamente, eles deixam de ser espaço de distinção para os estudantes, passando a permitir o acesso de outros grupos.

Essas transformações que ocorreram em Remígio a partir do Clube 13 de Maio e da S.A.E.R. alteraram a matéria de alguns espaços, redefiniram particularidades da vida cotidiana remigense, remodelaram a paisagem de uma urbe serena, que mesmo com o seu ritmo lento, foi acompanhando aos poucos as transformações que o lugar ia adquirindo. Tais compreensões históricas dessa cidade, tornam-se possíveis através da trajetória que realizamos por esses espaços instituídos. As lembranças dos nossos colaboradores, as fotografias e o jornais foi um fator importante que tornou a conhecer essa história. Damos prioridade aos fundamentos das vivências dentro e fora do clube S.A.E.R., conhecendo o espaço que era utilizado pelos sujeitos produtores dessa cultura na cidade.

### **CAPÍTULO 3- AS SOCIABILIDADES NA SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMÍGIO (S.A.E.R.): A EDUCAÇÃO E O LAZER**

Neste capítulo destacamos as questões relativas às atividades culturais e educativas que eram realizadas na Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.) na cidade de Remígio, entre os anos de 1958 (ano de sua fundação) até 1980 (início de sua crise). Através de nossas fontes buscamos informações sobre o funcionamento dessa sociedade enquanto um espaço destinado ao amparo, ajuda e orientação ao estudante da cidade de Remígio, mas que ao mesmo tempo existia condicionamento, disciplinarização, bem como um espaço destinado ao lazer e diversão a boa parte da população.

Percebemos que neste universo da cidade de Remígio, uma cidade pequena do interior do estado da Paraíba, que aos poucos foi tentando conviver com as experiências em torno do novo, traz em torno da S.A.E.R. uma série de mudanças para a sociedade e para o espaço urbano do final da década de 1950. A S.A.E.R. já era algo que vinha sendo pensada pela elite local, inclusive através do deputado da região Luiz Bronzeado, não só como um espaço diversional, mas assistencial também a sociedade, especialmente os estudantes. O objetivo aqui não é de mostrar a S.A.E.R. unicamente como o local da diversão e lazer, e sim ver como as pessoas utilizavam o espaço em si ao longo desses anos de funcionamento.

Apresentamos como era o funcionamento no cotidiano da cidade de Remígio, enquanto espaço de amparo aos estudantes e recreativo para os sócios, como ela estava organizada, as atividades que promoviam e que poderiam variar entre: bailes, jogos, desfiles, cursos e espaço de diversão. Discutir as obrigações e direitos dos sócios que possuíam e explorar algumas formas de participação na administração da sociedade remigense. É importante destacar quais eram as atividades regulares dessa sociedade, assim realizamos uma viagem no tempo, visitando a S.A.E.R. com um olhar historiográfico para perceber como as pessoas viveram ao longo dos anos, fazendo dos mais variados usos desta sociedade.

Através das diferentes memórias das pessoas que frequentaram essa Sociedade e posteriormente o clube e que habitaram o espaço da cidade, imprimindo suas marcas nas experiências do cotidiano que o viver proporciona, enfatizamos as vivências da cidade a partir dos seus sujeitos que possuem relação com o espaço em que habitam, tornando-os lugares de sociabilidades. A memória afetiva dos nossos colaboradores situa as múltiplas formas de convivência com a S.A.E.R. e com os espaços da cidade. É interessante observar que os lugares

são revisitados em suas memórias através de suas falas, nas quais eles passavam quase que diariamente, comprando, vendendo, passeando, se divertindo.

Ao realizar as entrevistas, percebemos que os padrões que estabelecem as sociabilidades de um determinado grupo, tem consequência direta com os espaços de uso coletivo na cidade. As populações de diferentes níveis sócio econômicos utilizam de maneira diferenciada o espaço urbano. A população pobre, geralmente, depende do espaço para estabelecer sua rede de relações sociais e utiliza os espaços públicos abertos, já a população de renda média e alta contam com mais recursos para estabelecer suas relações sociais independentemente do espaço e desejam preservar contatos através de seleção.

A princípio observamos na Ata do dia em que foi oficialmente criada a Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio, os sócios fundadores determinaram que o objetivo da sociedade seria proporcionar “amparo, ajuda e orientação” ao estudante remigense, tendo em vista a dificuldade de continuar os estudos após o término do ensino primário. Sobre a escolha do nome dessa sociedade, podemos inferir a ligação que a sociedade desejava ter com os estudantes e também com o local onde foi fundada. Carregar o nome da cidade onde a sociedade foi fundada, reforça seus vínculos de pertencimento à cidade.

Com o passar dos anos e o aumento no número de sócios, a S.A.E.R. passou a exercer a função de clube social, pelo fato de desenvolver múltiplas atividades culturais na cidade. Nesse sentido, buscamos compreender os significados desse espaço para seus frequentadores, no ensejo do convívio entre iguais e na construção de uma rede de sociabilidade e diversão. Anos depois, alguns sócios projetaram o interesse da S.A.E.R. para outros ideais, especificamente dos interesses da conjuntura política.

O clube se comporta como um espaço de sociabilização aberto ao meio externo porque permite aos sócios realizarem cortejos particulares com sua estrutura e trazer convidados. Desse modo, nos questionamos sobre quais eram as formas de se relacionar com o lugar e com as pessoas, quais os grupos que se formavam e quais as condições financeiras de manter uma instituição clubista ativa. Esse espaço que reunia pessoas para o lazer, a transmissão de conhecimento, troca de ideias, encontro de negócios e discussões políticas, possibilitando a criação de laços de amizade, negócios e matrimoniais, permitindo construir as redes de relações e poder.

### **3.1 . A NOVA EXPERIÊNCIA NO SETOR EDUCACIONAL EM REMÍGIO COM A CHEGADA DA S.A.E.R.**

Através da criação dessa instituição, no seio das elites políticas da cidade de Remígio, a S.A.E.R.<sup>74</sup> logo assumiu um caráter de amparo, apoio e ajuda aos estudantes da própria cidade. No final da década de 1950 Remígio passava por um processo emancipatório e organizava aos poucos os serviços públicos de utilidade à população. No caso das escolas, se restringia a duas ou três, com ensino primário e para dar continuidade aos estudos, alguns pais de família matriculavam seus filhos em outras cidades, caso contrário as crianças e jovens eram obrigados a trabalhar com seus pais.

Os fundadores do clube, pensando na possibilidade de amparar os estudantes remigenses, nesse quesito de oferecer educação, fundaram a Sociedade de Amparo aos Estudantes de Remígio e colocaram em prática alguns quesitos relacionados à educação, principalmente no que se refere ao prosseguimento nos estudos após a conclusão do curso primário, que era o único oferecido na cidade de Remígio. Tinha uma diretoria que era renovada de dois em dois anos e tinha um quadro de associados que juntos trabalhavam para sua funcionalidade.

Muitos foram os serviços oferecidos pela S.A.E.R. para os estudantes e, como nos informa o estatuto e nossos colaboradores, a sociedade distribuía bolsas de estudos aos estudantes carentes e possuía um transporte que levava os estudantes para instituições educacionais na cidade de Areia. Assim, a S.A.E.R. buscava auxiliar alguns estudantes para acompanhar a aprendizagem e o seu desempenho. Os recursos eram obtidos por meio de uma verba do governo federal, bem como da contribuição mensal de cada sócio e/ou doações, assim, procuravam auxiliar e amparar os estudantes, embora na prática isso não acontecesse a todas as crianças e jovens do lugar.

Ao nos aproximarmos dos detalhes dessa pesquisa, destacamos a S.A.E.R. como um espaço de sociabilidade e construção de identidade, além de laços afetivos, pois a educação ofertada para os estudantes esteve relacionada ao lazer e à produção cultural da cidade, pois o lazer visto enquanto descanso e divertimento, além do desenvolvimento pessoal e social que o mesmo enseja. Assim, o lazer teria início com o processo de escolarização formal, pois a

---

<sup>74</sup> Reconhecida de utilidade pública pela Lei Estadual nº 1963 de 26 de janeiro de 1959.

S.A.E.R. surge para que os estudantes pudessem desfrutar de jogos e brincadeiras, os quais deveriam estar associados à educação, e a sociedade e as autoridades públicas, supostamente, se esforçavam para dar-lhes este direito.

Para manter o bom funcionamento e o controle de tudo o que acontecia na S.A.E.R., os responsáveis pelo funcionamento da mesma organizavam os alunos por fichas, contendo as informações necessárias para acompanhar o desempenho e a frequência do aluno, como é apresentado na imagem seguinte:

IMAGEM 8: FICHA DA ESTUDANTE MARIA RODRIGUES DE SOUZA.

**SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMIGIO-S.A.E.R.**  
 Reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual N. 1963 de 26-1-59  
 Rua Presidente João Pessoa, 42  
 REMIGIO — PARAIBA

IMPRESSÃO DIGITAL

Nome do Pai Nelson Rodrigues de Souza Est. civil Casado Profissão Agricultor  
 Nome da mãe Rita Martins de Souza Est. civil Casada Profissão Doméstica  
 Localidade, rua Sítio Queimadas Município de Areia.  
 Ficha N. 8 Via 2ª

Nome do aluno Maria Rodrigues de Souza Idade 22 Reg. \_\_\_\_\_ Est. civil \_\_\_\_\_  
 Data do Nascimento 21 de setembro de 1943 Localidade Areia Estado Paraíba  
 Endereço Queimadas (Sítio) Cidade \_\_\_\_\_  
Ginásio Santa Rita. Iniciou seus estudos por esta sociedade  
Educandário que frequenta  
 a 1 de Março de 1961 Curso Ginásial Série 1ª Deixou esta sociedade  
 a 31 de dezembro de 1964 Curso Ginásial-concluído Série - destinado a  
DATA  
 prosseguir no Ginásio Santa Rita (Residindo na Cidade de Areia)  
Nome do educandário  
 Estado Paraíba Curso Pedagógico Série 1ª  
 Remigio, 1 de Março de 1961.

Maria Rodrigues de Souza Ass. do Estudante  
Nelson Rodrigues de Souza Ass. do Pai do responsável

Ass. do Presidente \_\_\_\_\_ Ass. do Secretário \_\_\_\_\_

Observações : \_\_\_\_\_

40946436/0001 92  
 SOCIEDADE DE AMPARO AO  
 ESTUDANTE DE REMIGIO  
 Rua 14 de Novembro, S/N  
 CENTRO - CEP 58398-000  
 REMIGIO — PB.

Fonte: acervo pessoal do Sr. José Antonio Batista da Cunha.

Nas fichas de cada estudante da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio – S.A.E.R., na parte superior a esquerda havia a foto, tamanho 3x4, do aluno e à direita ficava sua impressão digital. As primeiras informações eram sobre o pai e a mãe, sobre o estado civil e profissão de ambos, além do endereço. O documento preenchido pelos responsáveis da S.A.E.R. quando o estudante ingressava na instituição ajudava no planejamento e organização. Cada ficha de acompanhamento individual funcionava como instrumento de registro onde verificavam e avaliavam de forma individual, anualmente, a evolução da aprendizagem.

Logo em seguida vinham todas as informações da vida pessoal e educacional de cada aluno(a). A começar pelo nome do aluno, idade, registro, estado civil, data de nascimento, localidade, Estado, endereço e cidade. Adiante as informações sobre a formação escolar do aluno: Educandário que frequenta, o ano que iniciou os estudos pela sociedade, curso inicial, série e o ano que deixava a sociedade, o curso e série na qual o estudante parou enquanto estudante da S.A.E.R. e o destino que o aluno ia seguir em determinada escola, cidade, Estado, curso e série.

Todas as fichas eram enumeradas e possuíam duas vias. A primeira via ficava com a S.A.E.R. e a segunda via ficava com os pais ou responsável do aluno, assim garantia um melhor controle sobre a educação de cada estudante que fazia parte dessa sociedade filantrópica. As fichas eram datadas, além de conter quatro assinaturas: a do estudante, do pai ou responsável, do presidente e do secretário. No final existia um espaço para as observações e por trás de cada ficha o acompanhamento por série e a média de cada aluno durante todo o ano, com a assinatura do presidente da S.A.E.R. e do pai ou responsável.

Encontramos um total de sessenta e sete (67) fichas, distribuídas da seguinte forma: Vinte e três (23) fichas sem nenhuma informação, apenas com a foto 3x4; Vinte e cinco (25) fichas com nome do(a) aluno(a) e foto 3x4 e dezenove (19) fichas com a maioria das informações e fotos. Segue abaixo, um quadro com as principais informações sobre os alunos, para entender qual a faixa etária, nomes dos pais e profissão, o endereço que residiam e a instituição ao qual estudavam na cidade de Areia:

**Tabela:** Quantidade de fichas dos(as) alunos(as) matriculados(as) na S.A.E.R. estudadas

<b>Nome dos(as) Alunos(as)</b>	<b>Idade</b>	<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>	<b>Endereço</b>	<b>Instituição que estudava</b>
Adriano Roberto Espínola Freire	10	Severino Palhano Freire (agricultor)	Maria Nadir Espínola Freire (doméstica)	Fazenda Jacaré	
Ana Maria Espínola Freire	12	Severino Palhano Freire(agricultor)	Maria Nadir Espínola Freire (doméstica)	Fazenda Jacaré	Ginásio Santa Rita
Angelita Rodrigues Fidélis	25	João Fidélis de Souza (agricultor)	Severina Rodrigues de Souza (doméstica)	Cepilho	Ginásio Santa Rita
Antônio José Espínola Freire	13	Severino Palhano Freire (agricultor)	Maria Nadir Espínola Freire (doméstica)	Fazenda Jacaré	Ginásio Coelho Lisboa
Carlos Antônio dos Santos	6	José Carlos dos Santos (comerciante)			
Edmilson Argino Borges	13	João Argino Borges (agricultor)	Virgília Maria de Oliveira (doméstica)	Sítio Queimadas, Areia- PB	Grupo escolar Álvaro Machado
Euza Maria da Silva	17	Moisés Veríssimo da Silva (comerciante)	Felismina Barreto Diniz (doméstica)	Rua: José Leal, 109.	Ginásio Santa Rita
Geraldino Inácio da Silva	16	João Inácio da Silva (agricultor)	Severina Inácio da Silva (doméstica)	Sítio Queimadas, Areia	Ginásio Coelho Lisboa
Ilton Serafim dos Santos		Silvestre Serafim dos Santos(agricultor)	Maria do Carmo Freire dos Santos (professora)	Rua: João Pessoa, 23	Ginásio Coelho Lisboa
Joacil Alves Soares	8	Anildo Alves da Silva (comerciante)	Laurita Alves Soares (doméstica)	Rua: Benevenuto Teodoro, s/n	Ginásio Santa Rita
João Antônio Ferreira Neto	18	Oswaldo Ferreira Espínola	Antônia Lins Espínola		Ginásio Coelho Lisboa
João Bôsko dos Santos Costa	17	Inácio dos Santos Costa (marceneiro)	Honória Neves da Costa (doméstica)	São Mamede	Ginásio Coelho Lisboa
João Gomes da Silva	22	Severino Gomes da Silva (agricultor)	Enézia da Conceição (doméstica)		Ginásio Coelho Lisboa
Leonardo Luiz Cabral Gondim	8	Luiz Gonzaga Gondim (Agricultor)	Letícia Cabral Gondim (professora)	Sítio Santo Antônio- Areia-PB	Ginásio Santa Rita
Maria do Socorro Rodrigues	6	Luis Rodrigues da Silva (comerciante)		Presidente João Pessoa, 39	Escola Infantil São Tarcísio



Maria Rodrigues de Souza	22	Nelson Rodrigues de Souza (agricultor)	Rita Martins de Souza (doméstica)	Sítio Queimadas, Areia – PB	Ginásio Santa Rita
Maria Miriam Dias de Barros	13	Severino Ciro Dias (agricultor)	Ermila Dias de Barros (doméstica)	Rua João Pessoa, 27	Ginásio Santa Rita
Maria Nilza	17	Cícero Agostinho da Silva (motorista)	Maria das Neves Freire Silva (doméstica)	Rua João Pessoa, 16	Ginásio Santa Rita
Miriam Carlos Freire	16	Genézio Ascendino Freire (agricultor)	Josefa Carlos da Silva (doméstica)	Rua Luiz Barboza, 12	Ginásio Santa Rita

Fonte: Adaptação a partir de dados coletados pela autora.

De acordo com as fichas estudantis que encontramos, os(as) alunos(as) matriculados(as) na S.A.E.R. tinham entre seis a vinte e cinco anos de idade, com a possibilidade de haver, em outras fichas, mais alunos com idade acima dos vinte e cinco anos. Há oito fichas do sexo feminino e onze do sexo masculino. A maioria dos estudantes atendidos pertenciam ao Ginásio Santa Rita (nove), em segundo momento ao Ginásio Coelho Lisboa (seis). Existiam também instituições como o Grupo Escolar Álvaro Machado e a escola infantil São Tarcísio, ambos localizados na cidade de Areia.

As escolas ofereciam o ensino secundário, dividido em duas fases: o Ginásial que correspondia da primeira à quarta série, com duração de quatro anos, destinado a dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário; e o Secundário com os cursos clássico e o científico, cada qual com a duração de três anos, que tinham por objetivo consolidar a educação ministrada no curso ginásial. Quando o(a) aluno(a) deixava esta sociedade, muitas vezes havia concluído o Ginásial e prosseguia no Ginásio Santa Rita, no curso Pedagógico ou Assistência Social ou na Escola de Agronomia do Nordeste <sup>75</sup>no curso Agro técnico.

Em relação as profissões que os pais dos estudantes exerciam, encontramos a maioria de agricultores, uma realidade que condizia com a época em que viviam, pois na década de 1950 e 1960 em Remígio, ser agricultor significava que ele tinha boas condições financeiras, em sua maioria eram donos de terras, de onde tiravam seu próprio sustento, principalmente com a plantação de algodão, agave e tabaco que durante muitos anos funcionou como o fator de movimentação comercial da região. Encontramos também comerciantes, marceneiro e

<sup>75</sup> Atual Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus II.

motorista. Já as mulheres ficavam condicionadas a exercer a profissão de doméstica, não como as que trabalham nos dias de hoje nas casas de famílias, mas como donas de casa, cuidando do lar e dos filhos. Nas fichas encontramos apenas uma mulher, que era professora, diferenciando-se das demais.

As fotografias abaixo que apresentamos, da década de 1960, nos é permitido ver as alunas que estudavam no Colégio Santa Rita e os alunos que estudavam no Coelho Lisboa. Na primeira fotografia é interessante observar o uniforme padronizado por elas utilizado e a presença de uma freira no meio das alunas, cuidando das moças, sempre as acompanhando em seu trajeto escolar diário, como forma de organização e disciplina.

**IMAGEM 9: ALUNAS DO COLÉGIO SANTA RITA, AREIA-PB**



Colégio Santa Rita: a busca de uma formação integral.

Fonte: MELO, Francisco de Assis. Moleques do Palma, João Pessoa: Editora Imprell, 2009, p. 93.

Nesta segunda fotografia podemos perceber os estudantes do sexo masculino, a maioria alunos do Ginásio Coelho Lisboa. Aqui jovens garotos também se posicionam em

frente ao ônibus S.A.E.R. Todos os garotos da fotografia estão uniformizados, bem posicionados, obedecendo a uma rotina diária em busca do conhecimento.

**IMAGEM 10: ALUNOS DO GINÁSIO COELHO LISBOA, AREIA-PB**



Ginásio Coelho Lisboa, em Areia, num momento de descontração.

Fonte: MELO, Francisco de Assis. Moleques do Palma, João Pessoa: Editora Imprell, 2009, p. 84

A fotografia nos possibilita atribuir significados e realizar leituras em torno da imagem, objetivando uma interpretação da década de 1960 em Remígio, possibilitando a junção de jovens entre eles rapazes e moças em busca de uma formação escolar e que juntos conseguiram manter durante certo tempo a S.A.E.R. Tal análise condiz com o pensamento de Severino Cabral Filho (2009.p. 33), para o qual a fotografia é considerada um “produto de um determinado meio social cuja compreensão passa pelo conhecimento da visão de mundo compartilhada pela sociedade em estudo.” (CABRAL, 2009, p.33) Inferimos que a educação nessa época era primordial e um direito destinado à boa parte dos jovens, que procuravam se dedicar aos seus estudos.



Existia também o fardamento que identificava que o aluno pertencia à esta Sociedade. O uso do fardamento incentivava o respeito às normas e disciplina que eram impostas o que é fundamental para a vida em sociedade. Supostamente ao vestirem o uniforme os estudantes, deviam manter um comportamento exemplar, zelar pelo nome e imagem da sociedade à qual pertenciam, dentro e fora dela, como apresentado na imagem abaixo.

**IMAGEM 11: ESTUDANTE FARDADO COM AS INICIAIS S.A.E.R. BORDADO DO LADO ESQUERDO**



Fonte: acervo pessoal de José Antonio Batista da Cunha (ex-sócio da S.A.E.R.)

Podemos perceber que os responsáveis estabeleciam ordem, disciplina, regras aos estudantes que faziam parte dessa sociedade. Os estudantes remigenses que estudavam na cidade de Areia, envolviam-se nas atividades culturais que eram promovidas pela S.A.E.R. Mesmo o espaço funcionando, inicialmente, em uma casa, os estudantes contavam com uma pequena biblioteca, sala de jogos, radiola, campo de futebol para os jogos dos meninos, mesa de pingue pongue, entre outros equipamentos. A ex-aluna da S.A.E.R. Maria do Carmo Henriques Meira nos conta sobre como os estudantes utilizavam esse espaço:

Pra estudar e fazer pesquisa, algumas vezes usávamos, porque nós tínhamos alguns livros, não era uma biblioteca grande, mas era uma pequena biblioteca, mas era boa, nós frequentávamos, tinha mesas lá, tinha uma radiola para se fazer, naquele tempo se chamava Assustados. Os estudantes, pronto, no dia dos estudantes era uma folia muito grande, jogos nós organizávamos, fazíamos jogos de baleada para as meninas, o campo de futebol era para os rapazes. Tudo isso existia, era coisa maravilhosa.<sup>76</sup>

Os alunos para ter acesso à educação na cidade de Areia, precisavam de transporte para conduzi-los, tendo em vista, que nesse tempo as condições de deslocamento para outras cidades demandavam certas condições financeiras. Portanto, no início a S.A.E.R. auxiliava nesse quesito e ajudava no transporte até a cidade de Areia, por meio de um carro Kombi, conduzindo os primeiros estudantes da S.A.E.R.

Posteriormente, o meio utilizado para levar os alunos era através de um ônibus que foi adquirido pelo Projeto de Lei 433/1959 do Deputado Luiz Bronzeado (UDN/PB). Segundo a Ementa o Poder Executivo autorizou a abrir, pelo Ministério da Educação e da Cultura, o crédito especial de Cr\$ 1.200.000,00, para atender à despesa de aquisição de um ônibus pela Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio.<sup>77</sup> Assim constam dos artigos do projeto:

Art.1º É concedida à “Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio”, (SAER), com sede na cidade de Remígio, Estado da Paraíba, o auxílio especial de Cr 1.200.000,00 (um milhão e duzentos mil cruzeiros) para atender à despesa (sic.) de aquisição de um ônibus, para cumprimento de sua finalidade educacional.

Art.2º Para ocorrer à despesa (sic.) de que trata o artigo anterior, fica o Poder Executivo autorizado a abrir, pelo Ministério da Educação e Cultura, o crédito especial de Cr 1.200.000,00 (um milhão e duzentos mil cruzeiros), que será automaticamente registrado pelo Tribunal de Contas da União e distribuído à Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional no Estado da Paraíba.

<sup>76</sup>Maria do Carmo Henriques Meira. Entrevista concedida a autora no dia 04 de janeiro de 2018.

<sup>77</sup>Brasil. Câmara dos Deputados. Disponível em: [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=5866298D2AE950B1AFA60D033DF2C31B.proposicoesWeb2?codteor=1206481&filename=Avulso+-PL+433/1959](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=5866298D2AE950B1AFA60D033DF2C31B.proposicoesWeb2?codteor=1206481&filename=Avulso+-PL+433/1959), página 3. Acesso no dia 15 de junho de 1959.

Art. 3º Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 8 de junho de 1959.<sup>78</sup>

Em documento emitido na Câmara dos Deputados em 1959, foram feitas solicitações para adquirir o ônibus e como justificativa, um dos fundadores dessa sociedade e então Deputado Luiz Bronzeado, usou dos seguintes argumentos:

Na pequena e humilde cidade de Remígio, no Estado da Paraíba, intentou-se uma experiência nova, no setor educacional: levar a uma cidade vizinha a mocidade estudantil da terra, na impossibilidade de se fundar e manter, no local, por ausência de elementos materiais e intelectuais, estabelecimentos de ensino adequados às necessidades culturais do meio. O plano é conduzir, diariamente, de ida e volta, à Cidade de Areia, - que dista apenas 12 quilômetros da de Remígio, - os estudantes desta última, de ambos os sexos, do curso secundário ou superior. Para isto, foi fundada em 1 de novembro de 1958 a "SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMÍGIO" (SAER), com estatutos já publicados e registrados, reconhecida de utilidade pública e subvencionada anualmente, com a quantia de sessenta mil cruzeiros pelo Governo da Paraíba, ex- vi da Lei n. 1.963, de 26 de janeiro de 1959, tudo conforme se vê dos documentos anexos, nos. 1 e 2 (páginas do Diário Oficial do Estado da Paraíba). Já foi providenciado e está em vias de ser deferido o registro da instituição no Conselho Nacional do Serviço Social. A Sociedade está instalada em sede provisória e precisa adquirir, urgentemente, um ônibus para o transporte diário dos estudantes à Cidade de Areia, a vinte minutos de Remígio, e dispendo de um colégio masculino, o "Ginásio Coelho Lisboa", de um educandário feminino, o "Ginásio e escola normal Santa Rita", das mais conceituadas do País, e uma escola superior, a "Escola de Agronomia do Nordeste", além de "Artezanato D.Adauto", para o ensino técnico-industrial. A "SOCIEDADE DE AMPARO AO ESTUDANTE DE REMÍGIO" tem, porém, objetivos mais amplos: pretende construir, em futuro próximo, uma sede ampla e confortável, com biblioteca, discoteca, entretenimentos, etc., destinada a ser o lar espiritual do estudante da localidade, fornecendo, ainda aos estudantes pobres ou paupérrimos, que revelem apreciável grau de aproveitamento, livros, farda, calçados, matrícula e emolumentos escolares. Parece – nos, assim, que a fundação de instituições como a SAER deve ser estimulada pelos poderes públicos. O exemplo merece ser adotado em outras comunidades brasileiras, em idêntica situação. Temerária ou contra produtora é a fundação de educandários que não se podem manter sem grandes deficiências de ordem material e intelectual, em cidades pequenas. De melhor alvitre é conduzir a mocidade, para estabelecimentos mais próximos, localizados em cidades de rápido e fácil acesso, como acontece na hipótese em foco. Estes os objetivos novos, diferentes e patrióticos da "Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio", instituição fundada ao mais absoluto sucesso pela proteção que espera merecer dos Governos da União, do Estado, do Município e dos particulares que a fundaram com tanto entusiasmo, e com tanta fé. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 1959, p.5)

Sala das Sessões, 8 de junho de 1959. Luiz Bronzeado.

O objetivo inicial era de amparar os estudantes pobres ou paupérrimos. Neste sentido, a partir das palavras de Luiz Bronzeado, talvez o que ele considerasse pobre ou paupérrimo,

<sup>78</sup>Brasil. Câmara dos Deputados. [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=5866298D2AE950B1AFA60D033DF2C31B.proposicoesWeb2?codteor=1206481&filename=Avulso+-PL+433/1959](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=5866298D2AE950B1AFA60D033DF2C31B.proposicoesWeb2?codteor=1206481&filename=Avulso+-PL+433/1959), página 3. Acesso em 16/09/2017.

tinha relação com a profissão dos pais que não tinham condições financeiras de colocar os filhos na escola, e estes acabavam por ajudar os pais para o sustento da família, ou relacionava-se até mesmo a localidade onde moravam. Portanto, supostamente, caracterizava alguém extremamente pobre. Nosso colaborador Leonardo Félix acrescenta que

Quem tinha uma certa condições financeira é quem estudava. Principalmente era para estudante. Aquilo era uma forma de as pessoas se interessar pelo estudo. É exemplava e diretamente exemplava. Porque na minha época de garoto aqui, o menino que não estudava, ele era um pouco separado.<sup>79</sup>

Em vista disso, mesmo que o estatuto alegasse amparo aos estudantes pobres, inferimos que apenas quem tinha condições de se manter na escola era quem fazia parte dessa sociedade. Durante muitos anos o ônibus da S.A.E.R. fez parte da história de muitas pessoas que utilizavam esse transporte para estudar em Areia, pois diante das dificuldades de deslocamento para estudar em outra cidade, o ônibus, considerado de grande importância para a época, foi responsável por contribuir na educação dos estudantes remigenses. O Senhor Heronides Dias de Barros recorda que:

A SAER começou para estudantes, logo na fundação ela ganhou uma Kombi. Eu até tenho fotografia dessa Kombi, com 8 alunas viajando todo dia de Remígio para Areia. Eu sei que Carmoniza, era uma delas, Glorinha esposa de Chico Carneiro era uma delas, Miriam minha irmã, Vilma filha de Seu Severino Sobral e mais outras aí, que não me lembro agora. (...) Pois é, e isso foi muito bom né. O motorista era Nivaldo Laureano. E a estrada de Remígio a Areia era muito ruim. Quando chovia, o ônibus só chegava até ali a parte de baixo, antes de subir aquelas serras, não tem aquela churrascaria castelo? Então ali mais para frente, você chega ali, aí a estrada, tem uma curva a esquerda e tem uma parte mais íngreme que sobe. Então a Kombi nos dias de chuva só chegava até ali, porque as duas ladeiras, tanto a primeira, como aquela secundária, não eram calçadas e atolava muito. Então as alunas que iam na Kombi, a Kombi ficava ali, tiravam os sapatos e de pé no chão subiam chegava lá no colégio Santa Rita com os pés todo sujo de lama, aí tinha que tomar um banho, se ajeitar para assistir aula, era desse jeito. Hoje em dia as coisas são bem mais fáceis. A SAER já trouxe muita facilidade, antes da SAER que era muito ruim, muito ruim.<sup>80</sup>

A ex-aluna e também frequentadora da S.A.E.R. Maria do Carmo Henriques Meira ao falar sobre sua vida enquanto estudante do colégio Santa Rita, nos conta sobre a importância que o transporte oferecido pela S.A.E.R. contribuiu na educação de muitos jovens, e recorda que:

Eu fui aluna o tempo todo. [...] eu estudava em Areia, estudei no colégio Santa Rita de 60 a 67. Eu fui aluna e viajei muito no ônibus da S.A.E.R [...] Eu comecei a frequentar a SAER, foi trazido o ônibus, vinha uma verba para o ônibus, foi comprado

<sup>79</sup> Leonardo Félix de Queiroz. Entrevista concedida a autora no dia 23 de janeiro de 2017.

<sup>80</sup> Heronides Dias de Barros. Entrevista concedida à autora em 15 de junho de 2017.

esse ônibus. Eu viajei nesse ônibus até 67, até o ano de 67 eu andei nesse ônibus, comecei a andar nesse ônibus em 60. Porque antes tinha uma Kombi. Primeiro foi uma pequena Kombi, mas eram poucos alunos que iam pra Areia, aí depois com o crescimento do número de alunos, Luiz Bronzeado conseguiu verba para comprar um ônibus. Esse ônibus foi comprado, a Kombi parece que foi que entrou num negócio para poder trocar pelo ônibus.<sup>81</sup>

Ao longo dos anos que o ônibus esteve funcionando, diversos motoristas passaram pela experiência de conduzir os estudantes até a cidade de Areia, que em média conduzia cerca de quarenta estudantes diariamente. Entre os condutores podemos destacar, José Francisco, Nivaldo Laureano, entre outros. Dentre estes, o senhor Francisco da Silva Filho, de 86 anos, nos conta sua história, enquanto motorista do ônibus da SAER, entre os anos de 1973 e 1977:

Eu sei que eu passei 3 anos e pouco, de Remígio para Areia. Levava para o Colégio Estadual e para o Santa Rita. Trabalhava os dois expedientes, de manhã e à tarde. E no sábado só na parte da manhã. [...] eram muitos, era bem uns 40. No sábado levava as duas turmas, ia cheio que só a lata de sardinha [...]. De tarde eu trazia até o juiz de direito, trazia ele do Estadual. Eu trazia lá pra o Santa Rita. Tinha, carteira assinada. Fui o único que trabalhou na SAER com carteira assinada, foi eu [...] Eu não quis mais trabalhar e fui endireitar carro mais S. Valdecy Daniel no posto, do Auto Peça, aí eu ganhava mais endireitando carro lá, aí saí.<sup>82</sup>

Durante o seu relato de memória, sempre se referia que ele foi o único motorista a trabalhar com carteira assinada, para a época o fato de ter carteira assinada era privilégio de poucos, principalmente em uma cidade com poucos habitantes e poucas oportunidades de emprego. O período que ele trabalhou o presidente do Clube era Cícero Dias, e segundo o senhor Francisco “... quem pagava a mim era os estudantes, quem pagava a mim, o meu salário.” Dessa fala inferimos que o salário pago aos funcionários da SAER, era feito pelos pais dos estudantes que eram sócios dessa instituição.

Ainda sobre o período que o senhor Francisco trabalhou como motorista, ele mesmo “cuidava e zelava” pelo ônibus, tendo em vista que o próprio era mecânico e estava atento aos problemas que o ônibus ia apresentando. Para a época, os estudantes seguiam a pontualidade do motorista, e eram comportados, pois segundo sua esposa Maria Eliza da Silva, ao falar sobre o comportamento dos estudantes dentro do ônibus, nos conta:

(risos) Obedecia a ele, você nem pode imaginar o quanto eles obedeciam. Ele botava ordem, eles obedeciam e em relação a hoje é muito diferente, mas ele, ave maria! Ele tinha pontualidade, porque quando ele dizia: “eu vou sair”, era daqui (Remígio) que

<sup>81</sup> Maria do Carmo Henriques Meira. Entrevista concedida à autora em 04 de janeiro de 2018.

<sup>82</sup> Francisco da Silva Filho. Entrevista concedida à autora no dia 22 de novembro de 2017. Contribuição de sua esposa Maria Eliza da Silva.



ele saía de seis horas, o que tivesse chegado, ele ia embora. E lá na hora também, ele não ficava esperando não, porque estando na hora certa ali, para voltar, eles obedeciam, porque se não ficava. Porque também naquela época se ficasse, dava trabalho para chegar em casa, não era fácil como hoje não. Tinham um medo que se pelava, logo que ele era meio grosso né? Ai do que não obedecesse. (...) Compadre Ciço confiava muito nele, e os estudantes gostavam porque eles queriam estudar e tinha o ônibus, o transporte certo, o motorista certo e pontualidade. Assim, porque se não tivesse pontualidade.<sup>83</sup>

Após longos anos de uso do ônibus da S.A.E.R., ele foi se destruindo por falta de manutenção. “O ônibus da S.A.E.R. faz parte da história do povo de Remígio. É um patrimônio histórico da cidade.”<sup>84</sup> A aquisição do veículo escolar durou até finais da década de 1970. Muitos condutores/motoristas passaram pela experiência de levar os estudantes até a cidade de Areia, contribuindo para com a educação de alguns remigenses. Fábio Carneiro Leal, recorda da sua infância e do desejo de utilizar o ônibus e ir em estudar na cidade de Areia, assim recorda:

Tornou-se um rito. Todo dia, Sua Majestade estacionava pontualmente às 06h00min e às 12h30min em frente à Prefeitura Municipal, na Rua João Pessoa. Limpo, cheiroso, impecável. O condutor com a indumentária completa, muito educado e atencioso. Abria a porta e cavalheiramente solicitava a entrada das senhoritas e depois, dos marmanjos. (...)Eu, moleque, como tantos outros ficava babando em ver os “maiores” estudarem em Areia e, nós, não! O nosso despeito volatilizava-se nos ensinamentos das professorinhas do “Cunha Lima”. (...) O Ônibus da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio - SAER é um símbolo imaterial do conhecimento remigense. Só lembranças das suas rodas, motor, carenagem, placa, cor, altivez, benevolência, afago. Esquecimento... Tantos e tantos sentaram nos seus bancos, tantos e tantos desejavam fazer esse trajeto. Tantos e tantos são felizes hoje por terem subido os batentes da marinete.<sup>85</sup>

A partir da narrativa de Fábio Carneiro Leal, a chegada do ônibus modificou o cotidiano, não só dos que o utilizavam, como o motorista e os estudantes, mas também de outras pessoas que observavam a passagem do ônibus pelas ruas da cidade, desde a chegada para pegar os estudantes, sua saída e o retorno no final da tarde. Desse modo, para Certeau (2012), o cotidiano é o dia a dia do homem comum. Nele, estão inseridos homens e mulheres, pois o cotidiano se relaciona à vivência humana, já que, as pessoas se relacionam nos espaços que assumem a conotação de lugar. Lugar este, onde a vida cotidiana se desenvolve e se transforma. Nesse sentido, o uso do ônibus passa a ser compreendido como um espaço de vivências, com experiências.

<sup>83</sup> Maria Eliza da Silva. Entrevista concedida à autora no dia 22 de novembro de 2017.

<sup>84</sup> Jornal Despertar, p.6, 1988

<sup>85</sup> LEAL, Fábio Carneiro. Blog Meu Remígio. Acesso em 10 de outubro de 2017. Disponível em: <http://meuremigio.blogspot.com.br/2011/08/o-onibus-da-saer.html>.

Para o bom funcionamento do ônibus, era preciso investir na manutenção, porém com o passar dos anos e a falta de cuidado o ônibus foi aos poucos sendo destruído, segundo o Sr. Francisco da Silva Filho ele foi acabando “no tempo que Celso Carneiro era o prefeito aí acabou-se. Porque não tinha manutenção. O ônibus era bom. Eu conservava bem.” Diversas eram as preocupações em torno da situação que se encontrava o ônibus da S.A.E.R., muitos criticavam a falta de responsabilidade por parte dos sócios e dos demais representantes desse espaço em deixar acabar o ônibus. A S.A.E.R. também possuía uma garagem para guardar o ônibus, esta localizava-se <sup>86</sup> um pouco distante do prédio da S.A.E.R. O Sr. Francisco de Assis de Almeida escreveu um poema que relata a situação que se encontrava o ônibus.

#### UM CIDADÃO INJUSTIÇADO

Eu o observei de longe,  
fui tirar a conclusão.  
Eu o vi jogando fora  
Eu vi se decompondo na erosão!  
Estava ainda de pé:  
O velho ônibus da SAER  
O qual chamo CIDADÃO.

Abandonado lá no pátio  
na mais triste solidão,  
bateu-me uma tristeza  
A qual trouxe-me inspiração  
Ali o observei:  
e o personifiquei,  
Como se fosse um cidadão.

Ainda está lá o velhinho  
sem se mover do chão!  
Tudo que ele fez  
o tempo deixou em vão.  
Tanta gente carregou no colo  
e está caído naquele solo,  
sem nenhuma proteção!

Do velhinho tão bom  
só ficou uma saudade.  
Tudo foi ilusão,  
ele foi esquecido da cidade.  
Estão negra as suas cores  
partindo daqui sem flores,  
“para outra eternidade”.

Eu me recordo quando menino,  
cheio de estudantes lhe avistava!  
Pra cidade de AREIA  
O velho ônibus caminhava.  
Aquele velho era um gigante  
e completo de estudantes,  
a tardinha retornava.

---

<sup>86</sup> Atualmente a localização que era a garagem é a Rua: Manoel de Barros.

Daquele estudantes, tem-se professores,  
 No colégio do estado.  
 Tem também doutores,  
 todos alunos do passado.  
 Eles estão em az  
 E nem se lembram mais do velhinho  
 injustiçado.

O velhinho abandonado  
 O tempo lhe esqueceu  
 está jogado no tempo  
 estado triste é o seu.  
 Onde está nossa cultura?  
 Está na sepultura:  
 Aquele amigo meu!

Como um objeto sem valor  
 ou um instrumento sem glória,  
 está ruindo no tempo  
 apagando uma memória...  
 Este é o sofrimento  
 daquele documento,  
 Que simboliza nossa história.

Ocultaram os seus brios,  
 Seus direitos foram negados, feriram seus sentimentos...  
 “sem paranóia foi seu passado”  
 Sua memória não vai ser lida...  
 Assim está terminado a vida  
 Do velhinho injustiçado.<sup>87</sup>

O poema, através dos seus versos, mostrou a realidade que vivia o ônibus, por ter um dia contribuído com a educação de muitos jovens. O ônibus, considerado símbolo da história, que fora adquirido para auxiliar os estudantes no deslocamento entre as cidades de Remígio e Areia, foi aos poucos sendo destruído por falta de manutenção. O Sr. José Valdery Pereira recorda que

Pra evolução cultural da gente contribuiu. Inclusive o ônibus, aquele ônibus foi comprado a Zé Pereira da São José. O ônibus é o seguinte, esse ônibus ele rodou, como Remígio só comportava até um certo grau de transmissão de conhecimento, só ensinava até... aí depois tinha que ir pra Areia, inclusive eu viajei nesse ônibus, sendo que o que eu achei uma fraqueza, foi deixar uma relíquia daquela se acabar, num terreno baldio, certo? Acabou-se tudo.<sup>88</sup>

Através dos relatos orais de memória, surgem as recordações de um tempo em que havia dificuldades para estudar em outra cidade e o ônibus contribuiu na formação educacional. A situação de abandono e desprezo gerou indignação nas pessoas, principalmente em quem fez

<sup>87</sup> Francisco de Assis de Almeida, Jornal Despertar, 1989.

<sup>88</sup> José Valdery Pereira. Entrevista concedida a autora no dia 25 de janeiro de 2017.

uso desse transporte para prosseguir nos estudos. A fotografia abaixo representa o ônibus em total situação de abandono, com pneus furados, ferrugem na lataria, vidros quebrados, entre outros problemas.

**IMAGEM 12: ÔNIBUS DA S.A.E.R. ABANDONADO**



Fonte: acervo pessoal José Antonio Batista da Cunha.

Existiam diversas atividades educativas que eram oferecidas aos jovens estudantes que frequentavam esta sociedade. Por meio da oralidade que nos chegaram pelos depoimentos concedidos, debruçamo-nos sobre os sujeitos atuantes desse período, junto à atuação no espaço do vivido. As atividades socioeducativas que eram realizadas no interior da S.A.E.R. estavam presentes na realização de diversos cursos, a exemplo do curso de datilografia, com duração de

três meses, oferecido pela Prefeitura Municipal em parceria com o Senac, a professora era Rita de Cássia Cavalcante, e a mesma nos informa detalhes desse período:

Eu trabalhava na Prefeitura e dava aula. Eu trabalhava pela manhã na Prefeitura e de tarde e de noite eu dava aula na SAER. Era que eu me lembro mesmo, a tarde e à noite dava aula de datilografia na SAER. Que eu ensinei mesmo na SAER foi uma base assim de 64, 65 ou 66, mais ou menos assim.<sup>89</sup>

Os "formandos" tinham direito, até, ao recebimento solene do certificado de conclusão, embora não tivesse nenhuma utilidade prática. Nessa época era importante fazer um curso de datilografia, principalmente entre os jovens, depois de terminar as aulas no Ginásio. Um curso que na maioria das vezes era imposto pelos pais, como parte da formação educacional e profissional. A senhora Rita de Cássia ainda recorda sobre a duração do curso

Era três meses. Três e as vezes até quatro meses, dependendo. Mas o certo era de três meses, era 90 dias de curso. Aí ensinava nesse tempo pela S.A.E.R. e pelo SENAI e pelo SENAC. Eles mandavam as bolsinha azul, por sinal ainda tenho uma, guardei uma bolsinha azul, foi a única coisa que eu guardei, foi a bolsinha azul.<sup>90</sup>

Além do curso de datilografia também funcionou nesse clube, o Ginásio a noite, que era uma campanha de educandários gratuitos. Realizavam-se palestras, oficinas, quadrilhas juninas, instrução de banda musical, os escoteiros, com o professor Fernando Peixe<sup>91</sup> da cidade de Areia e apresentações teatrais com os alunos da S.A.E.R., com programações oferecidas para os pais dos estudantes, bem como os sócios. Assim nos conta Maria do Carmo Henriques Meira:

(...)Havia muitas reuniões, muitas. Assim vinham pessoas de fora, fazer o simpósio, fazer. Era muito bom, era muito bom. Lá na SAER existia os escoteiros, aí vinha de Areia, vinha Fernando Peixe, vinha de Areia, instruir os escoteiros daqui lá na SAER, era uma beleza! [...] E tem mais uma coisa, todos colaboravam com alguma coisa que a gente fosse fazer. [...] Se dissesse: “é uma peça teatral, você vai ser o anjo”, era o anjo e acabou-se a história, “você vai ser uma bruxa”, já era a bruxa e não tinha isso. Era todo mundo, um por todos e todos por um.

O Clube S.A.E.R. é lembrado pelo amparo aos estudantes, bem como por suas frequentes festas e eventos sociais. Essas lembranças que fazem com que “as práticas dos habitantes criam no próprio espaço urbano uma multitude de combinações possíveis entre lugares antigos e situações novas,” (CERTEAU, 2013, p.199). É possível perceber a influência que essa sociedade exercia no meio sócio cultural da cidade de Remígio através dos desfiles

<sup>89</sup> Rita de Cássia Cavalcanti. Entrevista concedida a autora no dia 20 de abril de 2017.

<sup>90</sup> Rita de Cássia Cavalcanti. Entrevista concedida a autora no dia 20 de abril de 2017.

<sup>91</sup> Fernando Mota Peixe era professor e instrutor de bandas colegiais da cidade de Areia -PB

cívicos realizados no dia 07 de setembro em comemoração à independência do Brasil, e como nos conta Maria do Carmo Henriques Meira

a gente se envolvia no 7 de setembro, a gente formava o pelotão da SAER. Esse pelotão a gente escolhia um tema, o ultimo tema foi regiões brasileiras, então nós escolhemos o traje de cada região e fizemos o pelotão e saía. Foi lindo. [...] mas a SAER formava algum pelotão, um ou dois, mas que era maravilhoso era.<sup>92</sup>

Os estudantes formavam um ou dois pelotões para desfilar no dia sete de setembro, com seus uniformes e a bandeira para representar a S.A.E.R.. A fotografia abaixo nos apresenta a comemoração ao dia sete de setembro na cidade de Remígio no ano de 1969.

**IMAGEM 13: DESFILE SETE DE SETEMBRO COM ESTUDANTES DA S.A.E.R. EM 1969 EM FRENTE À IGREJA DE NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO- REMÍGIO PB**



Fonte: acervo da Sra. Elizete Fernandes

A imagem fotográfica traz, à esquerda da imagem, alunos fardados que pertenciam a Sociedade de Amparo devidamente uniformizados, segurando a bandeira com as iniciais da SAER. Os desfiles em comemoração à independência do Brasil, traz valores e práticas de

<sup>92</sup> Maria do Carmo Henriques Meira. Entrevista concedida a autora no dia 04 de janeiro de 2018.

normatização e harmonização e deveres para com a Pátria. Através dessa fotografia dialogamos com o passado, conectando a história e a memória.

As ações educativas da S.A.E.R. estavam voltadas para o grupo social que frequentava regularmente. A maioria dos sócios eram os pais dos estudantes, conseqüentemente havia distinção social, embora o estatuto mostrasse apoio e amparo aos estudantes pobres. Ao longo desse trabalho falamos de algumas transformações que Remígio passou desde sua fundação até a chegada dos clubes sociais, que aos poucos foram interferindo direta e indiretamente na vida dos remigenses.

Com a chegada da S.A.E.R. mais mudanças foram sentidas, principalmente no setor educacional, pois era preciso uma instituição que não só servisse de lazer, mas que disciplinasse crianças e jovens estudantes e até mesmo as famílias. Algumas pessoas não sentiram a influência da S.A.E.R. e outras destacam a contribuição que a mesma teve na educação de alguns estudantes. Assim considera Maria do Carmo Henriques:

A educação de Remígio hoje ainda deve a algum resíduo da SAER. Foi tudo. A SAER foi tudo. Aquela leva de estudante que terminava o quarto ano primário, minha mãe preparava eles para o exame de Admissão e muitos prestavam o exame de admissão em Areia. A partir da SAER quem fazia o exame de admissão passou a cursar o primeiro ano ginasial em Areia, no colégio estadual ou então no colégio Santa Rita, quer dizer tudo isso foi uma ajuda muito grande.

Muitas foram as pessoas que fizeram parte dessa sociedade voltada para o auxílio educacional e também um local específico para diversão e lazer. Portanto podemos considerar que em torno do objetivo que tinha a SAER de amparar os estudantes, havia também um condicionamento para que as atividades realizadas fossem organizadas, disciplinadas, regulares e sistemática.

### **3.2. MOMENTOS DE LAZER E DIVERSÃO: A SOCIEDADE EXERCENDO A FUNÇÃO DE CLUBE SOCIAL DA CIDADE.**

A vida cotidiana das pessoas é sempre muito corrida, tanto por causa de trabalhos quanto por causa de estudos ou, ainda, por causa de ambos. Em face disso, a maioria das pessoas procura quebrar a rotina em algumas diversões nos fins de semana. Buscando pensar sobre a



dinâmica desse espaço, bem como as suas regras e seus frequentadores, procuramos compreender como as práticas da vida social de alguns remigenses contribuíram para a construção da identidade e das representações dos grupos sociais, assim como o esforço de classificação dos seus frequentadores em relação a outros grupos da sociedade.

É nesse espaço que intencionamos revisitar os sentidos e desejos que inserem o lazer nos processos que delinham espaços na cidade, bem como, produzem sociabilidades<sup>93</sup> diversas, possibilitando usos variados e promovendo comportamentos e identificações culturais específicas. Na ocupação desse espaço de lazer e diversão, os frequentadores além de se divertirem, possibilitavam rendimentos sociais, econômicos e políticos. O local que funcionava o primeiro espaço físico da S.A.E.R., desde sua fundação até o ano de 1968, na rua Presidente João Pessoa, e depois no prédio sede até 1980, na rua Primeiro de Novembro, colocam em evidência como os divertimentos estiveram presentes e marcantes na sociedade.

A partir dos relatos orais de memória, adentramos ao espaço festivo, exercendo a função de clube social. O espaço dedicado a diversão regido pelos diversos ritmos musicais da década de 1960 e 1970, embalando homens e mulheres, sejam eles jovens ou adultos. Nas práticas sociais e culturais as atrações que marcavam o divertimento das pessoas, os desejos, as sensações, onde os sentidos estavam a todo vapor nesse entrelaçamento das relações que eram estabelecidas nesse espaço. Vale salientar que, a princípio, nem todos da cidade tiveram a oportunidade de usufruir de um espaço sedutor aos olhos de uma população que vivia para o trabalho.

Embora o objeto de estudo seja os clubes sociais, havia também outros modos de diversão e lazer, ou seja, outros modos de sociabilidades, que não passava pelo clube, a exemplo dos bares, do cine São José, dos forrós realizados no mercado público, nas festas da padroeira, nos blocos de carnaval de rua, e do salão de festas do Sr. José Leal e sua difusora que atraía os jovens a passear na rua. A Senhora Rita de Cássia Cavalcante recorda como eram as outras diversões, mesmo com a presença do clube S.A.E.R.:

Tinha também os bailes de carnaval. Até o período de Zé Leal, era ele que organizava. Era lá perto, lá em cima, ali onde hoje, é a farmácia de Selma, era o Clube de Seu Zé Leal. Era um espaço grande, uma garajona bem grande, grande. Aí quando era na época de carnaval, enfeitava, era confete, era serpentina, era as mesas, tudo bem organizado, as mesas com cadeira. Tudo bem organizado. As pessoas iam tudo com

---

<sup>93</sup> A sociabilidade é uma interação que não resulta de necessidades ou interesses específicos, mas que preserva a satisfação do estar socializado que acompanha o processo de interação. Ver: SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.



fantasia. Tinha as portas bandeira, depois dos anos 60, era uns 64, 63 por aí assim. Remígio antigamente era bem animado. [...]Tinha o cinema, ali onde hoje é o atual cinema, era cinema muito bom, agora era preto e branco também, aí quando se dizia assim “vai dar o aviso”, deu o aviso, aí as luzes se apagavam, com todo mundo já ficava agoniado pra ir simhora pra não sair no escuro, se não ficava ruim. A amplificadora ficava tocando as músicas, a gente passeando pra lá e pra cá, as turmas de moça tudo de braço passeando, no passeio das amigas, aí a gente ia lá as músicas tocando. Tinha um prefixo que eu não recordo, mas era muito bonito quando começava, a gente já ficava tudo ansiosa, ouvindo aquelas gravações, passeando e cantando com aquelas músicas, era muito bonito.<sup>94</sup>

Não podemos deixar de falar que nas cidades são criados espaços para que as pessoas possam se divertir e em alguns casos esses espaços são consolidados como local efetivo do lazer humano desde muito tempo. As memórias de um tempo que já passou, mostram a vivência do cidadão e sua relação com os espaços da cidade. É dessa forma que o Sr. Juvenal Dias Pereira, de 84 anos, lembra do período que possuía um bar perto do cinema e do salão de festas de Zé Leal

Carnaval me lembro de ter um bar aqui, era nessa época e o pessoal dançava lá, ali vizinho a Polo Moto, o povo dançava carnaval ali, é. Quando o clube não dançava carnaval, dançava todo mundo ali. [...]o cinema era de frente ao meu bar. Eu tinha tanta gente pra vender refresco lá, tanta coisa, pra lanchar lá quando terminava o cinema, o pessoal fechava, trancava o bar lá. Só tinha eu, só tinha o meu bar.<sup>95</sup>

Nesse convívio individual e coletivo proporcionado pelas diversas atividades festivas e comemorativas, além dos eventos educacionais, havia também uma (re)definição em suas identidades, enquanto sujeitos pertencentes a determinado setor social e que buscavam, por conjectura, a manutenção do *status quo* e/ou formas de inserção social. A união que existia entre os jovens da época é percebida nas narrativas de nossos colaboradores, como nos narra o senhor Leonardo Félix

Do clube também o que existia era uma amizade muito bonita, eu era garoto, mas eu lembro muito bem disso. Os jovens se entendiam muito bem [...] Mas era uma união bonita e sempre quando chegava o fim de semana o encontro era fantástico ali das pessoas.[...] Exatamente. E os jovens eram muito obediente, a gente, nós eramos muito obedientes. Principalmente, nós frequentávamos a igreja, entendeu? Depois da missa, aí ia todo mundo pra SAER. Outra coisa, eu trabalhei na prefeitura, locutor da amplificadora e quando chegava o sábado e o domingo, eu ligava a amplificadora. Enquanto não abria a SAER, as pessoas ficavam ali desfilando, paquerando. Era. Era muito bom.<sup>96</sup>

<sup>94</sup> Rita de Cássia Cavalcante. Entrevista concedida a autora no dia 20 de abril de 2017.

<sup>95</sup> Juvenal Dias Pereira. Entrevista concedida a autora no dia 25 de janeiro de 2017.

<sup>96</sup> Leonardo Félix Queiroz. Entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2017.

As ruas da cidade se associam irresistivelmente com os passeios noturnos, que possibilitavam a juventude estabelecer laços de amizade, paqueras e familiaridade pelas ruas da cidade até chegar a hora de participar dos bailes na S.A.E.R. Marcar um encontro, só se fosse através de bilhetes ou através dos(as) amigos(as), pois não existia a facilidade das redes sociais e assim, o movimento animava as pessoas e as sociabilidades passavam a ser definidas. A nossa colaboradora e ex-aluna da S.A.E.R. também nos conta como os jovens estabeleciam a união em boa parte do que faziam:

Era a união nossa. Nós éramos unidos. Era um por todos e todos por um. Não tinha briga, não tinha nada.  
 - “Vamos fazer isso, assim... assim...assim”:  
 - “vamos”.  
 Todo mundo se prontificava.  
 - “a gente não tem dinheiro para comprar a roupa, vamos fazer uma cotinha cada um”  
 ou “vamos sair pedindo”,  
 aí a gente saía pedindo, aí os comerciantes davam o dinheiro, cada um fazia a sua roupinha.<sup>97</sup>

Os jovens também se reuniam para organizar as festas em datas comemorativas, a exemplo do dia das mães, dia dos pais, dia dos estudantes, entre outras comemorações. Buscavam oferecer divertimento a maioria da população, com atividades culturais que atraíssem o público a participar. No tempo de sua juventude, Maria do Carmo Henriques lembra como os jovens preparavam as comemorações e nos conta como eles, os jovens, se planejavam para homenagear os pais:

A gente sempre fazia, mas a gente fazia, os próprios estudantes faziam.  
 - “vamos comprar um bocado de prêmio pra gente dar”.  
 Aí a gente ia pra amplificadora a noite e dizia:  
 - “Nós da SAER, os alunos da SAER vamos homenagear os pais, vai ser em tal lugar, na frente da SAER e vai ter prêmios”.  
 Ah minha filha de noite era gente demais, embora que os prêmios não desse pra todo mundo, mas todo mundo ia né?  
 - “Vamos cantar agora?”  
 - “vamos cantar”.  
 O povo cantava minha filha parecia uma orquestra, era lindo, era lindo. Eu não estou dizendo a você, era lindo demais, Remígio era outro. Remígio morreu.<sup>98</sup>

A partir da narrativa de nossa colaboradora, podemos perceber o envolvimento que os jovens tinham para preparar as festividades no Clube S.A.E.R., que funcionava como espaço propício para a sociabilidade, em que os padrões gestuais, de comportamento e de educação podiam ser observados, possibilitando fazer distinções entre os frequentadores, e a escolha dos

<sup>97</sup> Maria do Carmo Henriques Meira. Entrevista concedida à autora no dia 04 de janeiro de 2018.

<sup>98</sup> Maria do Carmo Henriques Meira. Entrevista concedida à autora no dia 04 de janeiro de 2018.

melhores pretendentes, tanto para os moços quanto para as moças, num claro intento de preservação de status e de consciência do lugar social ocupado na sociedade. Abaixo observamos a fotografia de uma turma de jovens remigenses e ex-estudantes da S.A.E.R. da década de 1960:

**IMAGEM 14: TURMA DE JOVENS ESTUDANTES DA S.AE.R. NA DÉCADA DE 1960**



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Carmo Henriques Meira.

Analisando a fotografia, percebemos a presença de homens e mulheres bem vestidos e com os cabelos penteados, bem como observamos que as roupas femininas se diferenciam das masculinas por suas formas, cores, tecidos e elementos da decoração, por serem vestidos de cintura e saia larga, que era o estilo predominante da época. Em Remígio, nos anos de 1960, as ocasiões para exhibir-se e arranjar namorado eram as festas, sejam elas religiosas ou profanas. Nesse sentido, a aparência tem sido, ao longo dos séculos, uma das formas de enquadramento dos seres na esfera social. Dentro de uma nova perspectiva documental, a fotografia aparece como marca cultural de uma época, revelando aspectos da vida cotidiana que não conseguiriam ser melhor expresso por um relato oral de memória.

O Clube oferecia, nos finais de semana, brincadeiras dançantes, às vezes, ao som de instrumentos musicais. Era comum, os rapazes e as moças ir para o Clube dançar, flertar,

namorar e se divertir. Pela narrativa da senhora Maria do Carmo Henriques, observamos quais festividades eram realizadas, às vezes, possuíam nomes bem característicos, como baile das bolas, das rosas, das bonecas, nos quais as roupas teriam que seguir esses respectivas temas:

Ah, essas eu organizei muitas. Eu organizei muitas vezes. A festa das bolas, a festa das flores, a maior festa das flores que foi organizada em Remígio, a festa mais linda que já houve, foi eu e Eunizer, a mulher do prefeito da época, mas era uma mulher dinâmica, as maiores festas nós fizemos. Nós fizemos uma festa, arrecadamos tanto dinheiro que compramos 50 mesinhas brancas, com 4 cadeiras cada uma, colocamos na SAER. Mas minha filha, não deu 1 ano, carregaram todas essas mesas, onde você passava em Remígio, os bares estavam essas mesas. [...] Depois fizemos as festas das bonecas, foi muito bonito a festa. participava todo mundo, a sociedade participava. A gente dizia o seguinte: festa das rosas, as mulheres todas com vestidos estampados cor rosa, os homens vestiam uma camisa cor de rosa, ou vestia uma camisa com uma estampinha de rosa, algum toque do tema. E a festa das bolas, era toda enfeitada a SAER, toda enfeitada de bolas, mas a festa das bolas era a coisa mais linda do mundo. Era de 62, 63, a década de 60 e a festa das flores também, foi mais ou menos em 70. A festa das bonecas, a gente convocava as filhas das pessoas para participar, a mais bonita que arrecadasse mais dinheiro, mas tinha a finalidade daquele dinheiro. O dinheiro é para ser aplicado nisso. E isso era pregado lá pra todo mundo saber. E cada pessoa que ia o envelope era aberto na hora e tinha uma pessoa que adotava né, a boneca fulano de tal, arrecadação tanto, boneca fulano de tal, arrecadação tanto, no final total já na hora se dizia quanto arrecadava. E o prêmio, uma boneca bem grande, linda, linda, que tinha desse tamanho (faz o gesto com as mãos). Movimentava a cidade demais.<sup>99</sup>

As festas temáticas viviam em alta nesse período e diante do movimento que ocorria na cidade, o lazer propunha-se a partir de espaços que se faziam essências na vida cotidiana de alguns remigenses. As lembranças são presentes quando recorda das festas temáticas na narrativa do Sr. Antônio José da Silva “por exemplo quando se fazia uma festa dos anos 60, todo mundo ia a caráter daquela época. Eu ainda me lembro, era bem jovem, as meninas tudo com sainha de bolinha, aquele ritmo do iê iê, aquele negócio todinho.”<sup>100</sup> Eram momentos abertos as venturas e desventuras, para além dos universos de trabalhos que se colocavam cotidianamente.

Nesse sentido, ao tomarmos o espaço onde eram realizadas as festas, devemos imaginar os ritmos que embalavam a juventude nessa época, pois as festas, enquanto práticas culturais, possibilitam pensar como uma sociedade se constrói com seus códigos e normas de condutas, se inscrevem na memória coletiva e individual dos participantes, que surge através das narrativas de memórias. Os ritmos musicais variavam, como nos conta Leonardo Queiróz:

<sup>99</sup> Maria do Carmo Henriques Meira. Entrevista concedida a autora no dia 04 de janeiro de 2018.

<sup>100</sup> Antônio José da Silva. Entrevista concedida à autora no dia 18 de novembro de 2014.

Ah na minha época, era só mais música italiana, era. Era o sucesso italiana. Era Anísio Silva, era Silvinho, Nelson Gonçalves, era... é música estrangeira, era Ricandi, era tinha o Trio IraKitan, que era aqui do Rio Grande do Norte que era muito famoso, e até internacionalmente, é Trio Irakitan do Rio Grande do Norte. [...] Deixa eu te falar mais. As músicas, os cantores estrangeiros, que Bienvenido Granda é o cantor de música, se não me engano, parece que era musica paraguaia, ele cantava aquelas músicas, que o trio Irakitan também canta. Era a bossa Nova, que era com... agora deu branco também o nome do pessoal... Depois veio Samba bossa, e o pessoal também. Agora na SAER o que funcionava mais era a música romântica, aí vem a juventude, a jovem guarda do Roberto Carlos, aquele pessoal, aí a SAER fervia, a turma dançava a vontade, aí surgiu uma tal de uma “luz negra”, penumbra, uma luz na penumbra pronto, aí ali muitas moças, muitas, as mães não deixavam ir mais porque achava aquilo uma coisa imoral.<sup>101</sup>

O Clube também era muito utilizado para a realização de bailes beneficentes organizados pelas senhoras e senhoritas da “boa sociedade” remigense. Além dos “Assustados”<sup>102</sup>, realizados aos finais de semana, começava por volta das 18h00min/19h00min e terminava por volta das 22h00min/ 23h00min. Existia também várias datas do calendário, que eram motivos para a realização de festas como a de São João, de Sábado de Aleluia e Réveillon. Nesta área de atuação o sr. José Valdery recorda que:

A banda melhor que tocou aqui foram: Diplomata do Recife, Feras, Ogírio Cavalcante e tinha o famoso Assustado (...) Ele começava as 6 da noite e terminava as 11. Tinha o DJ som que era o Dijalma de D. Mira, né? E tinha o Damac som que era de Mano de Areia, que hoje é dono da picogel.<sup>103</sup>

O salão da S.A.E.R. contava com atrações regionais, eram as orquestras que mais animavam e atraía a atenção dos seus frequentadores. Orquestras como Ogírio Cavalcante da cidade de Campina Grande animou muitas noites de festas, pois este seletto grupo de músicos foi responsável por embalar grandes bailes realizados nas cidades vizinhas nas décadas de 60, 70 e 80.

Nos dias que se realizavam os famosos “Os assustados”, Remígio se vestia em festa e alegria. Nos dias de bailes, as moças preparavam penteados presos com laquê e usavam vestidos rodados com anáguas “para as festas era penteado, [...] agora tudo com laquê, botava laquê chega ficava bem alto, nem podia dormir direito porque se fosse dormir amassava os cabelos, pra ir pra festa.”<sup>104</sup> Já os rapazes capricham na brilhantina, nas roupas e nos sapatos.

<sup>101</sup> Leonardo Félix de Queiroz. Entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2017

<sup>102</sup> Os Assustados eram festas, geralmente realizados aos domingos, ao som das tradicionais radiolas *Hifi* rodando os discos de vinil, com hora certa para começar e terminar.

<sup>103</sup> José Valdery Pereira. Entrevista concedida à autora no dia 25 de janeiro de 2017.

<sup>104</sup> Rita de Cássia Cavalcanti. Entrevista concedida à autora no dia 20 de abril de 2017

Se tinha baile, tinha animação na cidade, tinha movimento de pessoas no comércio e principalmente nos salões de beleza. As mulheres sob o olhar da sociedade vigilante, participavam das festas acompanhadas de suas famílias, pois as moças de família não podiam habitar o salão junto de ‘mulheres da vida’ e deveriam estar com as suas roupas comportadas, vestidos e saias rodadas. Além de estarem bem arrumadas o que não podia faltar era as maquiagens e os penteados, como nos conta Rita de Cássia

Se maquiavam, se pintava, pintava rouge, era rouge nesse tempo, bem vermelho, bem ajeitado, os saltos pia minha fia (faz o gesto) tudo alto, era tudo salto alto. Aí começava as festas, era tudo subindo e entrando [...] Pra os bailes, ah minha filha, os vestidos era tudo godê, era corpo princesa, tinha uns que se chamava cintura fina todo cheio de elástico, era o bolero, os bolero. Tinha umas também que gostava de usar as costas nuas, tomara que caia.<sup>105</sup>

Analisando o movimento e a animação que a cidade recebia nos dias de bailes, a produção do cabelo, a maquiagem e a vestimenta de homens e mulheres remete-nos a paisagens visíveis, que se constroem a partir dos desfiles pelas ruas principais de Remígio até chegar ao clube. segundo o relato de Leonardo Félix, ao lembrar de como as pessoas se produziam para frequentar os bailes, nos conta que

Olha, os bailes da SAER, eu lembro que só entrava os garoto, aqueles rapazinho, paletó, gravata, quando tinha aquelas festas social mesmo, vinha gente de João Pessoa, de todo canto, conjunto de Campina Grande, o de João Pessoa pra tocar, eu lembro que teve uma festa que meu pai mandou fazer pra mim um uniforme e eu cheguei lá, como eu era muito moleque devia ter uns 10 anos por aí, não deixaram eu entrar. Aí meu pai foi lá conversou, aí deixaram eu entrar, mas que eu lembre só foi o único moleque que tinha paletó e gravata era eu (risos) visse. E aquelas festas eram uma coisa tão bonita, não sei se é porque eu era criança, mas era uma coisa tão bonita, as moças eram muito bonitas, muito bem vestida, os cabelos eram muito bonitos.<sup>106</sup>

Os sujeitos que transitavam pelas ruas da cidade despertavam interesses, desejos, sensações, principalmente dos jovens que ambicionavam um romance. A cidade seguia o ritmo de movimento nos dias que seriam realizados os bailes dançantes, o comércio auxiliava as pessoas, oferecendo produtos e serviços para aqueles que desejavam estar bem vestidos, Rita de Cássia nos informa que

Tinha umas turmas que ia comprar em Campina, mas tinha outra turma que comprava aqui, que tinha um Senhor chamado Chico Davi que ele tinha uma loja, trazia de João Pessoa, aí vinha, tinha muita novidade. D. Analice Alves também tinha uma loja, também lá em cima, onde é a dela hoje em dia, também vendia muita alfazema. Tinha a loja de Zé Thomaz, que o povo comprava lá também. Quando era época de festa, os

<sup>105</sup> Rita de Cássia Cavalcanti. Entrevista concedida à autora no dia 20 de abril de 2017

<sup>106</sup> Leonardo Félix de Queiroz. Entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2017.

homens era tudo indo comprar lá, os homens tudo com caixona de chapéu, que usava aqueles chapéus, tinha uns que usava aqueles chapéus com umas penas no chapéu, bem enfeitado, era tudo bem organizado. O povo se produzia mesmo. O povo tinha mesmo vontade de andar limpo, tudo ajeitado. Os rapazes era aqueles sapatos chamado bico fino, sapato preto, bem envernizadinho, era bem, tudo organizado. As moças com sandálias anabelas, aquelas sandálias, era bem, a turma era pra frente mesmo. Sabia se produzir.<sup>107</sup>

Diante dessa perspectiva de movimentação na cidade, nos dias de realização de festas, é possível imaginar o vai e vem das pessoas no espaço onde o lazer é desenvolvido, com relação à cidade como um todo. Deste modo, podemos pensar junto a Marcellino quando afirma “com relação às ruas, e mesmo que se considere as praças, quase sempre são concebidas como locais de acesso, de passagem, de locomoção. Transitá-las é uma aventura.” (MARCELLINO, 2012, p.33-34) Nessa prática de movimentação nas ruas da cidade Fábio Carneiro Leal recorda o ritual no dia da realização do Assustado:

Euforia da galera quando as ondas sonoras das cornetas da Prefeitura Municipal de Remígio e ‘do boca a boca’ confirmavam a realização do ASSUSTADO – baile – na SAER. A fofocada predominava em todas as conversas da semana: quem vai? O pai vai deixar a gatinha? O papo rola na escola, no cinema, nos botecos e na ‘pedra maldita’. Chega o tão esperado dia. Barbearia lotada... Sapataria consertando muitas peças ou dando aquele polimento... Manicure e pedicure enchidas... Cabeleireiras no maior sufoco para atender todas as donzelas. Só se via mulheres na rua com os cabelos cheios de bob ou friso, cobertos com lenços das mais variadas estampas ou gostos. Uma verdadeira passarela diurna... Conserta camisa furada, calça com ri-ri quebrado, até cueca samba-canção é engomada com o maior carinho pela empregada que cheirava as roupas do seu ‘príncipe’... O primeiro teste da indumentária tem que passar na missa. Todos observando todos: roupa, sapato, cabelo, cheiro... Ninguém liga para Deus e muito menos para a homilia do Padre José Fidélis... Caminhadas em circunferência pela Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio para paquerar, ver sua amado ou criticar a concorrência... O segundo teste é não receber críticas na descida e subida da rua principal ... Ai tudo bem. Encontro da galera nas lanchonetes, nos botecos para encarar os comentários e dissipar a timidez com meiotas de cachaça e tira-gosto de confeito com sabor de menta para a amada não experimentar a fragrância... Vamos ao baile. Bilheteria lotada, gente bonita e cheirosa... Muitos querendo entrar e estão sem um tostão no bolso. Qual a alternativa? Fazer vaquinha para um bonitão penetrar e sair com o bilhete... Luzes acessas, mesas decoradas, muita animação. Abraços e beijos para todos os lados. Olhares de comprometimento. Olhares de traição... Olhares de conspiração... Olhares desgostosos... Paquera rola solta. Lábias múltiplas de ambos os sexos. Chamar a garçonete, fazer carinho e solicitar um refrigerante. Tudo nos conformes. As luzes se apagam. Começa o frisson... Muito amassado. Beijos de todo tipo e veleidade... Garrafas de ron Montila brotando das calças de muitos desvelados... O globo de luzes propicia um glamour efervescente e contínuo. Todos esperando o primeiro casal a dançar na pista vermelhada e encerada. Turbilhão entope, ficando apertadinho, gostoso... Momento de paixão, sentimento e amor ao bailar escutando as músicas tocadas pelo conjunto. Contato corpóreo, borbulhas reurológicas de dendritos potenciando uma ação prazerosa... Quem não namora com permissão familiar e oficial, tem que ralar muito para sentir o gostinho do dançar e do abraçar a sua paixão... Na negativa das donzelas, é encher a cara, passar pelo sofrível convite às encalhados no caritó... Cabeça olhando o teto, dois passos prá cá e dois prá culá. Nem que tenha uma fogueira nos pés

<sup>107</sup> Rita de Cássia Cavalcanti. Entrevista concedida à autora no dia 20 de abril de 2017.

possibilita decolar o cidadão... O “assustado” ferve de prazeres, confirmações, descobertas e decepções. Em certo momento, o vocalista avisa: “Tocador quer beber”. Intervalo. Ao clarão das luzes, muitas caras deslavadas, felizes e choronas... Mesas ocupadas. No ensurdecido barulho, alguém escuta a conversa entre duas gatinhas: “tem uma pessoa dançando sem calcinha e está tocando fogo nas emoções, um rebuliço”... Essa informação voa com a velocidade da luz. O fuxico impera com o silêncio dos acordes do conjunto. Quem é? Está sozinha ou com namorado? O som recomeça e todos ficam desconfiados, sem saber de que maneira dançar. Àqueles que não estão nem aí, se aproveitam do espaço. No andar do plaustro, tudo volta à normalidade. O assustado termina. Gente para todos os lados, uns com direção e outros sem saber encontrar o caminho de casa... No caminho, a fofoca inicia para saber da mulher que dançava sem calcinha. Novo amanhecer... O meu Remígio em silêncio. Ressaca... Ressaca de cachaça. Ressaca de amor. Ressaca de solidão. Ressaca de descrédito. A vida volta ao normal.<sup>108</sup>

Na narrativa do Sr. Fábio Carneiro Leal, percebemos a presença dos sentidos humanos ao participar dos bailes, seja no olhar da paquera, no perfume dos cabelos, no degustar das bebidas, no som da música e no convite a dança. Com o passar dos anos, mais estudantes que iam concluindo seus estudos, destinavam-se a outras cidades para trabalhar ou entrar em um curso superior, mas no período de férias retornavam à cidade de Remígio para ficar com as famílias, pois nesse momento “ as famílias se reúnem para celebrar os ritmos do tempo, confrontar a experiência das gerações, acolher os nascimentos, solenizar as alianças, superar as provas, todo aquele longo trabalho de alegria e de luto que só se cumpre “em casa.” (CERTEAU, GIARD, 2013, p. 206)

O momento era de curtir as atividades festivas que a S.A.E.R. oferecia, contribuindo com momentos de descontração e animação. De acordo com nossa colaboradora, os “Assustados” movimentavam a cidade e atraía os estudantes que estavam de férias:

Era mais no período de férias, quando todos os alunos que estudavam em João Pessoa, ou em outro lugar qualquer, mas geralmente em João Pessoa, mas tinha de Recife também. Então todos vinham para Remígio, quando era época de férias, não ficava um estudante fora de Remígio não. Foi de Remígio, tava em Remígio. Aí organizávamos o ASSUSTADO lá na SAER. A radiola tocando, que radiola ótima, era uma radiola parece que se colocava cinco discos, aí tocava o primeiro, aí depois de tocar caía aquele, o segundo já entrava. Era uma maravilha, não sei que fim deram, acabaram com isso tudo. Aí com esses discos era uma festa, eu não ia porque minha mãe não deixava, só tive de ir uma vez, minha mãe não deixava. Mas era muito animado. Mas quando dava dez horas, dez e meia encerava tudo. Começava cedo. Começava sete e meia até dez e meia no máximo, não tinha essa história de dia amanhecer, meia noite gente namorando lá na SAER não. Lá não. Você não via atrevimentos, você não via pilheiras, você não via palavrão, era um ambiente tão bom e você tinha vontade de que permanece ali, tão bom que era. Era muito bom e todo

<sup>108</sup> LEAL, Fábio Carneiro. Blog Meu Remígio. Acesso em 22 de Dezembro de 2017. Disponível em: <http://meuremigio.blogspot.com.br/search?q=saer>



mundo batendo palma, gostava muito de cantar o iê iê iê, que naquele tempo era muito iê iê iê, e muitas meninas faziam aquelas roupinhas dos anos 60 e vestiam.<sup>109</sup>

Em se tratando dos ritmos musicais, na intenção de atender o gosto musical do público frequentador do lugar, eram tocadas as principais melodias da época, aquelas que estavam nas “paradas do sucesso” do momento. Das canções que tocavam nos anos 60 e 70, o que se destacava na época, para ouvir e dançar, era o bolero, com seus acordes românticos, o rock, o forró, músicas internacionais, a Jovem Guarda com Celly Campello, Roberto Carlos e também os grupos Golden Boys, Renato e Seus Blue Caps, Os Incríveis, Os Vips, The Fevers, entre outros, que fizeram muito sucesso. O iê iê iê<sup>110</sup> também foi sucesso nos anos 60, pois esse termo foi usado como denominação do rock brasileiro. Nas festas, as pessoas puderam experimentar múltiplas sensações, fazendo com que hoje sejam produzidas memórias

Olhe era toda qualidade do iê iê iê, de Celly Campello, aquelas músicas bem românticas, que esses cantores bem antigos, de Orlando Silva, de Anísio Silva, tocava muito isso, tanto tocava na amplificadora de Zé Leal, como tocava no da SAER, era lindo. A noite é que era linda. [...] Nós compramos uma amplificadora e colocamos ali na esquina e a noite nós colocávamos as músicas da época e todo mundo, todos os estudantes passeando, um mandando música para o outro, era uma coisa linda, maravilhosa. A noite ficava movimentada. Era muito bom, foi o melhor tempo que eu passei, foi aqui.<sup>111</sup>

A amplificadora, considerando o ambiente da cidade de Remígio, impactava o cotidiano das pessoas, pois mesmo aquelas pessoas que não participavam dos bailes e das festas dentro do salão, podiam se divertir no espaço da rua, passeando e ouvindo as canções, fossem elas humildes ou abastadas. O objetivo era que a amplificadora serviria para o recreio e diversão de qualquer morador da cidade ou que estivesse apenas a passeio. As pessoas podiam declamar poesias ou oferecer músicas para os amores.

É possível imaginar a diversão das pessoas ao som da jovem guarda, o ritmo brasileiro que contagiou as pessoas durante as décadas de 1960 e 1970, despertando o sentido da audição a partir do ritmo do iê iê iê, do bolero, entre outros, que invadiam o espaço e contagiava os movimentos do corpo. Através da sonoridade e da letra das músicas, a dança se fazia presente e a diversão tomava conta das pessoas. Podemos tomar como exemplo a música “Lacinhos cor de rosa” de Celly Campello, de 1959.

<sup>109</sup> Maria do Carmo Henriques Meira. Entrevista concedida à autora no dia 04 de janeiro de 2018.

<sup>110</sup> Esse termo “iê-iê-iê” surgiu de músicas como She Loves You, dos Beatles, onde repetiam “yeah-yeah-yeah”.

<sup>111</sup> Maria do Carmo Henriques Meira. Entrevista concedida a autora em 04 de janeiro de 2018.

Tenho um amor puro e verdadeiro,  
 É playboy é bom companheiro,  
 Brotinho enxuto um amor  
 Mas não me liga que horror

Um sapatinho eu vou  
 Um laço cor de rosa enfeitar  
 E perto dele eu vou  
 Andar devagarinho e o broto conquistar

Ele usa lambreta e é tão veloz  
 Se passa na corrida eu perco a voz  
 E fico desejando, Oh! meu Deus!  
 Que ele caia bem nos braços meus

Um sapatinho eu vou  
 Um laço cor de rosa enfeitar  
 E perto dele eu vou  
 Andar devagarinho e o broto conquistar

Quando ele dança rock é uma sensação  
 Faz rápido dançar o meu coração  
 Seu beijo deve ter a delícia do amor  
 E ele não me beija que horror

Um sapatinho eu vou  
 Um laço cor de rosa enfeitar  
 E perto dele eu vou  
 Andar devagarinho e o broto conquistar [...]<sup>112</sup>

A década de 1960 destacava-se pelo auge da Jovem Guarda, principalmente com as músicas de Roberto Carlos, que embalavam as noites sociais, tocando na vitrola que ficava no salão. A senhora Rita de Cássia nos conta uma história que ocorreu em uma das noites sociais, ao tocar a música de autoria do cantor Roberto Carlos “Quero que vá tudo para o inferno”, assim relata:

Uma vez teve a festa lá, aí o povo disseram assim, que caiu o telhado, parece que era de telha brasilit, aí caiu o telhado, ai disseram  
 - “eita foi porque o povo”, o povo de mais idade “foi porque teve aquele baile que cantou aquela música de Roberto Carlos que tudo mais vá pro inferno, olha aí o castigo.”  
 O povo dizia até isso mulher.<sup>113</sup>

As histórias marcam o cotidiano de quem vivenciou esse período de atuação da S.A.E.R. especialmente a vida dos jovens, pois a juventude viveu um período agitado, com

---

<sup>112</sup> Letra de música “Lacinhos cor de rosa” da cantora Celly Campello de 1959. Disponível em: <http://musicas-antigas-nacionais.blogspot.com.br/2010/01/celly-campello-lacinhos-cor-de-rosa.html>. Acesso em 09 de janeiro de 2018.

<sup>113</sup> Rita de Cássia Cavalcanti. Entrevista concedida à autora no dia 20 de abril de 2017.

mudanças sociais e políticas nos anos 60. Dançar no clube, ao lado de amigos e familiares, era uma prática produzida pelas pessoas que se encantavam pelo espaço destinado a diversão, pela sonoridade, pelo ritmo e por todas as relações que eram estabelecidas a partir do contato com outras pessoas que compartilhavam o mesmo espaço. Os sons presentes nesse espaço constroem paisagens de memórias. Sons que se desprendem da radiola e invade o salão, marcando uma temporalidade, ao qual atuaram na constituição do sujeito e da sociedade.

Além de dar aulas de datilografia na S.A.E.R. a senhora Rita de Cássia também participava das diversas atividades festivas que eram realizadas nessa Sociedade. As suas recordações, vem acompanhadas de saudosismo dos bons momentos vividos, de forma feliz, nesse espaço. Assim ela nos conta quando é indagada sobre o movimento nos dias dos bailes

As festas eram animadas, nesse tempo eu era solteira. Aproveitei muito, tinha namorado, vinha turma de Esperança, a gente namorava com a turma de Esperança, rapazes de Esperança. Quando der fê, parava os carros, saía da S.A.E.R. olhando “será que ele veio?”, “será que ele veio?” tudo olhando. Era animado viu? Vinha gente de fora, não era só com gente de Remígio não. A turma da escola de Agronomia, vinha, que estudava em Areia, aí vinha praqui, pra festa daqui, que eles eram professores também, ensinavam aqui em Remígio, ensinava no Irineu Joffily, aí ficava tudo conhecido.<sup>114</sup>

Percebemos na fala da nossa colaboradora, como as relações de namoro eram estabelecidas ao utilizar o espaço da S.A.E.R. As pessoas que moravam em outra cidade, iam fazer parte das sociabilidades que eram estabelecidas pelos frequentadores, contribuindo no desenvolvimento cultural da cidade.

Mesmo diante da inexistência material de como era o interior da S.A.E.R e ainda que tenha transcorrido longos anos de sua demolição, as pessoas conseguem descrever suas formas minuciosamente e concebem enquanto objeto de memória materializado. O espaço na memória da Sra. Maria do Carmo Henriques “era um espaço grande, para a época comportava muita gente” e atendia aos estudantes também se tornando um espaço de lazer e para a época o espaço físico acomodava bem os seus frequentadores. As modificações a respeito das características deste espaço de lazer, são também revisitadas por outras depoentes em suas memórias:

Tinha a sala da biblioteca, tinha um bocado de sala, tinha banheiro, tinha banheiro dos homens e das mulheres, tinha o dance, que era bem grande, bem redondo, era o dance, tinha balcão, que o povo botava fogão, quando tinha festa, pra preparar as festas lá,

---

<sup>114</sup> Rita de Cássia Cavalcanti. Entrevista concedida à autora no dia 20 de abril de 2017.

era bem animado. Tinha jogos [...] tinha os empregados, os funcionários, parece que uma turma de tarde, outra turma de manhã, sei que tinha esses funcionários.<sup>115</sup>

A organização e o tamanho do espaço, os objetos, o formato do dance, entre outras características da S.A.E.R. vão surgindo na memória, possibilitando que o ato de lembrar e contar o rejuvenesça. Além de descrever o lugar, a memória também resgata a existência das pessoas que estavam no clube, não como sócio ou frequentador, e sim como funcionários, que cuidavam do local. O porteiro é mencionado por Rita de Cássia, ao lembrar que as festas iam até tarde da noite e que tinha o Sr. Antônio o responsável por cuidar do Clube, assim recorda:

Tinha festa que ia até tarde. Quando tava boa mesmo, ia até tarde. Me lembro que tinha um senhor, que ele era bem baixinho, que ele era quem fechava a S.A.E.R., era Seu Antônio. Ele morava lá no beco do jacaré, aí ele fechava a S.A.E.R., quando terminava tudo, limpar e ajeitar as coisas. Aí pronto as festas era tudo desse jeito, tudo muito organizado. [...] Era bem organizado pra festas. Outra vez tinha o banheiro dos homens e tinha o das mulheres, aí teve uma festa que houve uma briga, que eu me lembro que teve aquela confusão, correu as mulheres tudinho pra dentro desse banheiro, aí ficava tudo abaixada, aí eu sei que eu foi quem aguentei o peso, fiquei em baixo e as outras tudo em cima de mim (risos). Eu fiquei toda doída, porque ficou todo mundo ali, a bala que atiraram na lâmpada lá. Aí eu não me lembro quem foi que atirou, sei que teve esse negócio, mas era muito animado as festas que tinha no Clube SAER, tinha orquestra de fora, era muito animado mesmo.<sup>116</sup>

Mesmo a SAER movimentando a cidade em dias de festas, não era todas as pessoas que podiam participar desse momento de diversão. Havia também os personagens destoantes desse período que eram proibidos de frequentar o espaço, como é o caso de Maria do Carmo Nicolau, mais conhecida como Querida, que a partir do seu relato percebemos a exclusão que esta vivia por ser mulher solteira, que frequentava bares e prostíbulos:

A vez que eu fui entrar lá, aí o guarda disse que eu não entrava. Porque ele disse que não entrava não, porque eu não podia entrar, porque eu não era moça, não era casada [...] aí ele disse que eu não entrava. Ainda eu perturbei ele, disse que tava olhando. Aí eu disse “não vou entrar não” e não entrei não. Ou eu matava ele, ou ele me matava. Eu nunca andava só, eu só andava prevenida, eu ando prevenida (arma branca).<sup>117</sup>

A mulher, considerada “à toa” era rejeitada pela sociedade cotidianamente, tendo em vista, que o espaço do clube social possuía suas regras e obedecia aos valores sociais que limitavam os comportamentos dos sujeitos. Por ter um público frequente por famílias, a mulher da prostituição infringia os códigos de valores e era colocada a margem da sociedade, pois não

<sup>115</sup> Rita de Cássia Cavalcanti. Entrevista concedida à autora no dia 20 de abril de 2017.

<sup>116</sup> Rita de Cássia Cavalcanti. Entrevista concedida à autora no dia 20 de abril de 2017.

<sup>117</sup> Maria do Carmo Nicolau. Entrevista concedida a autora no dia 09 de fevereiro de 2017

ocupava o lugar de moça, mãe, esposa e senhora de casa. A separação entre as mulheres de família e as mulheres “da vida” existiam, demarcando social e culturalmente os lugares atribuídos a cada uma na sociedade.

Se tinha bailes, festas, exposições, também tinha o espaço destinado as atividades de jogos interativos. Dentro do clube contavam com a mesa de pingue pongue, jogos de dominó, xadrez e dama, entre outros. Ao lembrar dos jogos, Maria do Carmo Henriques recorda que “tinha a mesa de pingue pongue: ah eu era craque no pingue pongue. Eu era craque. Deram fim, acabaram tudo. Tinha handebol, tinha rede enorme.” Além dos jogos interativos dentro do espaço físico, existia também o campo de futebol dos meninos, onde os mesmos realizavam campeonatos de futebol e “o jogo de futebol da SAER era sucesso absoluto, era gente. Hoje em dia eu não sei dizer onde era aquele campo de futebol”. Os jogos geravam o reconhecimento do fascínio que as atividades esportivas exerciam sobre a população, independentemente de classes sociais.

Para além das noites sociais, o clube S.A.E.R. precisava desenvolver outras atividades visando o entretenimento dos jovens, valorizando espaços do interior do próprio clube para a prática do lazer seja por jogos de entretenimento ou de atividades esportivas. Assim os sócios e os estudantes passaram a contar com uma quadra poliesportiva, onde realizavam-se jogos de voleibol, handebol, entre outras. Estas eram realizadas em uma extensão do clube, da qual os estudantes utilizavam para praticar atividades físicas e realizar competições de jogos.

### **3.2.1. A RÁDIO GUARANY**

Outras atividades culturais eram realizadas no interior da S.A.E.R., a exemplo da rádio Guarany, que foi instalada em um quarto que funcionava nos fundos da S.A.E.R., funcionando como uma rádio comunitária e pirata. Surgiu na metade da década de 1960 e tinha como locutores José Gonçalves, José Adailton Freire, Antônio José da Silva (Zé Ué) Gilberto Carneiro, Toinho Pastila, Juraci Félix Cavalcanti, entre outros. Um dos locutores e colaborador nesta pesquisa Antônio José da Silva, nos conta como funcionava a rádio:

Era uma rádio, uma radiozinha AM. Ela funcionava na S.A.E.R., ela foi montada pelo um cidadão que morou aqui, que não era daqui, mais residiu aqui durante muito tempo, chamava Antônio Basílio, e essa rádio foi uma sensação do momento, nenhuma cidade por aqui tinha rádio. Então a cidade da gente, por ser pequena, tinha

essa rádio chamada, era rádio Guarani. Ela funcionava de manhã as dez da noite, ela ficava no ar. Até que a polícia federal descobriu e fechou porque ela era clandestina, era não tinha licença.<sup>118</sup>

Essa rádio animou durante alguns poucos anos, realizando diversos tipos de programas, e em especial, o “Gurilândia Show”, que oferecia divertimentos nas tardes de domingo e foi o programa que mais as pessoas recordaram, pois eles rememoram momentos de divertimento e alegria.

O auditório improvisado funcionava no “dancing” da SAER. O salão tornava-se pequeno para conter o público nos domingos à tarde. Era enorme a fila dos candidatos querendo cantar, dançar ou declamar. Muitos prêmios eram oferecidos pela gelada de Pedrão e pelo café Joanca. [...] Era o auge da jovem-guarda e por isso não faltava a imitação ou dublagem dos ídolos no show de calouros. Além dos cantores e dançarinos, havia muitas outras atrações: disputa de refrigerante tomado na mamadeira, corrida do ovo, disputa do chiclete amarrado numa linha e muitas outras novidades. (MELO, 2009, p.53)

Nossos colaboradores recordam a animação que a Gurilândia Show causava nas tardes de domingo, animando as pessoas que ali estavam presentes, principalmente as crianças. A vibração e a euforia tomavam de conta dos que participavam desse momento e a senhora Rita de Cássia recorda dos dias de domingo, assim nos conta:

No domingo tinha o programa Gurilândia, e a turma de criança ia pra lá [...] é pra cantar, pra ver quem cantava melhor pra ganhar um presente, a turma saía no comércio pedindo presentes para as crianças, quem cantasse melhor, quem participasse melhor ganhava aquele presente.<sup>119</sup>

Outros programas de rádio também existiram na rádio Guarany e contribuía para o público ficar bem informado e animado com as canções que tocavam nos programas. O programa do “Juventude é brasa”, tinha como responsável e locutor o Sr. Leonardo Queiróz, que segundo nos informa:

Esse programa ele funcionava da seguinte maneira: as meninas mandavam cartas, solicitando as músicas, e a gente passava, tocava a música pra elas [...] o meu era “Juventude é brasa”, o de Adailton era “Jovem Guarda”, o de... Aí tinha “Nelson, sempre Nelson” que era Sadi que apresentava, tinha “polícia ou Conjunto” que era Eudacler com Antônio Basílio, que era o dono da rádio os dois. Tinha o Cláudio Texeira ele fazia parece que era músicas variadas. [...] Veja como Remígio sempre foi uma cidade bem, é muito bem informada, tinha uma rádio, quem fazia parte dessa

<sup>118</sup> Antônio José da Silva. Entrevista concedida à autora no dia 18 de novembro de 2014.

<sup>119</sup> Rita de Cássia Cavalcanti. Entrevista concedida à autora no dia 20 de abril de 2017.

rádio chamava-se Zezinho Bardelão, Oscar Viana e tinham mais outras pessoas, mas já passou <sup>120</sup>

É importante percebermos a importância que o rádio assume no meio social, principalmente no século passado, onde as informações eram passadas por poucos meios de comunicação que existiam. Para a cidade de Remígio, ter uma rádio local era uma novidade, pois a rádio pode ser considerada um meio que seduz e cativa os seus ouvintes. Porém, a transmissão da informação pelo rádio sempre encontrou barreiras dos mais diversos tipos, e no caso da rádio Guarany, esta enfrentou a barreira da ditadura militar, pois como informa o sr. Leonardo os donos “infelizmente eles não quiseram pagar os direitos autorais que, era uma porcaria de um valor, é insignificante, o exército mandou fechar.” No contexto da ditadura em que foi instaurada, a rádio representava um perigo.

### **3.3. “ATÉ ELA SE ACABAR EU FREQUENTEI MUITO”: O DECLÍNIO DA S.A.E.R.**

Consideramos que essa instituição teve um importante destaque na vida sociocultural e educativa da cidade, permitindo conhecer como era a vida dentro e fora do Clube. O lazer se torna prática comum de muitos daqueles que vivem em uma rotina de trabalho, de um dia a dia exaustivo de obrigações, assim as práticas de lazer se tornaram frequente. O nosso trabalho com memórias expressa as transformações que foram provocadas pela presença da S.A.E.R. por essa razão, “não se trata de tentar alcançar uma lembrança exata de um passado como se fosse uma substância imutável, mas de estar atento às ressonâncias que se produzem entre passado e presente, entre presente e passado.” (GAGNEBIN, 2009, p.66) os relatos orais de memória possuem suas singularidades e transmitem suas experiências de vida.

Nos anos de 1980 começou o declínio do Clube S.A.E.R. As festividades passaram a ser abertas ao público em geral, o quadro de sócios foi ficando cada vez mais reduzido, falta de verbas, desobediência ao estatuto, entre outros problemas. “Para reorganizá-la, ela tem que ter um quadro de sócios, uma diretoria e seguir o estatuto, pois para que ela possa receber verba, tem que estar legalizada.”<sup>121</sup> A soma desses fatores resultou com a destruição física, do único espaço que dispunha a sociedade para festas, esportes e divertimento. José Valdery Pereira recorda quais os motivos que levaram ao fim do clube:

<sup>120</sup> Leonardo Félix de Queiroz. Entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2017.

<sup>121</sup> Celso Carneiro Leal. Jornal Despertar. Setembro, 1987.

Quando o clube ficou pequeno pra comportar a população, e o tamanho das festas, então o que aconteceu, ele foi ficando obsoleto, o pessoal do poder aquisitivo ia pras festas no Caobe em Esperança, do Bananeiras Clube, no Clube Moroense em Solanêa. E chegou ao ponto, que com o advento da música eletrônica, a acústica dele, você não aguentava mais ficar dentro, que ele era fechado como uma caixa, não tinha condições, você não aguentava, como a gente ficar dentro. [...] e ele foi caindo, caindo, caindo a nível de frequência, a nível de contribuição dos sócios, a diretoria não se interessou mais, não tiveram mais dinheiro pra manter a estrutura do clube, a nível de reparo, de reparação do banheiro. Então o que foi que aconteceu? O clube foi abandonado.<sup>122</sup>

Durante muitos e muitos anos, a S.A.E.R. contribuiu para o desenvolvimento da cidade de Remígio, seja no âmbito cultural, social ou econômico. Por falta de organização, e de um quadro de sócios eficiente, o abandono do prédio foi ficando evidente na sociedade. A fotografia abaixo, mostra o prédio ainda em condições seguras de uso por parte de seus frequentadores.

#### IMAGEM 15: PRÉDIO DA S.A.E.R. NA DÉCADA DE 1970



Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível: <https://www.facebook.com/museu.remigio>. Acesso em 12 de janeiro de 2018

Encontramos, através dos depoimentos de algumas pessoas que passaram pela SAER, alguns dados importantes de algumas pessoas que acompanharam a criação da S.A.E.R., no jornal *Despertar*. Suas lembranças abordam questões direcionadas a como funcionava a sociedade e a situação que ela passou a ocupar, ao longo dos anos. O Sr. João Antônio

<sup>122</sup> José Valdery Pereira. Entrevista concedida à autora no dia 25 de janeiro de 2017.



Cavalcante, ex-presidente da S.A.E.R entre os anos de 1969 e 1970, expõe sobre a criação e o objetivo da sociedade em ajudar os estudantes

O fundador da SAER foi Luiz Bronzeado. Ela tinha como objetivo ajudar ao estudante, já que em 58 não havia colégio, só a primeira fase do primeiro grau. Um dos passos para resolver esse problema foi a aquisição de um veículo que durou até finais da década de 70. O primeiro presidente foi Eptácio Bronzeado. Havia uma diretoria composta por presidente, secretário, tesoureiro e seus respectivos vices. Os atos dessa diretoria eram submetidos ao Conselho Deliberativo, composto pelo Padre, Prefeito, Diretora do Gr. Escolar Dr. Cunha Lima, Promotor, Delegado, presidente da Câmara de Vereadores e Diretora da Escola Doméstica. O estudante não fazia parte da organização, apenas recebia o benefício como também não zelava pela SAER. A SAER não era clube. Ela servia de sede para a associação e nela eram feitas promoções especiais, jantares, coquetéis, comemorações importantes e algumas festas sociais bem organizadas, tendo como objetivo manter a sociedade.<sup>123</sup>

A junção das diversas experiências dos presidentes que passaram pela S.A.E.R., nos mostra que para compreender o que ocorria nesse espaço, é preciso adentrar nas subjetividades que compõem as diversas apropriações feitas, seja pelo padre, pelo prefeito, pelas autoridades judiciais, pelos sócios e por todos os estudantes. A referência ao passado mediante uso dos relatos orais, nos permite verificar que existe uma multiplicidade de memórias, ora consonantes ou dissonantes, ora completares ou imbricadas.

Enveredados pelos registros dos relatos orais de memória, no jornal *Despertar*, conseguimos extrair informações valiosas e relevantes para o estudo da S.A.E.R., a qual se dá a partir das subjetividades, das maneiras de fazer, de representar a cidade e dos sentimentos de pertença revelado pelos sujeitos em suas narrativas. O último sócio presidente da S.A.E.R. desse período que estudamos foi Eudacler Leal de Souza, entre os anos de 1979 e 1981. No *Jornal Despertar*, destacou como foi o período de sua presidência, apontando o que foi realizado enquanto estava à frente dessa sociedade.

Fui presidente de 79-81. Nesse tempo veio uma verba federal de 50 mil cruzados. Esta chegou através do MEC para a prefeitura que entregou-a a SAER. Com ela fiz a quadra, o palco e remodelei o dance. Aproveitei o micro-ônibus e coloquei-o na linha Lagoa do Mato/Remígio. Quando a verba acabou a sociedade não tinha condição de se manter. Então chamei dois rapazes para fazerem assustados em prol da própria SAER. Como os resultados financeiros eram poucos, não tínhamos condições de realizar os objetivos da SAER e, logo, eles ficaram esquecidos. No final da minha gestão, ninguém interessava-se por ela, mas eu tinha que entrega-la. Então, entreguei-a à Prefeitura na administração de seu Celso Carneiro, já que segundo o estatuto, ela poderia ser entregue a qualquer órgão, caso não tivesse condição de se manter. Ela hoje não pertence, pois, na administração de seu Paizinho houve uma eleição e, ela voltou, voltou a ser sociedade filantrópica.<sup>124</sup>

<sup>123</sup> *Jornal Despertar*, agosto de 1987.

<sup>124</sup> Depoimento de Eudacler Leal de Souza ao *Jornal Despertar*, agosto de 1987. Remígio-PB

Os problemas da SAER surgiam com o passar dos anos e na tentativa de manter em funcionamento o clube, formavam-se chapas, geralmente compostas por professores, estudantes e membros da comunidade, com a intenção de promover reformas físicas e manter as atividades festivas. Segundo nossa colaboradora Maria do Carmo Henriques, o fundador Luiz Bronzeado, quis alguns anos depois retomar a direção para reerguer a sociedade, assim nos conta:

Inclusive depois foi estudado uma forma de se tirar essa palavra amparo. Luiz Bronzeado trabalhou muito para ver se mudava isso, mas aí ele adoeceu. Quando Luiz Bronzeado morreu, eu e ele nós estávamos preparando um trabalho sobre a SAER, até ele se comprometeu de vim aqui pra Remígio pra gente ir lá pro cartório, para gente resolver tudo isso. Aí foi o tempo que ele adoeceu de câncer e morreu muito rápido, então não fizemos nada. Mas eu acredito que o trabalho maior prestado foi só aquele estudante que pertencia a SAER [...]. Eram só aqueles que pertenciam a SAER, que os pais eram sócios. Se faziam muitas reuniões, as reuniões eram muito frequentadas pelos sócios, pelos alunos, pela diretoria, era uma coisa muito bem organizada. Era muito bom, foi uma pena deixarem a SAER ficar daquele jeito.

O objetivo principal da S.A.E.R. em amparar os estudantes mais necessitados, não foi efetivado como pretendiam. O que foi sendo realizado, era os filhos dos sócios que recebiam os benefícios, por causa do compromisso que seus pais tinham de pagar certa quantia a esta sociedade. Ademais, o Clube S.A.E.R., realizava diversas atividades culturais e também bailes e demais festividades que viessem a ocorrer na cidade. Eles são lembrados por nossos colaboradores e estão presentes em algumas narrativas. Possivelmente, eram considerados importantes para a elite local, haja vista, que no local estabeleciam as relações sociais, compartilhando diálogos, experiências, relações e vivências com o meio social em que viviam.

Nossos colaboradores cobertos de recordações e saudosismos nos faz entender que à arte de fiar memórias e tecer narrativas faz com que essas histórias não se percam, histórias de vida, da educação, do lazer, da frequência ao clube, do viver cotidiano. Por desorganização social foi se transformando até atingir um nível de abandono e destruição física, como é mostrado a imagem abaixo:

**IMAGEM 16: PRÉDIO DA S.A.E.R. DESTRUÍDO E ABANDONADO EM 2017**

Fonte: acervo do Museu Virtual de Remígio. Disponível: <https://www.facebook.com/museu.remigio>. Acesso em 06 de janeiro de 2018.

A fotografia apresentada nos situa de como se encontra o prédio na atualidade e nos permite visualizar o espaço da S.A.E.R. enquanto um “lugar de memória”. Um lugar que insiste em não cair no esquecimento e que se mantém nas lembranças daqueles que vivenciaram e experimentaram aquele espaço educacional e festivo. Nesse sentido, consideramos que aqui foi instituído um “lugar de memória”, conforme a acepção de Pierre Nora, que se solidificou nas lembranças de um determinado grupo social desta cidade. E isso ocorre porque a memória “se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 09). Os relatos dos nossos colaboradores neste trabalho, nos mostra que o prédio foi destruído, mas as histórias não.

As festas e os bailes ganharam uma relevante dimensão simbólica enquanto marco representativo de uma época na sociedade, a qual, foi marcada pelas diversas formas de sociabilidades desenvolvidas. Diversas relações foram prósperas em um espaço representativo de práticas na cidade, onde os sujeitos que atuaram nesse período, foram responsáveis pela expansão e valorização da cultura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo fizemos uma viagem no tempo e visitamos um período da história da cidade de Remígio que não mais existe, enquanto experiência vivida. A presença de clubes sociais e sua relação com a cidade e as pessoas que ali passaram, nos fez buscar refletir a respeito das configurações do espaço urbano, do cotidiano e das suas práticas. As transformações dos espaços e a inserção de clubes acabaram por trazer uma nova configuração para a cidade.

Foi um longo caminho que percorri nesta pesquisa, ao qual contribuiu não só como pesquisadora, mas como pessoa que tem sentimentos, enfrenta desafios, vence obstáculos e permanece firme e forte nesta longa caminhada que é a vida. Ao entrar no Programa de Pós-Graduação em História, junto comigo estava a história da cidade de Remígio, onde novos formatos históricos foram surgindo e sendo adaptados. Envolver-se pelas ruas da cidade e adentrar ao espaço dos clubes analisando as práticas culturais que eram desenvolvidas nesse lugar, não foi algo fácil. Logo, este trabalho teve seu papel significativo por possibilitar a transmissão de conhecimento do passado de Remígio através desta escrita.

Os clubes tiveram mesmo uma função social durante mais de trinta anos no que diz respeito à construção de uma cidade delineada a partir dos anseios da elite local, especificamente os políticos. Quando eles existiram e só existiram esses dois clubes, tem uma função social muito grande de agregar, mesmo para o posto das elites locais, mesmo condicionado, mesmo limitado a presença, a dificuldade de pagar ingresso. Tem um caráter agregador, é um clube da cidade. Assim, através dessas instituições difundiam-se novas práticas sociais que foram refletidas no espaço urbano.

Tornou-se viável estudar a chegada do Clube 13 de maio e da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.) em períodos diferentes em Remígio, através de nossas fontes impressas e através da diversidade de histórias propiciados pelos relatos orais de memória das pessoas que estiveram presente e experimentaram as transformações na vida e no cotidiano das pessoas. Cada clube carrega seus significados e suas particularidades. Entre os anos de 1948 a 1980, deparamo-nos com espaços que foram sendo construídos e aos poucos sendo transformados pelo significativo processo de urbanização.

Verificamos como era o cotidiano dos remigenses em um período que antecede a chegada do primeiro clube social, destacando as características da vila de Remígio, com a implantação de serviços e equipamentos urbanos necessários a atender as demandas da população local, a exemplo dos Correios, da iluminação elétrica, das ruas calçadas, do Sub-Posto de Higiene e cinema. Na sequência analisamos a chegada dos clubes e o processo de transformações que causaram no lugar e na vida das pessoas, estabelecendo relações de sociabilidades.

As escolhas teóricas e metodológicas que nortearam na trajetória dessa escrita foram de fundamental importância, pois as contribuições pertinentes quanto as teorias, conceitos, análises metodológicas e experiência de escrita, tiveram relevância nessa pesquisa. Nesse sentido, podemos considerar que esse trabalho traz contribuições ao campo da História, por propor reflexões acerca da constituição do espaço no tempo, através das experiências dos sujeitos.

O reconhecimento da metodologia da história oral como uma aliada da história das vivências urbanas, pois através dos relatos e das lembranças, foram aqui transformadas em fontes, assumindo um lugar de destaque. Uma cidade representada pelas memórias dos cidadãos, onde os diversos olhares que definiram essa época, os quais permitem vislumbrar aspectos de uma temporalidade transcorrida. O espaço da S.A.E.R., ao qual mais enfatizamos, foi apresentado pelas memórias dos que vivenciaram a presença desse espaço na cidade, como é o caso de Rita de Cássia Cavalcanti, que na juventude participou dos bailes e das festas e posteriormente ministrou aulas de datilografia. Também a contribuição dos ex-estudantes Maria do Carmo Henriques Meira e José Valdery Pereira; da nossa colaboradora Maria do Carmo Nicolau que mesmo sendo considerada uma personagem destoante, desejava participar das atividades exercidas pelo clube. Não citarei todos os nossos colaboradores, mas temos a certeza de que foram de fundamental importância para a construção desse trabalho.

Nas festas, nos bailes, nos jogos, nas brincadeiras, na rádio, nas exposições, as pessoas puderam experimentar múltiplas sensações, produzindo com que hoje sejam criadas memórias, tristes ou alegres. Dessa forma, alguns sujeitos lembram-se do passado com emoção e nostalgia, ao qual consideramos que essas atividades culturais ganharam uma relevante dimensão simbólica enquanto marco representativo de uma época e de uma dada sociedade, que foi marcada pelas diversas formas de sociabilidades desenvolvidas.

Dessa forma acredito que essa escrita contribuirá em nível de historiografia local e por extensão colaborar para o enriquecimento da historiografia paraibana e regional sobre cultura e cidade. Esperamos que este estudo sirva de inspiração para outros(as) pesquisadores(as) no tocante a cidades e sobre as vivências em locais destinado ao lazer, a diversão, a educação.

Portanto, tomamos estes espaços de sociabilidades, que aconteciam em Remígio, como uma das formas peculiares de apropriação da urbanização que se fazia presente. A partir deles, revisitamos sentidos e desejos que inserem o lazer nos processos que delimitam espaços na cidade, bem como, produzem sociabilidades diversas, ensejam usos variados e promovem comportamentos e identificações culturais específicas. Tudo isso foi possível mediante a avaliação dos relatos orais de memória, indispensáveis nesta pesquisa para captarmos os diferentes usos do espaço citadino estudado.

## **FONTES**

### **1º FONTE MANUSCRITA**

- Estatuto do Clube 13 de Maio em 18 de abril de 1949.
- Ata de Fundação e Estatuto da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.) em 10 de novembro de 1958.
- Câmara dos Deputados. Projeto Nº 433 de 1959. Autoriza o Poder Executivo a abrir o crédito especial de Cr\$ 1.200.000, para atender à despesa de aquisição de um ônibus pela Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.)

### **2º FONTES ORAIS**

- Antônio José da Silva - Entrevista concedida à autora no dia 18 de novembro de 2014.
- Francisco da Silva Filho – Entrevista concedida à autora no dia 22 de novembro de 2017.
- Heronides Dias de Barros- Entrevista concedida à autora no dia 15 de junho de 2017.
- José Valdery Pereira – Entrevista concedida à autora no dia 25 de janeiro de 2017.
- Juvenal Dias Pereira – Entrevista concedida à autora no dia 25 de janeiro de 2017.
- Leonardo Félix de Queiroz - Entrevista concedida à autora no dia 23 de janeiro de 2017
- Maria do Carmo Henriques Meira - Entrevista concedida à autora no dia 04 de janeiro de 2018.
- Maria do Carmo Nicolau – Entrevista concedida à autora no dia 09 de fevereiro de 2017
- Maria Eliza da Silva- Entrevista concedida à autora no dia 22 de novembro de 2017
- Rita de Cássia Cavalcante – Entrevista concedida à autora no dia 20 de abril de 2017.

### **3º FONTES IMPRESSAS (JORNAL)**

- O Papagaio – Remígio- 31 de Dezembro de 1946 a 05 de Janeiro de 1951 (Exemplares avulsos pertencentes à Adalgisa Bronzeado Duarte (in memória), cedidos por sua sobrinha Socorro Duarte)
- A Voz de Remígio – Remígio- 1948 -1950 (Idem)
- Diário Oficial. Quinta-feira, 11 de Dezembro de 1958.
- Jornal Despertar – Remígio- (1980 a 1990) (Exemplares avulsos pertencentes e cedidos por Marenilson Batista)

#### **4º ICONOGRAFIA**

Acervo do Museu Virtual de Remígio: <https://www.facebook.com/museu.remigio>

#### **ARQUIVOS E CARTÓRIOS**

- Arquivo da Câmara Municipal de Remígio
- Cartório Maia de Albuquerque na cidade de Areia
- Cartório Único de Remígio

#### **MEIO ELETRÔNICO E DE ACESSO ON-LINE**

**Rede social (Facebook):** Museu Virtual de Remígio:

<https://www.facebook.com/museu.remigio>

**Blog Meu Remígio:** <http://meuremigio.blogspot.com.br/>



## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 3.ed.,2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. **Manual de História Oral**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2005.

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político- econômicas e práticas culturais (1880-1925)**. – Campinas, SP: UNICAMP, tese de doutorado, 2001.

ARAÚJO, Erick Assis de. **Nos labirintos da cidade: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza**. – Fortaleza: INESP, 2007.

BARROS, José D’Assunção. **Cidade e história**. – 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BARROS, José D’Assunção. **Teoria da História. Conteúdo V: A Escola dos Annales e a Nova História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. – São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Burke, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008;

BURKE, Peter. **Testemunha ocular- história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho, - Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)**. João Pessoa: UFPB/PPGS, 2007 (Tese de doutorado em Sociologia).

\_\_\_\_\_. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e História** – Campina Grande, UFCG, 2009.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi – Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

CAMARGO, L. A. R.; SILVA, M. R. **Os clubes sociais e recreativos e o processo civilizatório brasileiro: uma relação de hábitos e costumes.** In: SIMPOSIO INTERNACIONAL PROCESO CIVILIZADOR. **Anais...** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**; tradução Enid Abreu Dobránsky - Campinas, SP: Papirus, 1995 – Coleção Travessia do século.

\_\_\_\_\_. **A escrita da história**/ tradução de Maria de Lourdes Meneses. Revisão Técnica de Arno Vogel. – 2.ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**; 18. Ed. Tradução de Epharim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 12.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **As singularidades da modernização na cidade da Parahyba, nas décadas de 1910 a 1930.** Tese de doutorado. Recife, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CUNHA, Elizabeth Cristina do Nascimento. **Remígio em cena: lazer, prazer e diversão com a chegada do cinema em Remígio – PB a partir de 1949.** Monografia. História. UFCG, 2013.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular-** Debates, São Paulo: Perspectiva. 1976.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin: memória, história e narrativa.** In: Revista *Mente Cérebro e Filosofia*. São Paulo: DUETTO, 2009, vol.7

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**; Tradução de Vera Mello Joscelyne. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértio, 1990.

HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural.** Tradução Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** 3ª ed. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão... – 6ª ed. - Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2014.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 3.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. – 5. ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Guia Prático de História Oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. – São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os novos rumos da história oral**. In: Caminhos da História: coletânea de trabalhos apresentados no Simpósio Internacional Os rumos da História / Osvaldo Coggiola (organizador). – São Paulo: Xamã, 2006.

MELO, Francisco de Assis. **Moleques do Palma**. – João Pessoa: Editora Imprell, 2009. 128 p.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **Percursos historiográficos e metodológicos da contemporaneidade**. In: Depois da utopia: a história oral em seu tempo. Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa de Magalhães, (org.) – São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2013.

\_\_\_\_\_. **História oral, caminhos e descaminhos**. Revista brasileira de história: memória, história, historiografia, São Paulo, ANPUH/Ed. Marco Zero, v. 13, n. 25/26, p. 55-65, set. 1992/ago. 1993.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury, Projeto história, n. 10, São Paulo, p. 7-27, dez. 1993.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. E o Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaio de história social da cultura**. Maria Clementina Pereira Cunha (org.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 27, nº 53, p.11-23, 2007.

\_\_\_\_\_. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 279-290.

\_\_\_\_\_. **História e história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales- A inovação em história.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX.** – Recife: FUNDARPE, 1997.

\_\_\_\_\_. **Cidade e modernidade: Registros históricos do amor e da solidão no Recife dos anos 1930.** In: MONTENEGRO, Antonio Torres; NETO, Regina Beatriz Guimarães; REZENDE, Antônio Paulo (et al.). **História: cultura e sentimento: outras Histórias do Brasil.** Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. Da UFMT, 2008. p.45-71

SECCHI, Bernardo. **A cidade do século vinte.** Tradução e notas Marisa Barda.- São Paulo: Perspectiva, 2009.

SERAFIM, Péricles Vitório. **Remígio: Brejos e Carrascais.** João Pessoa. Editora Universitária. 1992.

SILVA, Marcos Ruiz da. **Clubes sociorecreativos centenários: espaços da memória do esporte e lazer nacional.** Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. 2015. Florianópolis-SC.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

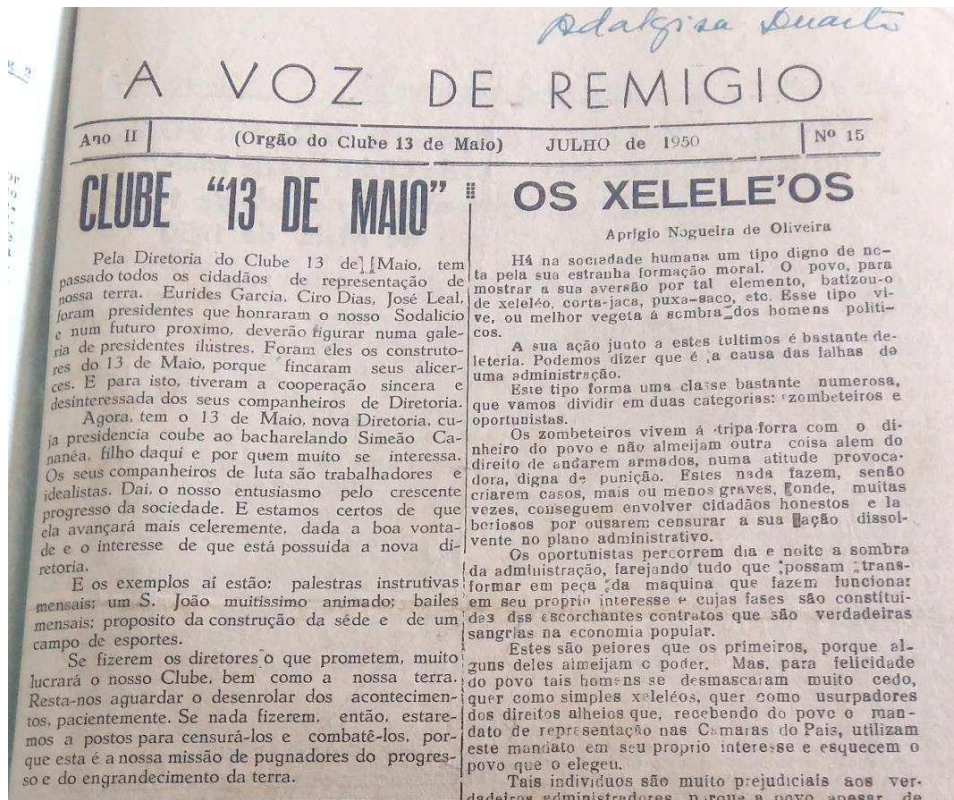
SOUZA JÚNIOR, Xisto Serafim de Santana de. **A produção de espaço urbano de Joao Pessoa- PB: uma análise a partir das práticas socioterritoriais dos movimentos sociais urbanos.** 1. ed.- Campina Grande: Edufcg, 2012.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos: Sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965).** Tese de doutorado. Recife. 2002.

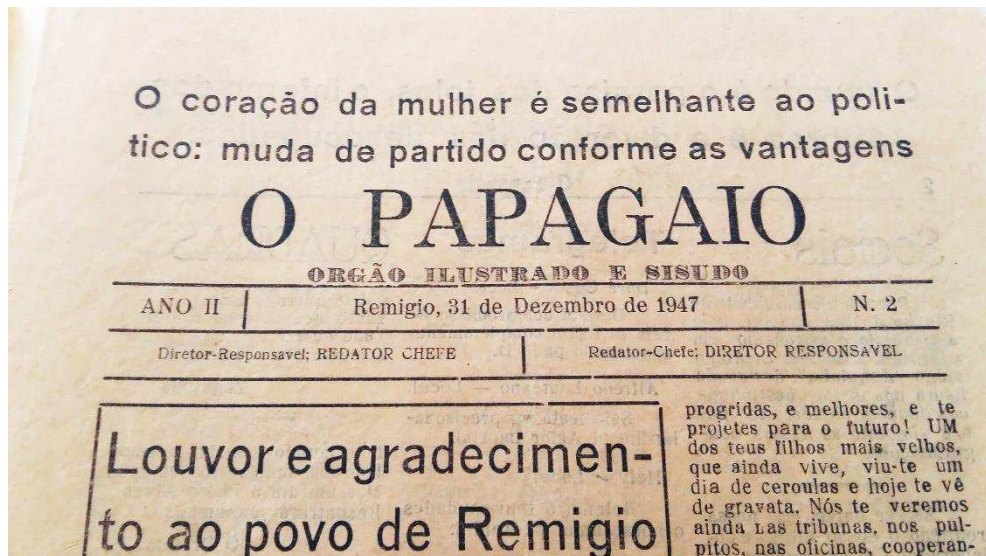
\_\_\_\_\_. **Os clubes sociais em Campina Grande: espaços de sociabilidades, lugares de exclusão.** In: ANDRADE, Joel Carlos de Souza; DANTAS, Eugênia Maria; BURITI, Iranilson Oliveira; SOUZA, Antônio Clarindo B. (Orgs.). **Cultura e cidades.** 1. ed. Campina Grande: EDUFCEG, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura.** São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

## **ANEXOS**

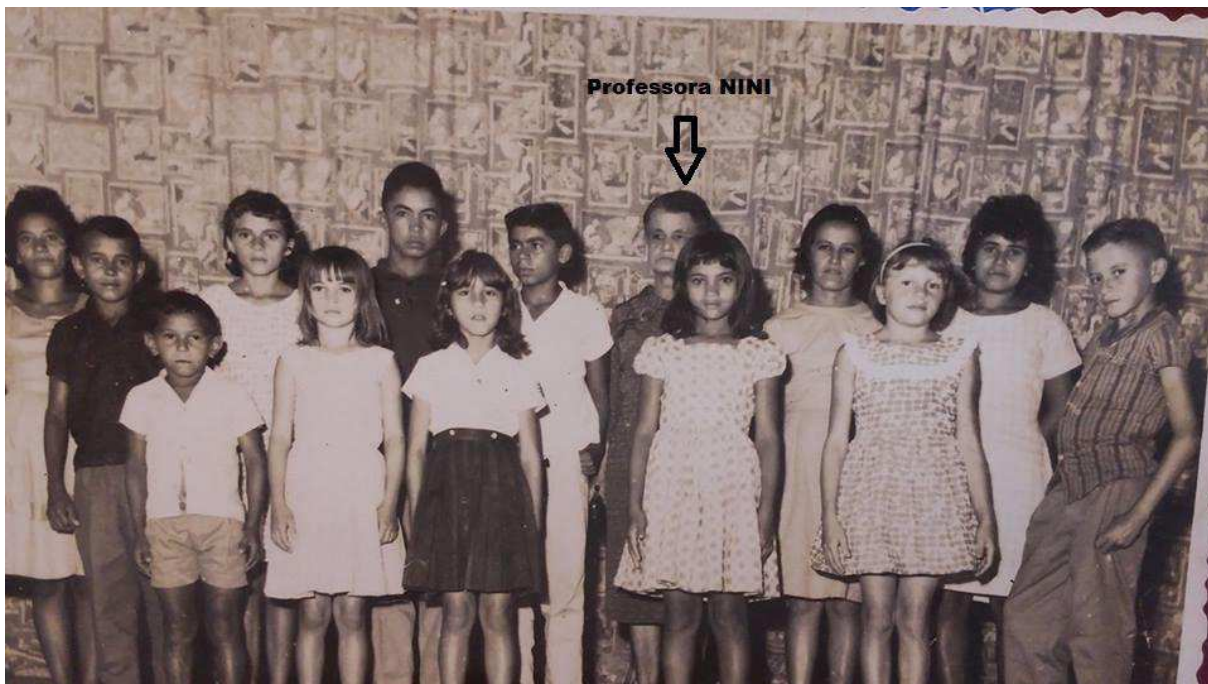


Anexo 1: Recorte do Jornal A VOZ DE REMÍGIO. Edição de Julho de 1950.



Anexo 2: Recorte do jornal O PAPAGAIO. Edição de 31 de dezembro de 1947.





**Anexo 3:** Professora Nini Henriques com alguns dos alunos do curso primário em Remígio-PB. Fonte: Acervo pessoal de Maria do Carmo Henriques Meira.



**Anexo 4:** Luiz da Costa Araújo Bronzeado, no discurso da emancipação política de Remígio no dia 31 de março de 1957. Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.remigio>.





**Anexo 5:** José Leal dos Santos. Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.remigio>.

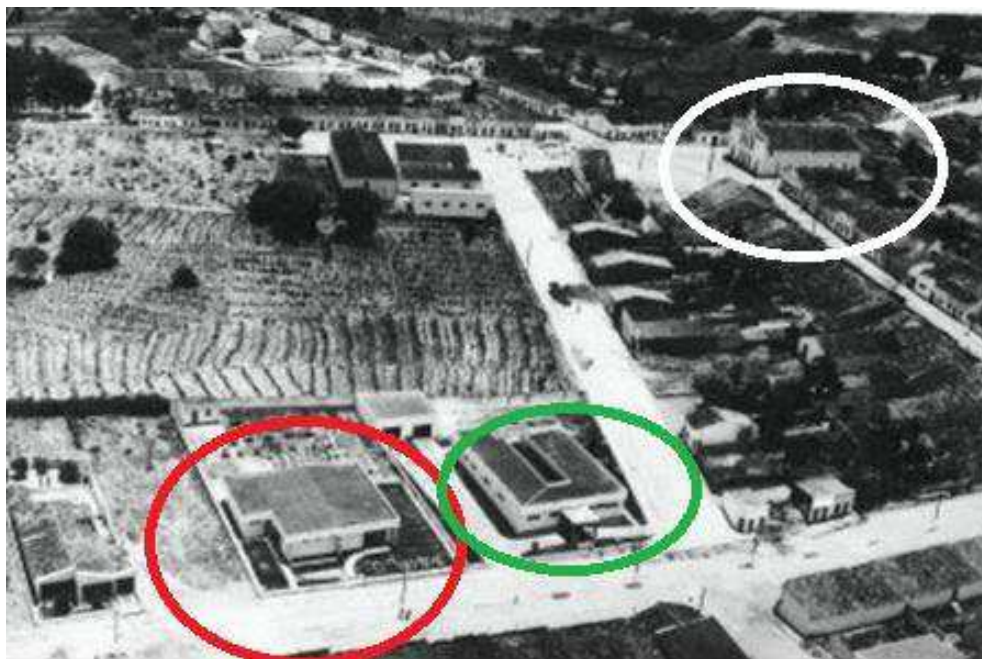


**Anexo 6:** Epitácio da Costa Araújo Bronzeado. Primeiro prefeito da cidade de Remígio e primeiro presidente da S.A.E.R. Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.remigio>

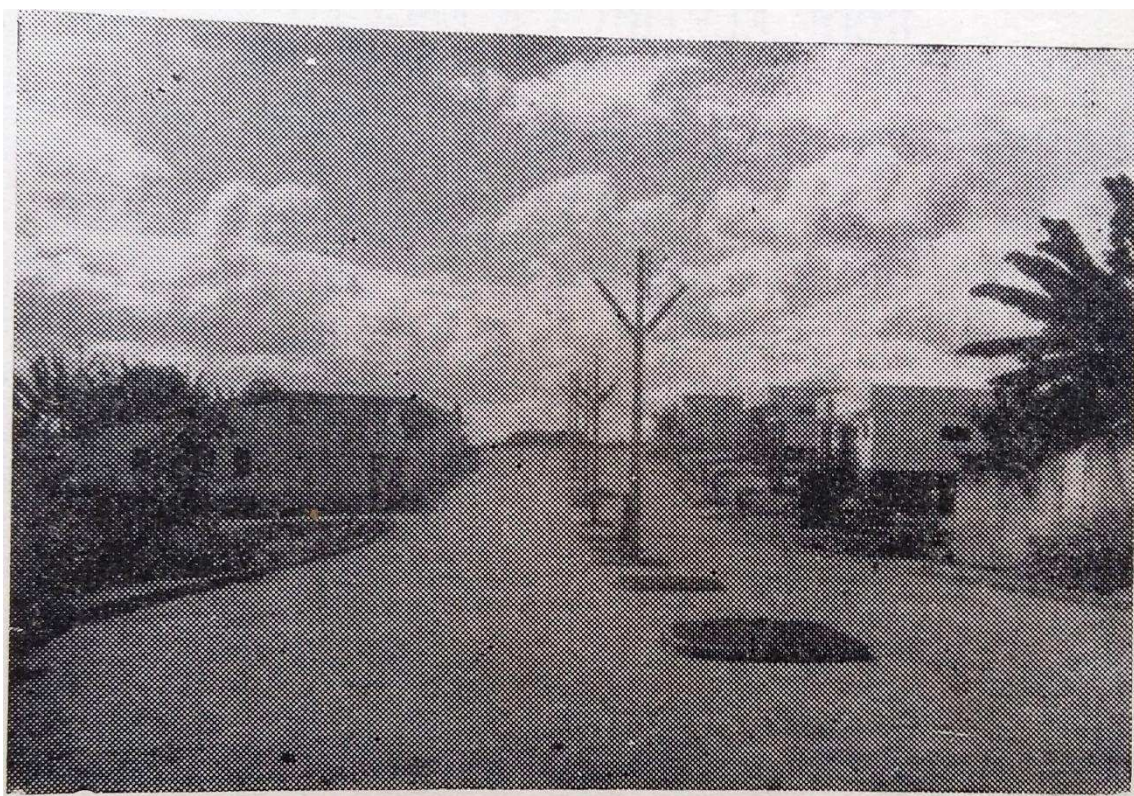


**Anexo 7:** Rua João Pessoa com energia elétrica na década de 1950. Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.remigio>.





**Anexo 8:** Localização da S.A.E.R.(vermelho) da Prefeitura Municipal (verde) e da Igreja (branco) no ano de 1968. Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.remigio>.

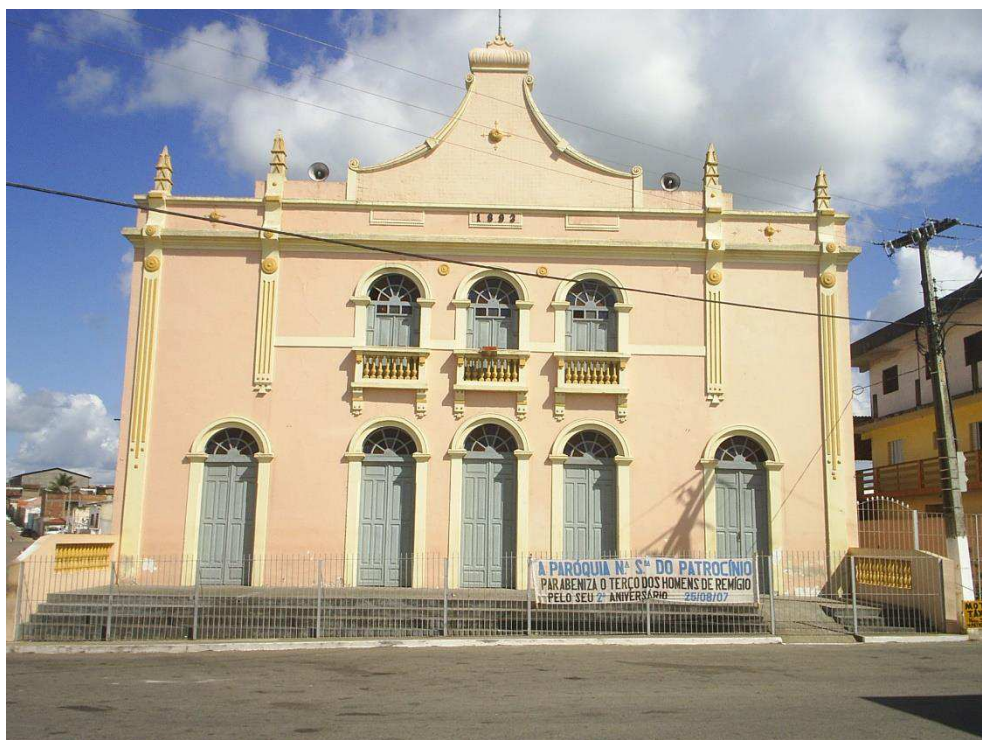


**Anexo 9:** Avenida primeiro de Novembro, com abertura, iluminação e calçamento em 1968. Fonte: Revista Avante. Publicação anual. Ano 4, Nº 4. Edição Nordeste.1968.





**Anexo 10:** Rua João Pessoa e o primeiro prédio que funcionava a Prefeitura Municipal de Remígio. Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.remigio>.



**Anexo 11:** Igreja Nossa Senhora do Patrocínio. Ano: 2007. Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.remigio>.



**Anexo 12:** Antigo Cine São José e atual Cine RT. Ano: 2017. Fonte:  
<http://www.cadernodematerias.com/2017/11/em-remigio-tem-cinema.html>. Acesso em 16/01/2018.